



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCO MANOEL DA SILVA JÚNIOR

**PERTENCIMENTO AFRO NUMA FORMAÇÃO PARA ERER NA ESCOLA:
PESQUISA PRETAGÓGICA NUMA COMUNIDADE NEGRA DO INTERIOR DO
CEARÁ (MACACO/ITAPIPOCA)**

FORTALEZA

2024

FRANCISCO MANOEL DA SILVA JÚNIOR

PERTENCIMENTO AFRO NUMA FORMAÇÃO PARA ERER NA ESCOLA:
PESQUISA PRETAGÓGICA NUMA COMUNIDADE NEGRA DO INTERIOR DO
CEARÁ (MACACO/ITAPIPOCA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação brasileira.

Orientador: Profª Dra. Sandra Haydée Petit.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- S58p Silva Júnior, Francisco Manoel da.
Pertencimento afro numa formação para Erer na escola: pesquisa pretagógica numa comunidade negra do interior do Ceará (Macaco/Itapipoca) / Francisco Manoel da Silva Júnior. – 2024.
133 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.
1. Pertencimento afro. 2. Erer. 3. Pretagogia. I. Título.
-

CDD 370

FRANCISCO MANOEL DA SILVA JÚNIOR

PERTENCIMENTO AFRO NUMA FORMAÇÃO PARA ERER NA ESCOLA: PESQUISA
PRETAGÓGICA NUMA COMUNIDADE NEGRA DO INTERIOR DO CEARÁ
(MACACO/ITAPIPOCA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação brasileira.

Aprovado em:13/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Sandra Haydée Petit (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Prof. Dr. Alex Ratts

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profª Dra. Rebeca Alcântara e Silva Meijer

Universidade de São Paulo (USP)

Dedico a todos os ascendentes e descendentes da Comunidade do Macaco das Famílias Bilucas, Manel e Frota. Aos meus pais Francisco Manoel da Silva e Maria Teixeira, a minha segunda mãe professora Luiza de Theodoro Vieira!

AGRADECIMENTOS

À Espiritualidade em primeiro lugar, à Ancestralidade, por ter me enviado toda a benção e energia necessárias para a realização desse trabalho.

Aos meus pais Francisco Manoel da Silva e Maria Teixeira da Silva que fizeram todo o esforço para garantir a formação humana e acadêmica que me ajudou a realizar o meu sonho de cursar um mestrado.

À minha esposa e filha Maria do Rosário (Rosinha) a Luanda Raquel, ao Jorge, Francisca Maria (Novinha) que quando criança tinha a responsabilidade de me acordar para eu não perder as aulas, a Maria de Fátima (Tatinha) irmão e irmãs que durante toda a vida me deram amor e carinho.

Ao Corpo Docente, Direção, Coordenação e Funcionários da Escola Josefa Pereira de Sousa, sem o total apoio de todos, diante de tantas dificuldades essa pesquisa não teria acontecido.

À Maria Pereira, Manoel Cordeiro, Benedita e Ciro Alberto que me acolhem em suas casas, pessoas maravilhosas que sempre nos recebem em suas casas, com as valorosas ofertas da rede na varanda e comidas deliciosas.

À Professora Dr.^a Sandra Haydée Petit, por sua amizade e profissionalismo, pelo seu convite e o acolhimento do NACE, lugar onde iniciei o contato com a Pretagogia, participando de estudos e eventos que me ajudaram a construir esse projeto de pesquisa, O seu intenso apoio e dedicação como orientadora, são refletidos na qualidade dessa pesquisa

Ao professor Rafael Ferreira que deu a sua valorosa contribuição na condução do segundo encontro, que gerou ótimos resultados para essa pesquisa.

A Alessandra Masullo e Lara Borges pela enorme contribuição na participação do Artigo científico Pretagogia na implementação da ERER: árvore dos afrossabere se estações de aprendizagem como caminho de fortalecimento do pertencimento afro de professoras/es numa comunidade negra do Ceará-Brasil, detalhe importantíssimo para a minha conclusão desse Mestrado.

À primorosa banca avaliadora, que desde a qualificação contribuiu para a otimização da pesquisa, composta pelas professoras Doutoras Sandra Haydée Petit, Rebeca de Alcântara e Silva Meijer e o professor Doutor Alex Ratts.

“Sou filho da África memória da mãe é a pele.
é preciso que a gente revele a beleza que tem”
(Manu Kelé, 2024).

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com professoras/es da escola Josefa Pereira de Sousa (infantil/fundamental), na Comunidade de Macaco, no município de Itapipoca/CE/Brasil. Trata-se de uma pesquisa formação, que aconteceu no período entre março e novembro de 2023 com 10 professoras e 2 professores, mediante cinco encontros formadores, que tiveram como abordagem a Pretagogia. O ponto de partida da pesquisa foi a vontade de contribuir com a comunidade de pertencimento da minha família, com base na problemática das dificuldades que as pessoas docentes da escola Josefa Pereira de Sousa encontram para realizar ações pedagógicas que efetivem o cumprimento da Lei 10.639/2003. Mesmo sendo uma comunidade negra apresentando fatores de aquilombamento (território originado por três famílias negras em 1910, que lutaram arduamente pelo assentamento de sua descendência, nome da escola prestigiando ancestral da comunidade, manutenção até hoje de vários elementos significativos do patrimônio cultural material e imaterial afro-brasileiro), o currículo da escola se ressentia pela baixíssima representatividade de conteúdos da história e cultura afro-brasileira e africana, sequer mencionados no atual PPP (projeto político-pedagógico), contrariando 20 anos de existência de marco legal exigindo obrigatoriedade. Decerto, algumas pessoas docentes da escola relatam ter realizado práticas pedagógicas que remetem à cultura afro-brasileira, no entanto foi de modo tímido e pontual, sem apoio qualificado em termos de formação e nem material didático e paradidático fundamentado. Sabemos que tal negligência da implementação da EREER é mais comum no Brasil onde 77% dos municípios em 2023 ainda não incorporaram no currículo (Alana/Geledés: 2023). Por isso se torna em 2024, umas das prioridades colocadas pela SECADI (Secretaria da Diversidade) a de garantir as formações em EREER de gestão e docência, bem como o monitoramento dos resultados, hoje ainda tão lacunários. No âmbito dessa pesquisa, nosso foco limitou-se ao fortalecimento do pertencimento afro das pessoas docentes da escola, por perceber a dificuldade que a maioria demonstra de identificação e valorização dos seus afrossaberes, sendo tal aspecto um obstáculo que a Pretagogia aprendeu a enfrentar de forma eficiente. Essa realidade nos levou às seguintes questões: Quais afrossaberes e elementos de pertencimento afro estão presentes no cotidiano das professoras e professores dessa comunidade negra? De forma correlata indaguei: o que uma formação pretagógica voltada para a identificação dos afrossaberes do corpo docente suscita em termos de compreensão da importância da implementação da EREER? Como a conjugação dos dispositivos da Árvore dos Saberes e das Estações de Aprendizagem pode propiciar o fortalecimento do Pertencimento Afro? O objetivo principal foi: - realizar uma pesquisa pretagógica voltada para o

fortalecimento do pertencimento afro das pessoas docentes da escola estudada, levantando seus afrossaberes e trabalhando com as Estações de Aprendizagem. Os objetivos específicos foram:

- partir do exemplo do meu próprio pertencimento e relação prévia com essa comunidade como pré-etape para a realização do levantamento dos afrossaberes da turma em formação;
- utilizar dispositivos pretagógicos para que as professoras e professores identifiquem e valorizem seu histórico particular a partir das dimensões das africanidades presentes na comunidade negra de seu pertencimento;
- contextualizar a EREER e o marco legal das Diretrizes correspondentes, contribuindo para a compreensão da importância dessas conquistas para a população negra – servir de estímulo ao grupo de docentes da escola Josefa Pereira de Sousa para que (re)inicie de maneira efetiva a implementação da EREER na referida escola.

Do ponto de vista metodológico foram realizados os seguintes passos:

- contextualização histórica da EREER e Pretagogia
- apresentação dos afrossaberes do pesquisador através dos dispositivos *Árvore dos Afrossaberes*, *Minha Música*, *Meu Pertencimento* e *Estações de Aprendizagem* para aplicação desses dispositivos com o grupo docente da escola da comunidade para diálogo sobre as características do seus pertencimentos afro, estudo do livro Pretagogia da Professora Sandra Petit; planejamento de atividade pedagógica com livros paradidáticos.

O diálogo bibliográfico foi com: Sandra H. Petit (2011), Henrique Cunha Jr (2011), Alecsandro Ratts (2011), Kabengele Munanga (2005), Geranilde Costa e Silva (2013), Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (2012) Maria Kellynia Farias Alves (2015), Amadou Hampâté Bâ (2003), Claudia Oliveira da Silva (2016), Nilma Gomes (2011), dentre outras pessoas de referência na área de Pretagogia, de EREER e africanidades em geral. Do ponto de vista dos achados, apesar do tempo exíguo da formação, ficou evidenciada a riqueza de elementos do patrimônio local afro-brasileiro e afrocearense que podem subsidiar uma futura implementação da EREER na escola, a partir da grande diversidade de afrossaberes e marcadores das próprias pessoas docentes e de seus estudantes, o que exigirá tomada de decisão coletiva de incidir mais com EREER no PPP, em teoria e na prática. Também, ficou entendido que a Secretaria de Educação de Itapipoca precisa manifestar sua vontade política para implementação efetiva da obrigatoriedade curricular legal dos conteúdos afro-brasileiros e africanos nas escolas, devendo buscar também qualificar suas ações em consonância com as necessidades já diagnosticadas pela Política Nacional Educacional em matéria de EREER, sendo os NEAB's experientes do estado do Ceará parceiros a serem considerados nessa política.

Palavras-chave: pertencimento afro; Erer; pretagogia.

ABSTRACT

This research was carried out with teachers from the Josefa Pereira de Sousa school (infant/elementary), in the Community of Macaco, in the municipality of Itapipoca/State of Ceará/Brazil. This is training research, which took place between March and November 2023 with 10 women teachers and 2 male teachers, through five training meetings, which had Pretagogy as an approach. The starting point of the research was the desire to contribute to the community my family belongs to, based on the problem of difficulties that teachers at the Josefa Pereira de Sousa school encounter in carrying out pedagogical actions that comply with Law 10.639/2003. Even though it is a black community presenting factors of quilombamento (territory originated by three black families in 1910, who fought hard for the settlement of their descendants, name of the school honoring the community's ancestor, maintenance to this day of several significant elements of the material and immaterial Afro Brazilian cultural heritage), the school's curriculum suffers from the very low representation of content from Afro-Brazilian and African history and culture, these are not even mentioned in the current PPP (political-pedagogical project), contradicting 20 years of existence of a legal framework requiring mandatory provision. Certainly, part of teaching staff at the school report having carried out pedagogical practices that refer to Afro-Brazilian culture, however this was done in a timid and punctual manner, without qualified support in terms of training or well-founded didactic and paradidactic material. We know that such neglect of ERE implementation is common in Brazil where 77% of municipalities in 2023 have not yet incorporated it into curriculum (Alana/Geledés, 2023). Therefore, in 2024, one of the priorities placed by SECADI (Secretariat for Diversity) is to guarantee training in ERE for management and teaching staff, as well as monitoring the results, which are still so lacking today. Within the scope of this research, our focus was limited to strengthening the African sense of belonging of the school's teaching staff, as we noticed the difficulty that the majority demonstrate in identifying and valuing their Afro-knowledge, this aspect being an obstacle that Pretagogia has learned to face in an efficient way. This reality led us to the following questions: What elements of Afro belonging and markers of Africanities are present in the daily lives of teachers in this black community? Relatedly: What does a pretagogical training aimed at identifying the teaching staff's Afro-knowledge raise, in terms of understanding the importance and motivation for implementing the ERE? Thus, the main objective was: - to carry out pretagogical research aimed at strengthening the Afro-Brazilian belonging of the teaching staff at the studied school. The specific objectives were: - to use the example of my own belonging and previous relationship with this community as a

pre-step for carrying out a survey of the Afro-knowledge of the group in training; - use pedagogical instrumentals so that teachers identify and value their particular history based on the dimensions of Africanities present in the black community to which they belong; – contextualize the EREER and the legal framework of the corresponding Guidelines, contributing to the understanding of the importance of these achievements for the black population – to serve as a stimulus for the group of teachers at the Josefa Pereira de Sousa school to effectively (re)start the implementation of EREER in that school. From a methodological point of view, the following steps were carried out: - historical contextualization of EREER and Pretagogia - presentation of the researcher's Afro-knowledge through the instrumentals Tree of Afro-knowledge and My Music, My Belonging; application of these methodologic tools, with the teaching group of studied school to dialogue about the characteristics of their Afro belonging, study of the book Pretagogia by Professor Sandra Petit; planning pedagogical activities with textbook and infant/juvenil literature. The bibliographic dialogue was with the following reading references: Sandra H. Petit (2011), Henrique Cunha Jr (2011), Alecsandro Ratts (2011), Kabengele Munanga (2005), Geranilde Costa e Silva (2013), Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (2012) Maria Kellynia Farias Alves (2015), Amadou Hampâté Bâ (2003), Claudia Oliveira da Silva (2016), Nilma Gomes (2011), among other reference people in the area of Pretagogy, Ethnic Racial Education and Africanities in general. From the point of view of the findings, despite the limited training time, the richness of elements of the local Afro-Brazilian and Afro-Cearense heritage was evident and this local cultural heritage is enough to support a future implementation of EREER in schools, based on the great diversity of Afro-knowledge and markers of their own teaching staff and students, which will require collective decision-making to focus more on EREER in the PPP, in theory and in practice. Also, it was understood that the Itapipoca Department of Education needs to express its political will for the effective implementation of the mandatory legal curriculum for Afro-Brazilian and African content in schools, and must also seek to qualify its actions in line with the needs already diagnosed by the National Educational Policy in terms of EREER, with experienced NEABs (ethnic racial groups of studies) from the state of Ceará being partners to be considered in this policy.

Keywords: afro belonging; Erer; pretagogy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CONTEXTO DE SURGIMENTO DA COMUNIDADE DO MACACO E SUA ESCOLA.....	16
2.1	Quilombo: espaço de resistência do povo negro no desterro.....	18
2.2.1	<i>Professor Pretextato: resistência negra na educação do sec. XIX.....</i>	21
2.2.2	<i>Marcos vitoriosos da Resistência Negra em anos mais recentes com impacto educação.....</i>	22
2.3	Breves apontamentos sobre os Movimento Negro e Quilombola no Ceará.....	24
2.4	Desafios da implementação da política curricular de EREER hoje.....	27
2.5	Sobre a abordagem da Pretagogia.....	30
2.6	Pertencimento: significados.....	34
2.7	Pertencimento étnico-racial.....	35
2.8	Pertencimento Afro.....	36
3	MEUS ENRAIZAMENTOS.....	38
3.1	Minha Mãe, Maria Jorge.....	38
3.2	Meu Pai, Chico Manel.....	40
3.3	Irmãs e Irmãos.....	41
3.4	O Cantador Poemando.....	41
3.5	Marcadores da infância.....	44
3.6	Marcadores da adolescência e juventude.....	46
3.7	Novos tempos: irmandade no Pátio, amor de Rosário e Luanda.....	49
3.8	Africanidades na Academia.....	50
4	PRIMEIRO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA.....	54
4.1	Primeiro dia da estadia na Comunidade do Macaco.....	54
4.1.1	<i>A acolhida e a apresentação expositiva.....</i>	55
4.2	Minha Música, Meu Pertencimento.....	56
4.3	Apresentação da minha Árvore dos Afrossaberes.....	57
4.4	Segundo momento do primeiro encontro formativo.....	58
4.5	Reflexão sobre o primeiro encontro.....	61
5	SEGUNDO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA.....	64

5.1	Apresentação, acolhida e relaxamento.....	64
5.1.1	Apresentações.....	64
5.1.2	Acolhida/relaxamento.....	65
5.2	Minha Música, Meu Pertencimento.....	66
5.3	Levantamento dos marcadores das africanidades.....	71
5.3.1	Apresentação das Árvores dos Afrossaberes.....	71
5.4	Síntese reflexiva sobre o segundo encontro.....	78
6	TERCEIRO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA.....	81
6.1	Relaxamento e Acolhida.....	81
6.2	Expectativa desse Encontro.....	82
6.3	Terceiro momento: Estudo do Capítulo I do livro Pretagogia.....	84
6.4	Finalizando: avaliando, comendo e cantando.....	89
6.5	Reflexão sobre o terceiro encontro.....	90
7	QUARTO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA.....	92
7.1	Acolhida/relaxamento.....	93
7.2	Breve recapitulação da Árvore dos Afrossaberes com afro objetos e Quadro.....	93
7.3	Apresentação da Árvore dos Afrossaberes pelo grupo novato.....	96
7.4	Apresentação das Diretrizes de 2004.....	99
7.5	Reflexões sobre o quarto encontro.....	103
8	QUINTO ENCONTRO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA.....	106
8.1.	Constituindo acervo das fontes coletadas para a construção das Estações de Aprendizagem.....	106
8.2	Chegança na Comunidade.....	109
8.3	Seleção do Material Utilizado na Vivência das Estações de Aprendizagem na Escola da Comunidade do Macaco.....	110
8.4	Início da Atividade.....	113
8.6	Roda de conversa e avaliação.....	116
8.7	Sobre as respostas à segunda pergunta.....	118
8.8	Reflexão sobre todo o Quinto Encontro.....	119
9	CONCLUSÃO.....	121

REFERÊNCIAS	127
ANEXOS - FOTOGRAFIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa é sobre a possibilidade de fortalecer ou estimular o pertencimento afro e a prática de EREER de um grupo de docentes da escola municipal Josefa Pereira de Sousa que se encontra numa comunidade negra no interior do Ceará e que até então só tinha tido apenas acessos pontuais e fragmentados às discussões etnicorraciais. Realizei a presente pesquisa com professoras/es da escola Josefa Pereira de Sousa (infantil/fundamental), na Comunidade de Macaco, no município de Itapipoca no interior do estado do Ceará. Foi uma pesquisa formação, que aconteceu no período entre março e novembro de 2023 com 10 professoras e 2 professores, mediante cinco encontros formadores, que tiveram como abordagem a Pretagogia. O ponto de partida da pesquisa foi a vontade de contribuir com a comunidade de pertencimento da minha família, originária desse interior com o qual sempre tive períodos de convivência. Hoje identifico como sendo largamente de matriz cultural africana os hábitos e valores que a minha família transportou da Comunidade de Macaco no interior do Ceará para a localização do Trilho onde nasci e fui criado. O Trilho é uma pequena comunidade negra de Fortaleza criada por pessoas pobres vindo do interior, à época muitos eram do distrito de Itapipoca. Essa comunidade está situada entre as Avenidas Santos Dumont e Padre Antônio Tomás, no bairro Aldeota, Fortaleza, um bairro considerado nobre. De modo paradoxal a Comunidade do Trilho resiste desde os anos 1950 cravada no referido bairro, que é uma das áreas mais valorizadas de Fortaleza.

Tenho empenho em partilhar com a comunidade de origem dos meus pais, os conhecimentos que adquiri vivenciando e aprendendo na academia e sobretudo nos movimentos culturais, religiosos (CEBs) e negro, as manifestações e artefatos das africanidades na cultura brasileira. E ainda por ser historiador e professor na educação básica, vivencio cotidianamente os desafios relativos à implementação fragmentada do importante política curricular que o povo negro conquistou no Brasil mediante a lei 10.639/2003 e as decorrentes Diretrizes de 2004. Ambos dispositivos legais constituem a primeira política curricular que contempla os anseios de reconhecimento e valorização da população negra na sua luta por respeito e cidadania num contexto de apagamento histórico de mais de 500 anos. A partir desse marco legal, foi instituída a obrigatoriedade dos conteúdos da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de todo o Brasil, o que representa uma grande conquista como sublinha Nilma Gomes: “ Embora nenhuma lei seja capaz de, por si só, erradicar o racismo, a aprovação da Lei 10.639/03, originária da luta incessante do movimento negro brasileiro e de aliados

antirracistas, marcou um avanço importante na tentativa de superação de práticas e discursos racistas “(Gomes, 2013, Brasil, 2004).

Tendo entrado em contato com a Pretagogia por meio do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses – grupo de estudos sobre EREER), e como professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza lecionando a disciplina de História nas turmas do 6º ao 9º ano, os temas relacionados às africanidades fazem parte de minhas preocupações na escola e na sala de aula. Durante as aulas, tenho incentivado de forma contínua e persistente a fomentado a valorização efetiva da cultura afro-brasileira e africana dentro da sala de aula.

Como compositor, desenhista e cantor, tenho utilizado instrumentais tais como ferramentas metodológicas, recitando, cantando e expondo desenhos autorais, para interferir de forma lúdica, mas reflexiva sobre a importância e a beleza de ser negro, na expectativa de fortalecer a implementação da EREER na escola.

A presença espiritual dos ancestrais da Comunidade Macaco em Itapipoca, me sensibilizou e me incentivou a fazer um movimento *sankofa*, isto é, uma volta ao passado para pegar o que deixei atrás, que é o significado dessa palavra, ideograma da etnia ganense Akan, que anda com os pés para frente olhando para trás. Com isso quis realizar uma pesquisa que ajude não só a escola local desse território, mas de todas as outras que se encontram no município de Itapipoca e no resto do Ceará, estado do Nordeste que possui quase 70% de população preta e parda (IBGE, 2022).

Num pequeno levantamento da historicidade da Comunidade do Macaco, notei a existência nesse território de uma luta coletiva pela terra protagonizadas por pessoas negras desde 1910. Percebi também vários aspectos culturais transparecidos no depoimento de professores e professoras da escola pública local quem me fizeram acreditar no pertencimento afro da comunidade tais como: as brincadeiras do passado, os exemplos de senso comunitário presente nos mutirões, as práticas culturais tradicionais como o uso das plantas medicinais, as promessas feitas para São Benedito, dentre outros aspectos.

Embora professoras e professores da escola estudada possuíssem algum grau de consciência desse pertencimento afro, infelizmente têm dificuldade em implementar no currículo escolar existente conteúdos e práticas de aprendizagem condizentes com os propósitos da lei 10.639/2003 e das Diretrizes Nacionais de EREER de 2004. Ao longo de sua existência oficial desde 1995 houve pouquíssimas ações diretas ou indiretas na Escola de Educação Básica Josefa Pereira de Sousa que efetivassem o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

Questões referentes a tais assuntos eram tratadas de forma elementar nas datas comemorativas como o 20 de novembro ou em agosto, mês do “folclore”.

Diante dessa problemática, considerei a pertinência de recorrer à Pretagogia que é uma abordagem teórico-metodológica que incentiva a pesquisa formação pois tem como um dos seus objetivos contribuir para a formação em EREER do corpo docente e gestão na compreensão básica das dimensões filosófico-histórico-culturais das africanidades. Intenciona também sugerir caminhos didático-pedagógicos mediante dispositivos que coloquem em prática esses aportes no cotidiano escolar. Nesse sentido, mesmo tendo sido embrionária pelas condições limitantes de imersão em campo do pesquisador, formulei as seguintes perguntas e objetivos para essa investigação: “Quais afrossaberes e elementos de pertencimento afro estão presentes no cotidiano das professoras e professores dessa comunidade negra? De forma correlata indaguei: o que uma formação pretagógica voltada para a identificação dos afrossaberes do corpo docente suscita em termos de compreensão da importância da implementação da EREER? Como a conjugação dos dispositivos da Árvore dos Saberes e das Estações de Aprendizagem pode propiciar para o fortalecimento do Pertencimento Afro? ”.

Para responder a essas interrogações busquei, como principal objetivo:

- Realizar uma pesquisa pretagógica voltada para o fortalecimento do pertencimento afro das pessoas docentes da escola estudada, levantando as dimensões das africanidades nas suas vidas através de dispositivos pretagógicos com ênfase na Árvore dos Saberes.

Os objetivos específicos foram:

- Partir do exemplo do meu próprio pertencimento e relação prévia com essa comunidade como pré-etapa para a realização do levantamento dos afrossaberes da turma do grupo docente da escola Josefa Pereira de Sousa;

- Utilizar dispositivos pretagógicos (Árvore dos Afrossaberes; Minha Música, Meu Pertencimento; Mandala dos afro objetos; Estações de Aprendizagem) para que as professoras e professores identifiquem e valorizem seu histórico particular a partir das dimensões das africanidades presentes na comunidade negra de seu pertencimento;

- Contextualizar a EREER e o marco legal das Diretrizes correspondentes, contribuindo para a compreensão da importância dessas conquistas para a população negra;

- Servir de estímulo ao grupo de docentes da escola Josefa Pereira de Sousa para que inicie de maneira efetiva a implementação da EREER na referida escola.

2 CONTEXTO DE SURGIMENTO DA COMUNIDADE DO MACACO E SUA ESCOLA

A historicidade da Comunidade do Macaco, revelou que existe uma origem negra de três famílias que fundaram esse território no século passado, num ato de resistência em 1910. Essas famílias são respectivamente os *Manel*, os *Bilucas* e os *Frotas*. Até tentei conhecer algo sobre a chegada dos Frotas, mas infelizmente nas conversas com as pessoas da comunidade que tive durante o tempo da pesquisa, não me foi revelado. Mas consegui saber sobre a chegada dos Manel que fazem parte da linhagem do meu pai e dos Bilucas que fazem parte da minha linhagem materna.

Entrevistei junto com o professor Rafael Ferreira, o Senhor Geraldo Barbosa de Holanda que, em seu depoimento revelou alguns detalhes importantes sobre a chegada do primeiro representante da Família Manoel à comunidade do Macaco. O Senhor Geraldo Narra que:

[...]A noite marcaram a hora de brigar, disseram nós vamos surrar o veio que tinha uma calça preta, o Pai do veio Antonio Manel, quando chegaram lá eles esqueceram. Ai o pessoal que chegou não sabia qual era a calça preta e eles pegaram a pessoa do outro lado contrário, que apareceu, que tinha uma calça preta. Mataram o pessoal do outro lado contrário, e ficou complicado, mas não foi o pessoal do veio Antônio Manel não. Aí o Major Liberato, foi buscar ele pra cá, eu nem sei nem qual é a data (Entrevista com Geraldo, abril, 2023).

Escutei desde criança essa narrativa, que era costumeiramente contada pelos meus pais e tios, diziam sempre que o meu avô paterno, Paitoê (Antônio Manoel) chegou na comunidade do Macaco fugido, por questões que envolviam a luta pelas terras e foi recebido na época pelo Major Liberato Barroso.

Antes do falecimento da tia Luiza Biluca, prima da minha mãe, octogenária, numa conversa informal em sua casa, perguntei como a sua mãe, Josefa Pereira de Sousa e sua família tinham chegado à comunidade do Macaco. Ela afirmou que a família se deslocou para a Comunidade do Macaco fugida da Fazenda Velha, uma comunidade localizada nas proximidades, por causa da briga por terras, outras famílias brigaram e tomaram as terras que pertenciam a sua mãe de nome Catirina, fato que nos revela um aspecto importante sobre os primeiros movimentos de ocupação da Comunidade.

As narrativas de ocupação se assemelham e estão na memória coletiva dos que pertencem a comunidade professora Maria Erli também me contou sobre a chegada do meu avô:

Então, assim, se você conversar com as pessoas mais idosas, você vai conversar aí com Junior. Assim, no Chico Brando. Muitas vezes eles ocultam, porque você sabe que a primeira pessoa que veio foi o seu Manoel, né? Ele veio fugido já de uma briga que teve lá. Eles foram.... Aconteceu que ele foi matar uma pessoa. E foi outra pessoa que eles atacaram. Na época, na década de 10. Aí veio o meu bisavô, que foi o... O nosso bisavô, o pai da mãe, Então assim foi, eles começaram a chegar. Então começaram a poupar. Então foi assim, três moradores que vieram. Então daqui começaram a surgir. Então, quando chegaram, eles encontraram. Então entraram. Eles ficaram escondidos daqui porque (Entrevista com Maria Erli, abril, 2024).

A saga das famílias do Macaco não é diferente a de outros lugares de população negra e afrodescendente como nos revela o exemplo das comunidades da serra do Juá, na região de Caucaia no Ceará, pesquisadas pela professora e pesquisadora Claudia Oliveira da Silva em sua dissertação de mestrado:

Em meados do Século XIX , aproximadamente , algumas famílias migraram e se instalaram na extensão da Serra do Juá, formando diversos grupos familiares, porém todos eles com ligação de origem e parentesco. Esses pequenos povoados são denominados Palmeiras, Tiunvira e São Domingos. Com o passar dos anos, todas as famílias se juntaram na serra do Juá, formando um grande povoado, concomitantemente com as famílias que desceram para a comunidade de Porteiras e outras localidades (Silva, 2016, p. 35).

A formação da comunidade do Macaco e das comunidades circunvizinhas apresentam forte semelhança com o processo que originou a comunidade da Serra do Juá, em outra parte do Ceará, hoje autodeclarada quilombo, pois lá também existem fortes laços de parentescos entre as pessoas.

Atualmente a comunidade do Macaco é reconhecida como assentamento, é uma comunidade majoritariamente negra, com características que a aproximam aos quilombos da região como o do Nazaré em Itapipoca, ou ainda do pessoal de Tururu, município próximo.

Já a história da escola Josefa Pereira de Sousa cujo nome homenageia uma das ancestrais da comunidade, segundo descrito no PPP (projeto político pedagógico) seu processo de criação se deu nos anos 1990 quando as professoras Antônia Teixeira de Sousa, Maria Marly de Sousa, Maria Lucineide Ludovico Leitão e Benedita de Sousa Nascimento lecionavam no salão comunitário Antônio Pinheiros de Freitas. As merendeiras na época eram Maria Eli de Sousa Barbosa e Maria Elim Eufrásio de Sousa que juntamente com a comunidade e a vereadora Isabel Cristina, reivindicaram ao prefeito da época, Vicente Antenor Ferreira Gomes Filho, a

construção de uma escola para abrigar as crianças que estudavam no salão comunitário e na residência das professoras. O mesmo atende ao pedido construído um prédio com uma sala de aula, dois banheiros, uma cantina, uma secretaria e um depósito de merenda. No ano de 1999, na gestão do prefeito Sávio Sampaio Teixeira foram construídas mais duas salas de aulas o que melhorou significativamente o funcionamento da escola (Fonte: Projeto Político Pedagógico, Escola Josefa Pereira de Sousa, Itapipoca texto de Vaneza Kessia, 2023, p.5),

2.2 Breve contextualização histórica da temática

A felicidade do negro é uma felicidade guerreira¹

Nessa contextualização irei abordar os seguintes subtemas: quilombos históricos e quilombos hoje— Professor Pretextato: resistência negra na educação do sec. XIX- marcos vitoriosos da resistência negra em tempos mais recentes com impacto na educação – Resistência no Ceará – Aspectos da política curricular de EREER hoje.

2.2.1 Quilombo: *espaço de resistência do povo negro no desterro*

O racismo que permeia toda a história do Brasil desde sua fundação em 1500, sempre buscou justificar a exploração dos povos colonizados, indígenas e africanos. Mas desde o início dessa ação criminosa, negros e indígenas resistiram, entre as formas de resistência, podemos considerar no que tange ao povo negro, a formação de quilombos, como uma das formas mais expressivas. Os primeiros que aconteceram em plena era escravista e sem perspectiva de retorno à Mãe África constituíram espaços extremamente significativos de liberdade, onde os seus integrantes puderam exercer a sua dignidade humana a partir de suas cosmo percepções. Trago aqui primeiro três exemplos de quilombos históricos que me parece importante destacar como precursores das comunidades negras que temos hoje que nem sempre nasceram no regime escravista, mas foram e são importantes como Resistência Negra.

O mais conhecido dos quilombos da história, foi Palmares, liderado por Zumbi, durou quase cem anos. Foram organizadas várias expedições militares para derrotá-lo. Infelizmente, no dia 20 de novembro de 1695, Palmares foi materialmente derrotado, falo dessa

¹ Gil, 1984.

forma porque o espírito quilombola de Palmares continua presente em cada ação de luta que objetiva acabar com o racismo e a discriminação. Segundo Nei Lopes Palmares era: “Uma Comunidade de escravos fugidos, formada na Serra da Barriga. Capitania de Pernambuco. Entre o Cabo Santo Agostinho e o Rio São Francisco, a partir do século 16. Por volta de 1630, Palmares, reunindo vários aldeamentos já teria cerca de 3.000 aquilombados, desenvolvendo uma agricultura avançada para os padrões locais da época” (Lopes, 2015, p. 129).

O Quilombo de Palmares era tão poderoso que suportou o ataque de 66 expedições, a estratégia geográfica de construir o quilombo na serra, e a prática de ataques surpresa para os que desconheciam a região, é um dos fatores que ajudou no longo tempo de resistência de Palmares.

A liderança de Zumbi na luta contra a escravidão é considerada um dos maiores exemplos de luta contra o racismo no Brasil, motivo que tornou o 20 de novembro o dia nacional da Consciência Negra.

A resistência dos Kalungas é outro grande exemplo de permanência do espírito quilombola, esse quilombo iniciou em Goiás no século XVIII na região da Chapada dos Veadeiros, um lugar de difícil acesso com muito mato, curvas, paredão de pedras para transpor. As pessoas escravizadas e maltratadas com requintes de crueldade cavando rios e ribeirões ou descendo nas minas escuras de ouro passaram a buscar um local distante e para se refugiarem em pequenas povoações.

O território Kalunga é o maior sítio histórico e cultural do País em extensão. São mais de 230 mil hectares de Cerrado protegido, abrigando cerca de quatro mil pessoas em um território que se estende pelos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. A área ocupada pela comunidade Kalunga é reconhecida pelo Governo de Goiás, desde 1991, como sítio histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga (Lei Estadual Nº 11.409/1991). (Fonte: Assembleia Legislativa de Goiás, setembro de 2021).²

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no nordeste de Goiás, é o maior território quilombola do Brasil, ocupado há mais de 200 anos por esses povos tradicionais. Os Kalunga são exemplo da importância dessas populações para a biodiversidade: após séculos de ocupação de um vale

² Comunidade Kalunga com suas tradições e cultura é mostrada na série Nossa História das redes sociais da Alego . **Assembleia Legislativa de Goiás**, Goiás, 17 de Setembro 2021. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/120038/comunidade-kalunga-com-suas-tradicoes-e-cultura-e-mostrada-na-serie-nossa-historia-das-redes-sociais-da-alego> . Acesso em: 06/03/2022.

cercado por serras muito altas e com cachoeiras cristalinas, o bioma local segue preservado.³

O quilombo do Piolho ou Quariterê em Mato Grosso que começou em 1730 e durou 70 anos, é outra expressão da força quilombola, foi uma das muitas organizações importantes no processo de resistência negra à escravidão. O quilombo teve como líderes, o negro José Piolho que foi assassinado pelas forças coloniais, e depois desse episódio o quilombo passa a ser comandado por Tereza Benguela, também conhecida como a Rainha Benguela, com grande talento político e estrategista:

Com a morte de José Piolho, Tereza se tornou a líder do quilombo, e, sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas. O Quilombo do Quariterê abrigava mais de 100 pessoas, com destacada presença de negros e indígenas. Tereza navegava com barcos imponentes pelos rios do pantanal. E todos a chamavam de “Rainha Tereza”. O Quilombo, território de difícil acesso, foi o ambiente perfeito para Tereza coordenar um forte aparato de defesa e articular um parlamento para decidir em grupo as ações da comunidade, que vivia do cultivo de algodão, milho, feijão, mandioca, banana, e da venda dos excedentes produzidos.

Tereza comandou a estrutura política, econômica e administrativa do quilombo, mantendo um sistema de defesa com armas trocadas com os brancos ou roubadas das vilas próximas. Os objetos de ferro utilizados contra a comunidade negra que lá se refugiava eram transformados em instrumentos de trabalho, visto que dominavam o uso da forja.⁴

A Rainha Tereza de Benguela é homenageada até hoje com a data comemorativa de 25 de julho que porta o nome dela pela Lei 12.987/2014:

Há duas versões sobre a morte de Tereza. A primeira que os bandeirantes a mataram e expuseram sua cabeça no centro do quilombo. A segundo ela teria se suicidado (como um último ato de resistência). Mesmo após a morte da rainha o quilombo teria se mantido até 1795, quando ele sucumbiu, sufocado pela violência dos colonizadores. O que os colonizadores não imaginavam era que Tereza de Benguela estaria viva até hoje. Ela estaria em 1994, na avenida sendo homenageada pela Escola de Samba Unidos do Viradouro no carnaval carioca. Que em 2014 ela daria nome a uma lei federal, que institui o 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.⁵

³ Quem são os quilombolas, grupos incluídos no Censo pela 1ª vez. **G1**. São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/centso/noticia/2023/07/27/quem-sao-os-quilombolas-grupos-remanescentes-de-quilombos-que-foram-incluidos-no-censo-pela-1a-vez.ghtml>. Acesso em: 04/10/ 2023.

⁴ Tereza de Benguela a escrava que virou rainha e liderou um quilombo de negros e indígenas. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacult/noticias>. Acesso em: 02/04/2023.

⁵ DÉBORA, Simões, Tereza de Benguela: rainha do quilombo Quariterê. 02 de Agosto de 2014. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/tereza-de-benguela-rainha-do-quilombo-do-quaritere/>). Acesso em: 04/04/2023.

Hoje nós temos uma situação diferente pois a maioria dos quilombos são comunidades negras nascidas após a Abolição e não no regime escravista e a maioria das pessoas quilombolas (87%) não vivem em territórios reconhecidos como quilombolas, como informado abaixo, o que não diminui a importância das comunidades negras a que pertencem, sendo a maioria no Nordeste:

Segundo o censo do IBGE de 2022:

O Brasil tem 1,3 milhão de pessoas que se identificam como quilombolas – pessoas que têm laços históricos e ancestrais de resistência com a comunidade e com a terra em que vivem. Isso corresponde a 0,65% da população total do país. São quase 474 mil domicílios com pelo menos um morador quilombola – e com a média de moradores mais elevada (3,17) do que a média nacional (2,79). O Nordeste concentra quase 70% dos quilombolas, com grande destaque para os estados da Bahia e do Maranhão. Juntos, eles têm 50% dos quilombolas do país. Mesmo com essa concentração, há quilombolas em todas as regiões do país e em quase todos os estados -- com exceção de Roraima e Acre. Quase 1/3 dos quilombolas do Brasil estão na Amazônia Legal. Das 5.570 cidades do país, 1.696 têm moradores quilombolas (30,5%). 87,41% dessa população vive fora de territórios oficialmente delimitados para quilombolas.⁶

2.2.1 Professor Pretextato: resistência negra na educação do sec. XIX

Pretextato foi um professor negro que por causa dos conflitos raciais que ocorriam dentro das salas de aula, foi escolhido por pais negros para ser professor de seus filhos, os pais diziam que com ele os estudantes aprendiam muito mais, do que em todos os outros espaços que haviam estudado anteriormente.

O ingresso e a permanência das populações não brancas nas escolas brasileiras mobilizam importantes discussões e esforços há muitos anos. No tempo da escravidão, um grupo de pais de meninos “pretos e pardos” residentes na cidade do Rio de Janeiro enfrentou o desafio de escolher um professor “preto”, Pretextato dos Passos e Silva, para os seus filhos e de ajudá-lo a manter uma escola específica para eles.⁷

A partir do ano de 1854 todos os professores de escolas públicas e privadas eram obrigados a fazer uma prova para comprovar a sua capacidade para ensinar. Mas Pretextato não

⁶ Tereza de Benguela a escrava que virou rainha e liderou um quilombo de negros e indígenas. **Biblioteca geral do CECULT**, Bahia. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias>. Acesso em: 02/04/2023.

⁷ Silva, Adriana Maria Paulo da. A primeira escola exclusiva para negros no Brasil. 07 de Abril de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-primeira-escola-exclusiva-para-negros-no-brasil/>. Acesso em: 05/06/2023.

quis fazer a prova e apresentou um abaixo assinado pelos pais dos alunos como meio de comprovar a sua capacidade.

Pretextato então resolve contar como e por que a sua escola foi criada explicando que

em algumas escolas ou colégios, os pais dos alunos de cor branca não querem que seus filhos ombruem com os de cor preta”, e que por isso os professores geralmente “repugnam admitir os meninos pretos”. Os que são admitidos “na aula não são bem acolhidos; e por isso não recebem uma ampla instrução, por estarem coagidos”. Ele confirma ainda que, pelo fato de também ser “preto”, foi “convocado por diferentes pais de famílias” para que abrisse em sua casa uma “pequena escola de instrução primária, admitindo seus filhos da cor preta, e parda”.⁸

A movimentação dos pais com a realização de abaixo assinado permitiu que Pretextato fosse aceito como professor e dispensado da prova oral. O governo aceitou o funcionamento da escola de Pretextato. Foi uma das primeiras vitórias da educação do povo negro antes da Abolição.

2.2.2 Marcos vitoriosos da Resistência Negra em anos mais recentes com impacto na educação

Trago aqui uma breve síntese das primeiras grandes vitórias em termos de políticas públicas que contemplaram a população negra a partir das mobilizações do movimento negro, e que tiveram e têm impacto positivo na educação:

1978: Nasce o MNU (Movimento Negro Unificado) em São Paulo, em 1979 é criada outra sede na cidade de Salvador da Bahia, sendo hoje representado em todas as capitais de estado e muitos interiores.

1988: Centenário da Abolição da Escravatura. Constituição Federal de 1988, reconhecimento dos quilombos, da igualdade de raça e gênero. Reconhecimento também da autonomia dos povos indígenas.

1989. O advogado e deputado negro eleito pelo PDT, Carlos Alberto Oliveira dos Santos, foi autor da Lei 7.716/19A que tipifica o racismo como crime. Essa legislação define como crime o ato de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Também regulamentou o trecho da Constituição

⁸ Silva, Adriana Maria Paulo da. A primeira escola exclusiva para negros no Brasil. 07 de Abril de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-primeira-escola-exclusiva-para-negros-no-brasil/>. Acesso em: 05/06/2023.

Federal que torna inafiançável e imprescritível o crime de racismo, após estipular que todos são iguais sem discriminação de qualquer natureza.

1990-1995: Mobilização intensa do movimento negro gerou um marco significativo e de extrema importância, a Marcha Zumbi dos Palmares, em 20 de novembro de 1995 (exatos 300 anos depois da morte de Zumbi), com 50.000 pessoas negras do Movimento negro e simpatizantes reunidas no Planalto de Brasília.

1995-2001: Movimento Negro conseguiu estabelecer um diálogo mais incisivo com o governo FHC a partir das intensões, mobilizações e pré-conferências em torno da preparação para a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Esta foi realizada em Durban/África do Sul, em 2001 com a imensa conquista da primeira declaração oficial por parte de um governante brasileiro (gestão Fernando Henrique Cardoso) de reconhecimento que o Brasil é um país racista que precisa de políticas públicas para combater sua herança escravagista.

2003: Sob a presidência de Lula Inácio da Silva, aconteceu a aprovação da Lei 10.639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996, tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica. Assim aconteceu a primeira política pública curricular em benefício da população negra que no Brasil é majoritária. Neste mesmo ano ocorreu a criação da SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, no âmbito do Governo Federal, outro fato inédito, a primeira Ministra nesse cargo foi Matilde Ribeiro, seguida de Luíza Bairos, e por fim Nilma Gomes. Institui-se o 20 de novembro como dia da Consciência Negra.

2010: É promulgado o Estatuto da Igualdade Racial. Promulgada durante o segundo governo Lula, em 2010. Garante à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Para isso, determina a promoção de políticas públicas de desenvolvimento econômico e social e modificação das estruturas institucionais do Estado (Petit, 2022, p. 14-15).

2012: Foi sancionada a lei das cotas é fruto da luta dos movimentos negros e de outros movimentos sociais pelo acesso ao ensino superior. Ao longo dos anos, eles se uniram a pesquisadores, parlamentares e órgãos de controle para garantir que, no devido tempo, a revisão da Lei de Cotas se efetivasse.

2023: Lei de Cotas foi atualizada para incluir também cotas específicas para quilombolas, da mesma forma que é feito para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência e também a diminuição do valor mínimo da renda bruta familiar por pessoa para conseguir cota de perfil socioeconômico, que passará a ser de um salário mínimo: R\$ 1.320,00. Também a prioridade para os cotistas no recebimento do auxílio estudantil e inclusão das políticas afirmativas nos cursos de pós-graduação.

2.3 Breves apontamentos sobre os Movimento Negro e Quilombola no Ceará

Para síntese desse assunto trago artigo da Professora Cícera Nunes e da Cientista Maria Raiane Félix Bezerra. Ressaltam três grandes tendências, a partir da origem do movimento negro em 1980 no Ceará: auto afirmação negra diante da desvalorização vivida, denúncia do racismo no Brasil e Ceará- a redemocratização do país, a resistência cultural com as religiosidades e manifestações como o maracatu, a reverência à ancestralidade africana e principalmente a luta contra a negação da existência de negros pela falácia do Ceará Terra da Luz, que, sob pretexto da Abolição quatro anos mais cedo em 1884, seria mais um lugar de escravismo mais “brando” e de pessoas mais miscigenadas, e por isso “não negras”. No entanto isso não confere com os dados estatísticos da população preta e parda do Ceará, com os índices sociais bem diferenciados e desfavoráveis em comparação com a branquitude.

O Movimento Negro no Ceará se institui no ano de 1980 com o Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON), sediado na cidade de Fortaleza, o qual teve papel indispensável na autoafirmação da identidade negra, não apenas na capital do estado, mas também no interior. O grupo, como outras organizações sociais, tinha suas ideologias e permitia que pessoas atravessadas pela vivência do racismo pudessem fazer parte integralmente do coletivo. O que impulsionava o Movimento Negro no Ceará era também o pedido pela redemocratização do país, que estava sofrendo ataques desde a instauração da ditadura militar em 1964, além da resistência cultural reconhecida nos grupos de maracatu e terreiros de umbanda, que, mesmo não se reconhecendo como potencializadores da reconstrução da identidade negra, lutavam interna mente e reverenciavam a ancestralidade negra. O Movimento Negro no Ceará teve grande influência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pastorais da igreja católica e partidos políticos (Nascimento, 2012). O Movimento Negro no Ceará contestava a forma por meio da qual a imagem do negro foi e é estigmatizada, principalmente pela herança histórica do discurso da não presença negra cearense. O pensamento em relação a

essa negação histórica serviu para a perpetuação do senso comum da “não existência” negra como também para velar o racismo existente no estado, que é conhecido como Terra da Luz (Bezerra, 2021, p. 58).

Os efeitos de invisibilização atingiam fortemente as mulheres negras, no entanto várias foram grandes protagonistas da causa negra, como Lúcia Simões, tão importante para a criação do GRUCON após conhecer a Missa dos Quilombos em Pernambuco.

O GRUCON, que dá seus primeiros passos a partir da articulação de Lúcia Simão, uma mulher negra, liderança e pioneira, quem articulou uma carta para que o GRUCON pudesse se fazer célula no estado. Nisso, realizou contato com a organização residente na cidade de São Paulo, no ano de 1982, onde foi sediada a Semana da Consciência Negra, na qual Lúcia se fez presente. [...]. No ano de 1982, Lúcia Simão iniciou os contatos com os participantes do GRUCON de São Paulo e, no mesmo ano, viajou para fazer parte de um encontro organizado pelo grupo. Desde então, tornou-se a principal articuladora do coletivo para fazer o GRUCON possível no Ceará.

Especificamente em Fortaleza, uma das ações importantes do movimento negro foi a construção do Seminário Negra da Negada em 1992 em que foi apresentado um mapeamento das comunidades negras existentes em nosso estado, ação que objetivava, sobretudo, desfazer a falácia construída ao longo da História e fortalecida pelos pesquisadores brancos do Instituto do Ceará que “no Ceará não tem negros” (Ratts, 2001).

A “descoberta” de comunidades negras rurais no Ceará se prolonga há mais de duas décadas, sendo que até recentemente não vinha merecendo maiores atenções acadêmicas. No início dos anos 90, um projeto de pesquisa incluía Conceição dos Caetanos e Pacoval, no Estado do Pará 80. Em 1995, foi concluído um estudo sobre perspectivas educacionais da população negra na “Comunidade do Trilho” no qual vários dos moradores originários de Conceição dos Caetanos e Goiabeiras foram entrevistados (BARROS, 1995). No mesmo ano, uma monografia discutia o enfrentamento do preconceito racial principalmente na visão das mulheres em Conceição dos Caetanos (Pereira, 1995).

Como militante do movimento negro, acompanhei de perto, a decisão desses pesquisadores e pesquisadora: Alex Ratts, Hilário Sobrinho e Rosa Barros, quem assim como eu realizaram estudos acadêmicos que contribuíram com a valorização e o reconhecimento da negritude no Ceará.

Alex Ratts decidiu aprofundar a historicidade e organização das famílias de Conceição dos Caetanos e Rosa Barros decidiu estudar as Comunidades dos Trilhos. Em seu mestrado Hilário Sobrinho escreveu sobre o Ceará no tráfico interprovincial de 1850 a 1881.

A tese de Rosa Barros foi o primeiro mestrado acadêmico defendido na FAGED-UFC na área de EREER, sob orientação do grande estudioso Professor Henrique Cunha.

[...] a presença do racismo na escola, seja através dos discursos, dos livros didáticos ou das relações interpessoais, reforçando o processo de exclusão e 'marginalização no qual estão inseridos os negros que moram na comunidade do Trilho. Os processos de construção das identidades negras não acontecem a partir da escola, mas de outros espaços. A pesquisa encontra uma construção ideológica da inexistência de presença negra no estado do Ceará. Seguem à construção ideológica, constatações de uma agressão sistemática de caráter racista (Barros, 1995, p. 3).

O movimento Negro no Ceará Começou em 1982, com o Grupo de União e Consciência Negra através da liderança de Lucia Simão. A então militante negra, escrevia cartas para as pessoas de São Paulo, através das quais conseguiu iniciar a comunicação e liderar a criação do CRUCON em nosso estado, buscando uma autonomia em relação aos movimentos que eram articulados pela igreja católica. No mesmo ano Lucia depois de participar da semana da consciência Negra e do Encontro Nacional do Grupo, voltou nomeada como articuladora nacional, esse foi um dos passos iniciais para o movimento negro no Ceará (Sousa, 2006, p. 36-42).

Em 1990, foi criado um grupo negro na Comunidade do Trilho que, posteriormente se vinculou ao Grupo de União e Consciência Negra, fui um dos participantes juntamente com o professor Dr. Alex Ratts, Hilário Sobrinho, Oziélia Costa, Liduína Costa, Rosa Barros, Francisca Maria, Ana Marinho, essas pessoas fizeram parte do Grupo que discutia a questão do negro no Ceará, fazia festa Reggae na Comunidade, o grupo também criou um Bloco Afro intitulado Kalunga Mabanza, que saiu nas ruas da periferia de Fortaleza cantando canções negras e suas loas (Ratts, 2001, p. 20).

Em 2001, foi criado o Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) que trabalha com as questões étnico-raciais, culturas negras, quilombos e mulheres. O grupo possui uma ampla atuação, a qual é refletida de inúmeras ações como: a luta pela implementação de políticas públicas para as pessoas negras; a valorização cultural negra e das populações tradicionais; o posicionamento contrário as formas de exploração socioeconômica dos negros; a parceria da organização do Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra é uma ação tradicional que já acontece a vários anos, em conjunto com a Universidade Regional do Cariri (URCA) (Bezerra e Nunes, 2021, p. 23).

Em 1998, foi realizado o I Encontro de Comunidades Negras Rurais no Ceará, as Comunidades negras de Conceição dos Caetanos e de Goiabeiras durante aquele período já participavam das articulações regionais e nacionais de Comunidades negras Rurais Quilombolas, esse primeiro encontro aconteceu em Quixeramobim e teve o apoio do IMOPEC (Instituto da Memória do Povo Cearense), naquele momento foram iniciadas pesquisas e mobilizações apoiadas pelo IDACE, Fundação Cultural Palmares e o movimento negro cearense essa mobilização pode ser considerada como um marco inicial da luta pelo reconhecimento das comunidades Quilombolas no Estado do Ceará (Ratts, 2009, p. 89).

Ratts (2016) aponta a existência de quilombos em todo o estado:

Como apontavam os folcloristas e antropólogos dos anos 1950, o sul do Ceará, particularmente o Cariri é uma área de concentração negra, com antigos engenhos, canaviais e com a atual presença de reisados, quilombos, grupos do movimento negro e terreiros de religiões de matriz africana. Segundo a Superintendência Regional do Instituto de Colonização Agrária no Ceará (INCRA, 2014) que agrega os dados da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará (CERQUICE), os quilombos estão distribuídos por todo o estado com algumas aglutinações, além do Cariri, sobretudo no chamado Sertão dos Inhamuns (fronteira com o Piauí), no norte do Estado, incluindo a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), particularmente nos municípios de Aquiraz, Caucaia, Horizonte e Pacajus.

2.4 Desafios da implementação da política curricular de ERER hoje

Desde 2003 o Brasil conquistou sua primeira política curricular que contempla os anseios da população negra que coloca a obrigatoriedade da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos de todas as escolas públicas e privadas. A implementação obrigatória do ensino da História e Cultura aconteceu com a criação da lei 10.639/03.

Vejamos o que reza a lei:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

§ 1 O conteúdo programático a que se refere o capítulo deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2 Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras

Nilma Gomes sublinha a responsabilidade da política pública na busca de atender essas reivindicações antigas do movimento negro que tardou mais de 500 anos para reconhecer a legitimidade dessas demandas educacionais que agora incidem sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O papel indutor dessa Lei como política pública aponta para a ampliação da responsabilidade do Estado diante da complexidade e das múltiplas dimensões e tensões em torno da questão racial. Nesse processo, o conjunto de direitos negados à população negra e reivindicados historicamente pelo movimento negro exige o dever do Estado no reconhecimento e legitimação da questão racial nas políticas públicas das áreas da saúde, trabalho, meio ambiente, terra, juventude, gênero. Dada essa inter-relação, a implementação da Lei 10.639/03 – entendida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – poderá instigar o Estado para a implementação de políticas públicas que garantam a totalidade dos direitos da população negra (Gomes, 2009, p. 6).

É importante observar que o estado não cumpre o seu papel, que é de fornecer todos os meios necessários à aplicação da lei 10.639/03 nas escolas, mas é importantíssimo observar que o movimento negro de todo país tem acionado o ministério público para exigir o cumprimento o que tem levado a campanhas como a lei do Selo anti-racista nas escolas municipais e estaduais.

Com objetivo de enfrentar as dificuldades relativas à implementação da lei, o Conselho Nacional de Educação elabora o Parecer número 03/2004 discriminando conceitualmente os conteúdos, termos, motivações e objetivos da Lei Federal 10639/03 e, pela primeira vez, estabelece como conteúdo a Educação para as Relações Étnico-Raciais, popularmente denominada como EREER (Carth, 2018).

A lei de Diretrizes e Base para a Educação Étnico-Racial é um importante documento que normatiza e orienta o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, vejamos o que nos diz o documento sobre essa obrigatoriedade.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-

brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (ERER, 2004).

Nos argumentos do documento percebemos que essa normativa faz parte dos resultados obtidos através da luta do povo negro organizado por uma educação que valorize a nossa cultura e possa combater de forma veemente o racismo nas escolas.

Outro aspecto importante diz respeito a importância da resolução em impactar na obrigatoriedade da formação dos professores. A aplicação da lei é dificultada por vários aspectos, entre os quais a falta de formação para os professores da educação básica e a indiferença da Universidade que na maioria dos cursos não fornece componentes obrigatórias com temáticas da EREER.

Há ausência de formação adequada durante a graduação dos profissionais de educação voltada para a Lei 10.639/03, assim como baixa oferta de cursos de formação continuada sobre o tema. Essa falta contempla também toda a comunidade escolar (educadores, pais, alunos e funcionários), o que intensifica o desconhecimento. Os diretores escolares e coordenadores pedagógicos, que poderiam apoiar os professores, também padecem do mesmo problema (Geledés, 2023, p. 127).

Recente pesquisa do Instituto Alana mostra que é preciso uma força tarefa de todos os níveis de poder (municipal, estadual e federal) para uma política articulada de que permita superar a implementação restrita a datas comemorativas:

Esta pesquisa revela, por exemplo, que os gestores municipais sentem falta de apoio de estados e do governo federal para o cumprimento da Lei 10.639/03, não apenas em ações diretas, mas também por meio de cooperação técnica e financeira para que, ao contrário do que se mostra na maioria dos casos, ela seja considerada além de datas comemorativas, mas de forma perene ao longo do ano (Geledés, 2023, p. 7).

Os principais achados dessa pesquisa apontam para os desafios já conhecidos que precisam ser enfrentados, agora com dados aplicados de forma bastante abrangente. Eis as conclusões:

A maioria das Secretarias Municipais de Educação afirma realizar ações relacionadas ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira para apoiar as escolas. Entretanto, segundo as próprias redes de ensino, as ações são realizadas de maneira esporádica.

A maioria das secretarias afirma que as escolas da rede incorporaram a temática em seus PPPs. Entretanto, 69% declararam que a maioria ou boa parte das escolas realiza atividades apenas em novembro, durante o mês ou semana do Dia da Consciência Negra.

O desenvolvimento de atividades em parceria com movimentos sociais, grupos culturais, Neabs, Neabis e grupos correlatos ou comunidade do entorno está entre as ações menos realizadas pelas secretarias.

24% das secretarias acompanham indicadores de desempenho dos estudantes por raça.

A maioria das secretarias afirma que as escolas da rede incorporaram a temática em seus PPPs. Entretanto, 69% declararam que a maioria ou boa parte das escolas realiza atividades apenas em novembro, durante o mês ou semana do Dia da Consciência Negra.

Depreende-se de tudo isso que ainda estamos longe de uma implementação satisfatória após longos 20 anos., com dados de raça insuficientes, pouquíssima articulação com estudiosas/os dos grupos universitários, baixa formação inicial nas graduações e pouca formação continuada da docência e gestão da educação básicas e realização de atividades esporádicas nas escolas.

2.5 Sobre a abordagem da Pretagogia

Trabalhamos com a Pretagogia, abordagem para formação de educadores (as) a partir dos elementos da cosmo percepção africana, pois “compreendemos que para tratar das particularidades das expressões dos/das afrodescendentes, seja necessário buscar as bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, na mãe África” (Petit, 2011, p. 82). Assim gostamos de afirmar que nos alimentamos dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, que se amparam em um modo particular de ser e de estar no mundo. Ao dizer que buscamos a matriz africana, nos referimos tanto às origens no continente africano como as diversas afrodiásporas decorrentes delas, considerando que todas, com suas singularidades próprias e localizadas (regiões/etnias da África, lugares diferentes da diáspora africana) apresentam uma combinação de traços reconhecível como africanidade: “A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo” (Munanga, 2007, p. 13). A Pretagogia nasce no quilombo, a partir de um curso de especialização voltado à formação de professoras/es de quilombo na região de Novo Oriente/ Inhamuns no Ceará. Lá pudemos colocar em prática de modo sistemático e prolongado o que vínhamos fazendo na coordenação do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses) da UFC, junto com as então doutorandas e hoje professoras

universitárias da UNILAB/CE, Geranilde Costa e Rebeca A. e Silva Meijer. O curso tinha o ineditismo de acontecer inteiramente em dois quilombos de Novo Oriente, em 18 módulos ministrados por mais de uma dezena de professoras/es negras e negros como Eduardo Oliveira, Piedade Lino Videira, Cicera Nunes A nossa pedagogia ficou totalmente entranhada

O curso tinha o ineditismo de acontecer inteiramente em dois quilombos de Novo Oriente. Então resolvemos realizar uma pedagogia totalmente entranhada na cosmovisão africana. Como diz Meijer, o currículo deve “ [...] partir de sua ‘fala-ação’ que canta, batuca, dança, reage, corre, joga capoeira, aprende sobre a diversidade da Mãe África e sobre quem são os negros da diáspora, entre outros movimentos” (2012, p.61).

Primeiro é preciso entender a riqueza da nossa oralidade africana, que representa um modo de ser, estar e produzir no mundo. A oralidade envolve todas as ciências e formas de saberes que têm o corpo como fonte primeira de conhecimento e de produção de artefatos e conceitos. Dessa forma os saberes/conhecimentos giram entre si e produzem novas práticas, num fluxo constante, enlaçadas pela circularidade. A ancestralidade, o corpo fonte e produtor de conhecimento, a integração da espiritualidade, princípios da cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2011), guiam as ações pedagógicas bem como o respeito à senhoria, a valorização dos saberes da oralidade, particularmente a literatura oral com os ensinamentos que perpassam a mitologia, as letras cantadas, as expressões teatrais, as danças e diversas formas do corpo-texto (PetiT, 2008).

Um traço importante da africanidade enquanto filosofia que perpassa a enorme diversidade do continente e de seus descendentes diaspóricos é a consideração do “corpo todo fonte e produtor de conhecimento, e não apenas o cérebro, envolvendo os cinco sentidos (visão, paladar audição, tato e olfato).” (Petit, 2016). Em consequência, as pessoas que participam das nossas formações pedagógicas têm tido “ a oportunidade de experimentar, pelo próprio corpo, abordagens teóricas que se inspiram na filosofia africana. O termo filosofia abrange aqui não apenas o pensamento de acadêmicos especialistas, e sim também fontes e saberes perpassados de oralidade, o que significa lidar com diversas linguagens da literatura oral (...)” (Petit, 2016).

A Pedagogia faz parte do grupo crescente de abordagens afroreferenciadas ou afrocentradas tais como a Educação Popular Afro-brasileira (Ivan Lima e Jeruse Romão, 2002), a afrocentricidade de Molefi Asante, (2014), a educação infantil dos valores civilizatórios africanos produzida pela pioneira Azoilda Loretto de Trindade (2005); o afroperspectivismo de Renato Nogueira (2011), as pedagogias de terreiro, da qual destacamos o Projeto Político-Pedagógico Irê Ayó da nossa grande mestra, Egbomi Vanda Machado (2019), a educação pluricultural africano-brasileira Oba Biyi (Marco Aurélio Santos e Narcimária Luz, (2007), a

Pedagogia Eco-Ancestral de Kiusam de Oliveira (2020), a Pedagogia de Allan da Rosa, dentre tantas outras abordagens educacionais das matrizes afro. Outras referências, não menos importantes são: as tradições, filosofias, literaturas e estudos embasados em Hampâté Bâ (1982), Heloisa Pires Lima (1998), Kabengele Munanga (2009), Beatriz Petronilha (...) Muniz Sodré (1988; 2012), Henrique Cunha (2007), Nei Lopes (2004; 2006), Eduardo Oliveira (2006; 2007), Piedade Videira (2010), Norval Cruz (2011), Wanderson Flor Nascimento (...), para citar apenas algumas.

A Pretagogia se fundamenta nos seguintes princípios: 1 - O autorreconhecer-se afrodescendente; 2 - Apropriação da ancestralidade; 3 - A religiosidade de matriz africana; 4 - Reconhecimento da sacralidade; 5 - O corpo como fonte primeira de conhecimento e produção de saberes; 6- A tradição oral; 7 - O princípio da circularidade; 8 - A noção de território; 9 - A compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro (Petit, 2015, p. 122 - 123).

A Pretagogia bebe na fonte da sabedoria africana valorizando a cosmovisão africana, conhecimento dos nossos ancestrais, memorialistas, Griots na África ocidental, cantadores e contadores no Brasil, elementos que se entrelaçam e que podem gerar através do seu aprofundamento maneiras diferenciadamente positivas de enxergar a realidade.

Para construir a árvore, cada pessoa levanta sete saberes, para cada faixa etária de sete saberes até a idade atual. Depois dos levantamentos individuais, dependendo do número de participantes, se formam subgrupos. Cada subgrupo, junta todos os afrossaberes daquele coletivo por faixa etária. Depois o coletivo cria uma árvore e coloca todos os afrossaberes levantados na árvore. Depois dá-se um nome à árvore e se conta a História dessa árvore e seus afrossaberes. Essa determinação de sete se dá porque em diversas religiões do mundo o número sete é cabalístico representante dos momentos de transição.

Os afrossaberes fazem parte do conjunto de elementos culturais diversos que foram trazidos, transformados e reinventados na luta de sobrevivência e resistência do povo africano. Foram gerados pelo povo afro-brasileiro no decorrer das centenas de anos vivenciados na diáspora.

Os marcadores das africanidades referem-se às práticas culturais em geral, incluindo festividades de todo tipo, artefatos, marca de territórios investigados por negros(as) (quilombos, terreiros, locais de festa etc), histórias compartilhadas tanto de resistência (todo tipo de lutas históricas e de comportamentos que exibimos) como de subalternidade forçada, fenômenos que atingem os(as) africanos(as) e os afrodiaspóricos(as) pelas práticas de desvalorização como o racismo, a discriminação e o preconceito (Petit, 2011, p. 138).

Os marcadores estão enraizados em nós, afro-brasileiros nas mais diversas manifestações das nossas vidas: na cultura em geral, seja no campo espiritual ou material, no modo de conviver familiarmente, no modo de falar, de lidar com a natureza, entre muitas outras coisas.

Quadro dos Marcadores das africanidades

1- História do meu nome	16- Danças afro
2- Histórias da minha linhagem, inclusive agregados	17- Cabelos afro (encaracolados / cacheados / crespo) – práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3- Mitos / lendas / o ato de contar / valorização da contação	18- Representações da África / relações com a África
4- Histórias do meu lugar de pertencimento / comunidade / territorialidades e desterritorialidades negras (movimentos de deslocamentos geográficos, corporais e simbólicos)	19- Negritude – força e resistência
5- Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e valor da comida	20 –Artesanatos
6- Pessoas referências da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referências do mundo, significativas para mim	21- Outras tecnologias
7- Simbologias da circularidade / tempos cíclicos e da natureza	22- Valores de família / filosofias
8- Práticas e valores de iniciação / ritos de transmissão e ensino	23- Racismos (perpetrados e sofridos)
9- Mestras(es) negras(os) – da cultura negra	24- Formas de conviver / laços de solidariedade / relações comunitárias

10- Escrituras negras	25- Relação com a natureza
11- Curas / práticas de saúde	26- Religiosidades pretas
12- Cheiros “negros” significativos	27- Relação com as mais velhas e os mais velhos / senhoriaidade (respeito aos mais experientes)
13- Festas da minha infância e festas de hoje	28- Vocabulário afro / formas de falar

Fonte: Alves e Petit (2015).

Nos próximos capítulos será mostrada de que forma acontece o trabalho pretagógico com os marcadores das africanidades. No próximo trago primeiro a narrativa do pesquisador e seus enraizamentos.

2.6 Pertencimento: significados

O Pertencimento Afro é uma das categorias principais trabalhadas que conduziram os caminhos dessa pesquisa, por essa razão, farei uma breve contextualização sobre aspectos correlatos de pertencimento.

Inicialmente irei dialogar, com o sentido de pertencimento, criado ao longo da História pelos brancos, que defendem o pertencimento como algo que lhes põe em uma situação privilegiada, e tem a sua premissa na prática de valorização de grupos de brancos que tem origem europeia, como nos demostram Nilma e Coelho:

Os dicionários apresentam vários significados para o verbo pertencer, dentre os quais interessa o significado ser parte, do qual deriva a palavra pertencimento. Meyer (2006) destaca a importância do pertencimento como suporte dos “processos pelos quais se constroem fronteiras entre aqueles/as que pertencem e aqueles/as que não pertencem a determinados grupos/populações” (Meyer, 2006, p. 61). Além de promover as diferenciações, separações, aproximações, essas fronteiras atuam no sentido de posicionar socialmente os grupos. Os critérios acionados para determinar o pertencimento caracterizam-se pela heterogeneidade, ambiguidade e maleabilidade (Meyer, 2006), e têm sua construção em torno de conteúdos tais como [...] ter nascido ou ter-se casado dentro de determinados grupos ou territórios, compartilhar determinados idiomas, religiões e ‘legados culturais’, apresentar caracteres fenotípicos (como cor da pele) semelhantes (Meyer, 2006, p. 63).

Como tais critérios carregam um sentido que desencadeia e/ou legitima práticas de privilegiamento, exclusão e subordinação social, seus efeitos se materializam na convivência humana ao produzir hierarquizações, que são transformadas em desigualdades. As tensões que norteiam a construção do pertencimento racial em nossa sociedade são ilustrativas desses efeitos, uma vez que se constituem em decorrência da valorização de uma única perspectiva cultural apresentada como superior, e pautada na referência aos grupos de raiz europeia. A lógica valorativa concorre de modo significativo para a “aceitação, ou não, do sentimento de pertença positiva dos afrodescendentes” (Soares, 2011, p.1-2).

O significado de pertencimento nesse sentido é suporte para defender uma sociedade hierarquizada, onde o lugar de origem no caso dos europeus, lhes concede privilégios os quais tornam a sociedade desigual.

Em seu livro *O pacto da branquitude*, Cida Bento faz reflexões importantes sobre os privilégios dos brancos na sociedade brasileira, construídos ao longo da história, ela nos comprova que no Brasil, bem como em outros países, existe um pacto da branquitude que dá suporte ao racismo estrutural, vejamos:

Nesse sentido, estudos como os de Matthew Hughey são interessantes, pois destacam conceitos ligados ao posicionamento dos brancos diante da branquitude que ele tratou como privilégio branco e a prerrogativa branca. Privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco. Por sua vez, o conceito de prerrogativa branca diz respeito a uma posição ativa, na qual brancos buscam, exercitam e aproveitam a dominação racial e os privilégios da branquitude (Bento, 2022, p. 63-64).

Ou seja, o significado de pertencimento que se refere a branquitude, não acontece somente no mundo das ideias, mas é claramente utilizado como forma simbólica e concreta para manter privilégios dos descendentes europeus, que lhes garante uma estrutura de facilidades que queiram ou não pobres e brancos ricos acabam beneficiados por essa estruturação da sociedade.

2.7 Pertencimento étnico-racial

Vejamos o que falam Zubaram e Silva sobre o pertencimento étnico-racial:

Por último, voltando à questão central sobre como se constrói a pertença étnico-racial na sociedade brasileira, parece fundamental entender as identidades negras como politicamente construídas e em constante disputa e

negociação de sentidos. Para tanto, convém reconhecer que no Brasil a auto-atribuição é o princípio que garante a autodeterminação na construção das identidades negras. De outro lado, é importante não perder de vista que as memórias negras são o fundamento e a referência básica para a construção das identidades negras e para a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro. No entanto, como interrogam Gomes e Silva: "que caminhos construir para reconhecer e valorizar o outro na sua diferença quando ainda vemos essa diferença como uma marca de inferioridade?" (Gomes e Silva, 2002, p. 29) Mais do que uma resposta conclusiva, o presente artigo busca desconstruir as narrativas que essencializam e naturalizam as culturas negras, congelando-as em um passado remoto e a-histórico e representando-as de forma unificada e homogeneizante. Busca-se refletir sobre a importância da construção de memórias étnico-raciais plurais que contemplem as diversas formas de ser das identidades negras diaspóricas e a pluralidade dos patrimônios culturais afro-brasileiros (Zubaram, 2012, p.138).

As autoras nos revelam que para o pertencimento étnico racial no Brasil a auto-afirmação é princípio que garante a construção das identidades negras. E que esse conceito foi construído por constantes disputas, pois erroneamente essas diferenças eram tratadas como inferioridade. A valorização e preservação do patrimônio cultural dos negros e de suas memórias é importantíssima para desconstrução desses discursos de inferioridade.

2.8 Pertencimento Afro:

O breve diálogo traçado até aqui sobre os significados de pertencimento, nos revelou que existem questões importantes sobre o termo Pertencimento Étnico racial, essas dificuldades inspiraram a Pretagogia a inovar criando o termo Pertencimento Afro, o qual faz parte dos seus referenciais teóricos que são: Pertencimento Afro, espiritualidade, ancestralidade transversalidade.

Para apresentar a ideia de pertencimento criada pela pretagogia dialogaremos com algumas/uns pretagogas/os:

Além das ligações biológicas familiares, o pertencimento está direcionado para as vivências, os contatos, a empatia, informações repassadas por meio da oralidade, as conexões com a ancestralidade, e os aspectos históricos e culturais de um povo. Desse modo, vejo que o pertencimento afro também possui relação com o entendimento do lugar social que nós, negras e negros, ocupamos e do nosso autorreconhecimento enquanto sujeitos afrodescendentes e afrodiáspóricos (Felix, 2021, p.38).

Para Felix o pertencimento não se liga tão somente ao biológico e familiar, mas também aos contatos e as empatias, que produzem um elo com a nossa ancestralidade que nos torna sujeitos afrodescendentes dentro da sociedade.

Ventura também nos fala sobre a sua experiência com a Pretagogia, afirmando que as metodologias pretagógicas o fizeram alcançar um profundo mergulho de autorreflexão, que foi indispensável para ele chegar às produções didáticas afrorreferenciadas presentes em sua dissertação, ao mesmo tempo que fortaleceram o afrorreferenciamento profissional.

Ao lidar com a Pretagogia, suas metodologias de ensino e pesquisa intervenção voltada para o fortalecimento do pertencimento afro de docentes e de discentes, mergulhei num profundo processo de autorreflexão, sem o qual não chegaria às produções didáticas afrorreferenciadas que apresento nesta dissertação de mestrado. Neste processo, no encruzilhamento permanente do passado dos meus ancestrais nos trilhos do meu presente, busquei identificar os valores éticos, as bases dos conhecimentos e marcadores estético-culturais que me afrorreferenciaram profissionalmente (Ventura, 2020, p. 20).

As vozes anunciam o Pertencimento Afro na Pretagogia devem partir de si, quando sentimos o coração da mãe África pulsando dentro de nós, defendemos tudo que nos pertence com mais verdade, entrega e amor, por essa razão o pertencimento na pretagogia é trabalho primeiramente em si para depois de consciente de corpo e alma você trabalhar para que esse mesmo sentido de Afro pertencimento chegue a todas as pessoas.

3 MEUS ENRAIZAMENTOS

Como essa pesquisa é sobre a possibilidade de fortalecer o pertencimento afro do grupo docente da escola mediante exercícios de conexão com nossas trajetórias, experiências de vida e objetos símbolo da africanidade que mora em cada um/a de nós, é importante eu me apresentar à leitora e ao leitor desse trabalho. Para tanto, escolho narrar um pouco sobre quem eu sou e como a vida me fez construir meu pertencimento afro, conceito esse que explicitarei teoricamente mais na frente, mas que apresento aqui já empiricamente. Esse exemplo de pesquisa aprendi com a Professora Sandra Petit, minha orientadora, que nos ensina o valor imenso que é nos conhecermos, identificando qual a nossa relação com a negritude e/ou africanidade. Inspirada pelo livro *Pretagogia* (2015) da Professora Sandra Petit, apresento primeiro brevemente meus pais. No referido livro a Professora Sandra Petit trouxe episódios tanto da linhagem materna como da paterna, justificando com o exemplo do grande estudioso malinense Hampâté Bâ, que realizou um livro autobiográfico (*Amkoullel, o Menino Fula* (2003): “Assim como Hampâté Bâ trata [...] da dupla herança que recebeu das linhagens paterna e materna ao nascer, sinto a necessidade de iniciar fazendo referência aos meus antepassados [...] fazendo recorte de alguns aspectos relevantes à minha afrodescendência (2015, p.31). Coloco-me então nessa cadeia de influências, trazendo minha mãe, depois meu pai.

Se não fossem os seus planos eu nada seria

É que a minha mãe e todas as mães formam a constelação do bem.⁹

A mãe é eterna

O pai é mortal

Dizer o Luar do Sertão (Couto, 2017).

3. 1 Minha Mãe, Maria Jorge

Maria Teixeira da Silva, era conhecida popularmente na comunidade do Trilho como Maria Jorge. Depois de algum tempo, me embrenhado nas veredas do meu interior, na busca pela minha ancestralidade, percebi que era uma tradição do seu lugar de origem, as pessoas de cada família serem chamadas por seu nome, acompanhado pelo nome do pai. Assim

⁹ MÚSICA MAMÃE NATUREZA. Interprete: KELÈ, Manu, LOUREIRO, Eduardo. Compositor: KELÈ, Manu, LOUREIRO, Eduardo. *In*: Baião de dois. Fortaleza: Spotify,

minha mãe respondia comumente por *Maria Jorge*, suas irmãs por Luiza Jorge e Tereza Jorge, e os irmãos por Raimundo Jorge, Juquita e Estevão, todos dessa mesma forma.

A Maria Jorge, era uma mulher forte, generosa e bastante religiosa, praticante do catolicismo, mas não tinha preconceito religioso. Era costume dela levar seus filhos (as) no terreiro do Pai Oscar, para uma reza de cura, quando eles (as) adoeciam. Hoje tenho consciência do quanto a ligação com a espiritualidade é importante para o nosso equilíbrio físico vital.

Naqueles tempos, certa noite sonhei com um velhinho de cabelo branco. No sonho ele me abençoava. No dia seguinte, na hora do benzimento, pai Oscar já estava conectado com a entidade, me surpreendeu com a pergunta: - Você lembra daquele velhinho do seu sonho ontem à noite? Concordei, o encantado falou: Era eu que estava em seu sonho, sabia que você viria hoje para eu te curar! Você vai ficar bom meu filho!

Minha mãe era uma forte liderança na resistência comunitária por moradia, foram vários anos de luta contra a especulação imobiliária. Destaco com brevidade um dos momentos marcantes. A companhia imobiliária Dias de Souza, decidiu construir um muro para demarcar o que eles diziam que era parte de suas terras, essa ação fecharia a saída dos moradores, da comunidade vizinha conhecida como Dom Oscar Romero.

Quando a notícia do que estava acontecendo chegou a nossa casa, fomos todos para o local. Maria Jorge decidiu sentar em cima do buraco que o homem cavava, para construção do muro, e disse: *Não vão mais fazer nada aqui!* A sua resistência e liderança serviu para juntar mais e mais moradores, assustando assim, os trabalhadores que estavam construindo o muro. Para consolidar o movimento, chegou então o vereador Durval Ferraz do PT e a promotora de justiça Dr^a Celeste Aragão, que era da Comissão de Solo Urbano da Arquidiocese de Fortaleza, os dois fortaleceram o argumento de que estava sendo violado os direitos dos moradores, os trabalhadores diante da pressão contrária aquele absurdo, pararam a obra.

Além de ser um ponto de encontro, para traçar estratégias de resistência, a nossa casa era um local de acolhida. Um dia eu e meus irmãos, lembramos de mais de 23 pessoas que durante anos, moraram na nossa casa. Amigos (as) que até hoje eu tenho como irmãos (as), entre os quais, Prof. Alex Ratts e Prof^a Rosa Barros, ambos ativistas do movimento negro e da pastoral da juventude (PJMP). Além dos meus primos por parte de pai, Cirineu, Mundinho, Marieta, Neném, Paulinha, Graça, Raimundo, Chagas. Da parte da mãe, Paulinha filha da Maria Pereira, dona da casa onde fico sempre hospedado na Comunidade do Macaco, além dos mencionados acima a minha memória ainda guarda os nomes de Maria da Guida, Gracinha, Batista, Zezão, Geovane Tavares.

3.2 Meu Pai, Chico Manel

Francisco Manoel da Silva, conhecido como Chico Manel, meu pai era uma pessoa de poucas palavras, suas ações de generosidade, simplicidade e entrega ao seu devir cotidiano, argumentaram ao longo da sua vida a sua bondade.

O Chico Manel e a Maria Jorge cuidaram anos a fio da Capela Nossa Senhora das Graças. Ele fez toda a bancada, de madeira reciclada que juntava pelos terrenos baldios, por onde caminhava pelo bairro nobre Aldeota.

A Igreja foi construída na Comunidade Trilha do Senhor, como um meio de resistência à especulação imobiliária. A mesma incorporadora Companhia Dias de Souza que tinha interesse nas terras situadas ao longo do trilho, havia iniciado a construção de prédios clandestinos, digo isso porque até hoje sabemos que os tais apartamentos não podem ser vendidos, por falta de registro legal das escrituras. Tais obras ameaçavam os moradores, fechando a saída de suas casas, para o lado da Rua Marechal Rondon, a maioria das moradias na época, ficavam de frente para o trilho e de costas para a rua Marechal Rondon, quando chegou no segundo prédio, a Comunidade tomou a decisão de construir uma capela.

A capela de Nossa Senhora das Graças foi então construída em sete dias, em mutirão, no sétimo, a primeira missa foi celebrada por Dom Aloísio. O dinheiro da obra foi arrecadado com as festividades das quadrilhas juninas. Organizou-se a tradicional disputa entre os partidos azul e encarnado, foram vários anos juntando dinheiro, que por decisão unânime da comunidade, foi utilizado para construção da referida capela.

O Seu Chico Jorge, como era chamado na Comunidade, tinha pouco letramento alfabético, mas era de uma memória e inteligência admirável, lembro muito bem, quando ele via um móvel que achava bonito, como um cristaleira, chegava em casa, pegava as madeiras e ia reproduzir a arte, o fazia com maestria. Ele não possuía instrumentos elétricos nem sofisticados de marcenaria, tudo era feito, com serrotes, limas, lixas, tornos, ferramentas rústicas manuais. Dali saiam guarda-roupas, armários, malas, baús, porta-remédios, que eram encomendadas pelas pessoas da Comunidade ou pelos seus parentes e amigos da Comunidade do Macaco.

Meus três Irmãos conviveram comigo durante quase todo o tempo em que morei na Comunidade do Trilho, prossigo essa narrativa falando sobre eles, Fatima, Francisca e Jorge.

3.3 Irmãs e Irmãos

A irmã mais velha, Maria de Fátima da Silva Vieira, a Tatinha, assim como o meu irmão Jorge, têm a pele bem clara, diferente da minha irmã Francisca Maria, a Novinha, que tem um tom de pele escuro como o meu.

A Tatinha tem costumes que lembram a nossa mãe, adora receber pessoas em sua casa, que fica na Lagoa Redonda, lugar de Fortaleza bem aconchegante. Ela fez somente o curso primário, mas teve a sorte de conseguir um trabalho como merendeira na escola Estadual Paróquia da Paz, foi efetivada como servidora pública estadual, onde trabalhou até se aposentar depois de 35 anos de serviço.

O Francisco Jorge da Silva, O Doge tem a pele clara, igual à da Tatinha, é muito brincalhão, durante a juventude jogava nos times de futebol organizados nas Comunidades do Trilho. Lembro do Madureira e do Bandeirantes. O meu irmão é bastante extrovertido e faz amizade com grande facilidade, além de ser um exímio inventor de causos.

Trabalhou durante alguns anos na COELCE, até ser vendida pelo Governador Tasso. À época, ele e o nosso vizinho Gilberto ficaram sabendo das inscrições que foram abertas para trabalhar na COELCE.

A minha irmã, Francisca Maria da Silva, é uma das pessoas mais expansivas e alegres que conheço, faz festa em todo lugar que chega. Assim como eu, ama ir para a comunidade do Macaco, quando estamos lá, na época do caju, ela e o marido passam horas, assando castanha. Cursou o Ensino Médio e trabalhou durante alguns anos no Mercadinho São Luiz. Mas depois que casou decidiu cuidar da casa e dos filhos.

3.4 O Cantador Poemando

Como tenho grande gosto pela contação, a poética e o canto, trago a seguir uma narrativa sobre minhas principais passagens de vida, intercalando alguns poemas ou versos. Quebrando o suspense, um poema apresentando Manu Kelé, o cantador.

O cantador

Eu sou o cantador
Vou lhe apresentar
Pau d'arco é minha árvore
Os marcadores vou cantar

De sete em sete anos
 Marcadores das africanidades
 Lutar contra o racismo
 É para todas as idades

Começo com o meu nascimento
Negra Maria Andrade foi a minha parteira
 O padrinho **Zé Jorge**
Madrinha a sua companheira
Chica Biluca rezadeira
 De quebranto e tudo mais

Da cabaça na farinha
 Para nos alimentar
 Dos sonhos bons e ruins
 De morrer ou de voar
 A minha mãe sempre me dizia
 Tem acontecimento no ar

Continuo com a infância
 Patinete e arraia
 Brincadeiras compartilhadas
O negro Erivaldo
 Com alegria recordado
 Do racismo sofrido
 Por uma menina que disse
 “Você é negro e minha mãe
 Não deixa eu brincar contigo”

A minha casa era aberta
 Lugar de acolhimento
 Onde muita gente morava
 Tinha guarida e alimento
 Café da tarde aberto
 Pra vizinhança amiga
 Nas conversas e gargalhadas
 também tinha raízes
 Da luta pelas moradas
 Na juventude a musicalidade
 Aprendi o violão
 A sentir muito ritmo
 Samba, reggae e baião

Gil, Milton Djavan Egberto
Também coisas do sertão

Também foi a boa época
De entrar no movimento
Grucon era a organização
Que adquiri conhecimento

Com **Alex, Oziélia**
Toni Hilário Sobrinho
Arte roupas resistência
Marcaram o meu caminho

Comecei a fazer canção
Poesia de resistência
Kalunga Mbanza e Afrobrasileiro
Marcaram essa essência
Pra enfrentar o racismo
Entrei para faculdade
E fiz o curso de História
Buscando novas verdades

A construção de uma capela
Pra comunidade preservar
Era um valioso lugar
Para os especuladores
Que queriam
Todos os moradores tirar

Também teve o Canto
Em Cada Canto
Cirandas amorização
Eram muitos saberes
Era muita canção
Angela Linhares e Nininha
Mestras do coração

Depois veio a oportunidade
Da pós-graduação
Em História da África feita com emoção
A influência banta no Ceará na monografia
Mergulhei um pouco na África e na sua filosofia
Mia Couto Hampaté Bá com toda sabedoria
Atualmente no NACE

Lugar de muito saber
 Que nos aprofunda
 E nos leva a um alto conhecer
 Além do estudo nos quilombos
 As oficinas e rituais
 Sandra Petit a Griot
 Que tanta força nos traz
 Pra engrandecer nossas lutas
 Com livros e baobás!

O Poema canção, citado acima, eu criei por ocasião da minha vivência como ouvinte a componente curricular Cosmovisão Africana, ministrada pela professora Sandra Petit na Faculdade de Educação da UFC. Foi durante a pandemia e a referida componente aconteceu na modalidade remota, online, com toda uma adaptação das vivências normalmente realizadas circularmente em sala de aula. Alessandra Masullo e José Soares colaboraram como monitores da professora Sandra na condução do trabalho realizando Estágio de docência.

Uma das vivências foi a Árvore dos Afrossaberes que utilizei na atual pesquisa. Nessa vivência, nos apresentamos levantando nossos marcadores das africanidades, os quais são organizados por faixa etária, de sete em sete anos. Fazemos um exercício de recordação de elementos das africanidades, geralmente aqueles que ficaram marcados fortemente em nossa memória afetiva e corporal. Essa vivência muito me ajudou a fortalecer o meu Pertencimento Afro, por isso foi importante para mim eu recorrer a esse dispositivo também no estudo na escola Josefa Pereira de Sousa, no Macaco. Apresento aqui de forma resumida em duas partes, a infância e juventude e fase adulta.

Doce safra de um Verso

Quando ainda era nada já queria ser palavra
 Doce safra de um verso soprado ao som do coração

3.5 Marcadores da infância

Nasci dentro de uma rede (no capítulo 2 mostro os desenhos) , no Endereço Rua do Trilho, 3744, Aldeota, Fortaleza, Ceará. Uma comunidade que tenho laços até hoje e é marcada pela resistência histórica contra a especulação imobiliária.

A casinha em que eu nasci era de taipa e chão batido, uma tecnologia africana, estudada com muita profundidade pelo professor Henrique Cunha Jr. Fui pego por uma parteira

chamada Maria Andrade, uma mulher negra, grande amiga da minha mãe. Ela fugiu para São Paulo livrando-se do marido, um militar da reserva que a espancava. Essa foi a saída encontrada para que se libertasse daquele sofrimento insuportável.

Os meus pais Francisco Manoel da Silva Júnior (Chico Manel) e Maria Teixeira da Silva (Maria Jorge), originários da Comunidade do Macaco Itapipoca Ceará, chegaram na Comunidade do Trilho no ano de 1958, fugidos do terrível seca que assolou o Ceará naquele ano.

Um das lembranças de quando eu era criança que não me saíram da memória é a do quarto onde eu dormia, na casa da minha tia Luiza Jorge, lá havia um caixão enorme cheio de farinha. Dentro, além de farinha, tinha sempre beiju seco, bolo de carimã salgado e doce, além de uma cabaça que era usada para tirar a farinha. Segundo Odete Semedo (2010) a cabaça é um elemento importantíssimo na cultura Bissau guineense.

Ainda guardo na memória as severas crises de asma, que eram diminuídas com a ingestão de uma infinidade de remédios, entre os quais antibióticos da farmácia, xaropes. Porém meu paladar ficou marcado com o sabor de uma diversidade de chás, os quais recordo muito bem dos nomes e fui no dia a dia aprendendo sobre suas serventias.

Os chás eram feitos de Cravo do santo usado para a asma, Cidreira para digestão e calmante, Mastruz com leite, para cura da gripe ou machucado, Hortelã para acalmar, colônia que ajuda a controlar a pressão, no quintal do nosso caso no Trilho tinha muitos plantados, quebra-pedra e torem para os rins, folha de goiabeira para má digestão, pimenta longa, de casca de laranja, boldo, casca de marmeleiro, todos os últimos eram bons para dor de barriga.

Os brinquedos que mais me encantavam eram: o patinete e a arraia, todos compartilhados com o meu grande amigo Erivaldo Martins da Silva, filho do Pai Oscar, rezador que tinha um terreiro de umbanda e era grande amigo da minha família. Hoje tenho consciência de que esses hábitos de compartilhamento, bem como o uso medicinal de ervas são práticas herdadas dos nossos laços de africanidades.

Naquele tempo as crianças que moravam nas comunidades confeccionavam os seus brinquedos, eu criava junto com o meu amigo as nossas arraias e patinetes. As arraias eram lindamente coloridas, usávamos linha, papel de seda e cola para fazê-las. A peripécia de construir brinquedos envolvia vários aprendizados. Quando se fazia uma arraia, tínhamos que prezar pelas medidas exatas, caso contrário ela não voava, dizia-se que ficava pensa. Toda criança sabia que o melhor mês para se soltar arraia era julho, pois a natureza nos presenteava

com ventos fortes e um imenso céu pintado de azul. O contato com a natureza, o saber observá-la e aproveitá-la, gerava vários aprendizados e buscando como melhorar as nossas vidas, ficávamos em contato com os tempos cíclicos da natureza. Os patinetes eram feitos de madeira, pregos e rolamentos, os últimos eram conseguidos na antiga empresa de ônibus, uma das primeiras de Fortaleza chamada Cialtra, que ficava bem próximo da minha casa.

Era preciso ter paciência, serrar a madeira, pregar, medir, para deixar o patinete seguro. Esses maravilhosos brinquedos corriam em cima dos trilhos, havia um rolamento, na frente, outro do lado, o da frente era inclinado de uma maneira que fazia com o que o do lado o prendesse nos trilhos para ele não cair. O estado de alerta era indispensável, era preciso sair apressadamente quando se ouvia o apito, pois era hora de o trem passar, hoje imaginando essa cena me dou conta do perigo que enfrentava, nessa emocionante brincadeira. Aos 9 anos, um caso inusitado aconteceu, tinha uma igreja evangélica em frente à minha casa, eu e os meus amigos gostaríamos de ficar de fora olhando o culto. Numa dessas noites resolvi falar com uma menina que fazia parte da igreja, mas ela não quis nenhuma conversa comigo, foi logo dizendo: A minha mãe não quer que eu fale com pessoas como você! Aquilo penetrou na minha alma de forma cortante, dilacerante, eu fiquei desnortado. Naquela noite eu rezei a Deus para que mudasse a minha cor! E chorei bastante!

As crianças sentem o racismo, mas naquela época e ainda nos dias atuais, uma grande parte das famílias não estão preparadas para ajudar os seus filhos no enfrentamento do racismo. Coisas como essa atrapalham enormemente a vida das crianças negras. O sofrimento ocasionado pelo racismo e seu enfrentamento também é uma marca que está infelizmente estampada na alma da grande maioria do povo africano e afro-brasileiro.

3.6 Marcadores da adolescência e juventude

Na minha adolescência e juventude participei da PJMP (Pastoral de Juventude do meio Popular ligada às CEBs católicas). Na comunidade o grupo tinha o nome de Forjoc (Força Jovem a Caminho de Cristo). A nossa mentora, irmã Maria José Lopes, era uma pessoa forte, sua aparência franzina não transparecia sua grandeza interior, mas as suas ações e consciência ilustravam sua luz e beleza.

Ela nos incentivou e cobrou de nós ações comunitárias concretas. Foram muitos os trabalhos comunitários, mutirões para construção de casas, levantamento de paredes que caíam, por causa da chuva. Fui ajudante de pedreiro nesses trabalhos emergenciais. Eram trabalhos são carregados de traços de resistência e união, características que são do nosso povo, que estão

presentes no livro do Negô Bispo *A terra dá a terra quer* que fala dos mutirões mobilizados para ajudar as pessoas que precisavam de casa e não sabiam fazer:

As pessoas dependiam de casas que não sabiam fazer. Onde nasci e fui criado, desde criança, íamos observando, achávamos um lugar bonito, criávamos uma relação, uma comunicação com o lugar. E marcávamos: “Vou fazer a minha casa aqui”. Eu não precisava pagar para fazer a minha casa. Pelo contrário, no dia de fazer a casa, havia um grande mutirão, vinha todo mundo! Era uma festa, e fazíamos uma casa muito rapidamente (Santos, 2023, p. 35).

Ao longo da vida, senti os efeitos do racismo sobre mim, e a minha consciência aos poucos foi se despertando, então senti a necessidade de encontrar alguma forma, algo que me ajudasse a compreender e superar esse sentimento tão profundo e perverso, razão pela qual resolvi participar do GRUCON (Grupo de União e Consciência Negra).

O GRUCON, APNS e MNU estavam entre as principais entidades organizadas em luta contra o racismo em Fortaleza. A militância me conectou na época com pessoas relevantes do movimento negro que continuam presentes em nosso cotidiano de luta e valorização das africanidades, pessoas como Alex Ratts, Hilário Sobrinho, William Simão e Rosa Barros integrantes do Grucon. Dos APNS lembro de Roserlandio que hoje mora no Cariri e é o responsável pelo setor de documentação daquela diocese, Toni e Fernancio, infelizmente não tive mais notícias. Entre os participantes do núcleo do GRUCON na Comunidade do Trilho estávamos Eu, Alex Ratts, minha Irmã Francisca Maria (Novinha), Ana Marinho, Claudia Marinho, Rosa Barros, Oziélia e Liduina.

O GRUCON foi bastante atuante na Comunidade do Trilho, realizou várias ações culturais importantes entre as quais os reggae de radiola, realizados no Centro Comunitário Irmã Maria José Lopes. Eram festas onde a gente se reunia para dançar e exibir as nossas roupas e cabelos. Nessa época eu usava o cabelo Black Power, grande e cacheado. A minha mãe vivia dizendo: *meu filho corte esse cabelo!* O sentimento dela, nesse momento de narrativa me soa como um cuidado de alguém que sabia o quão perigoso é o racismo de marca (visível na pele e traços)!

No repertório daquelas festas maravilhosas, estavam presentes os principais representantes do reggae. Recordo com carinho e emoção as músicas que eram as preferidas da negrada, do Bob Marley *Africa Unite*, do Peter Tosh *Rastafari is*, do Alfa Blondy *Jerusalem*. Em cada música uma emoção que transbordava nos gritos de alegria, nos passos que ficavam cada vez mais ensaiados, na emoção que penetrava o coração e alma das pessoas que estavam como numa prece se conectando com seu pertencimento afro. Outro marco importante das

ações do GRUCON foi a criação de um bloco de Rua, o Kalunga Mbanza, pensamos na criação do bloco para fazermos na comunidade uma manifestação afro em pleno carnaval.

Em meio a criação de estandarte, procura de roupas, escolhas das músicas a serem cantadas no dia da saída do bloco. Alex Ratts disse: - tu deveria fazer a música do bloco! fiquei com aquele desafio girando na mente e mais ou menos uma semana depois, consegui compor em ritmo de afoxé "*Kalunga Mbanza*". Oziélia e Liduina são filhas do falecido Seu Idelfonso, descendente do quilombo de Conceição dos Caetanos, hoje reconhecido pela Fundação Palmares, localizado no município de Tururu, localidade próxima ao município de Itapipoca.

O reconhecimento de Conceição dos Caetanos como território quilombola foi desencadeado a partir das pesquisas de mestrado e doutorado de Alex Ratts. No mestrado ele tratou das origens históricas de Conceição e no doutorado ele pesquisou e comprovou os laços familiares entre Uruburetama, Conceição dos Caetanos, Água Preta, Lagoa do Ramo e Goiabeiras, todas comunidades negras, algumas delas autodeclaradas negras.

Um dos momentos mais emocionantes da minha vida, foi a participação na comemoração do 20 de novembro em Conceição dos Caetanos que aconteceu no ano de 1994, nessa data a minha filha Luanda ainda estava na barriga da mãe. A realização desse dia tão especial foi articulada pelos representantes do grupo negro do Trilho. Um ônibus saiu da Comunidade com representantes do movimento negro e várias pessoas, crianças, jovens e adultos parentes dos Caetanos.

A festa comemorativa foi animada, teve celebração de missa afro, dança e tive a oportunidade de também fazer uma apresentação de algumas canções autorais, entre as quais, Kalunga Mbanza e Afro-brasileiro, até hoje a canção é interpretada pelos quilombolas de Conceição em suas apresentações.

No ano de 1989, época em que estava fazendo um trabalho voluntário na Creche da Comunidade, avisei a minha mãe que ia me dedicar aos meus estudos, saí do trabalho na Creche. Como a minha mãe era uma pessoa articulada, conseguiu uma bolsa de estudos no cursinho particular Geo Studio localizado no Centro de Fortaleza, perto da Igreja Coração de Jesus. Na maioria absoluta das vezes em que eu voltava do lanche, os outros alunos passavam sem ser parados, mas a mim o porteiro sempre exigia a carteira de identificação.

Os episódios de racismo sofridos por mim, comentados nessa narrativa, fizeram nascer em mim a vontade de conhecer a história do povo negro, desvendar as verdadeiras causas do racismo, valorizar a história, encontrar meios, argumentos de superação do racismo, razões

pelas quais decidi fazer vestibular na UFC, Universidade Federal do Ceará, para o curso de Licenciatura Plena em História.

3.7 Novos tempos: irmandade no Pátio, amor de Rosário e Luanda

Na UFC naquela época pouquíssimos professores trabalhavam com História afro-brasileira e africana, pelo que me consta somente o professor natural do Pará, Eurípedes Funes e o professor cearense Francisco Pinheiro, realizavam pesquisas nessa área. O currículo do curso não oferecia nenhuma componente específica que valorizasse a História do povo africano e afro-brasileiro, o que acontecia na verdade era a valorização da História ocidental eurocêntrica.

Mas no meio desse desalento, encontrei no Pátio da Faculdade meus amigos irmãos colegas de curso, Andréa Havt, Eduardo Loureiro e Fabiano Piúba que na época ainda era chamado de Fabiano dos Santos, todos nós seguidores/a da Professorade história Luiza de Teodoro, ela era a única professora negra do curso, foi nossa grande mestra com quem formamos um grupo atuante até os dias de hoje intitulado “Os Internos do Pátio”.

Nos intervalos das aulas na UFC nos reuníamos para recitar nossos poemas e cantar nossas canções autorais. Aos poucos foram chegando outros internos como Fábio Marques, Roberto Marques, Lidia Soraya, Cristiane Moura, Mardônio Guedes, Paulo Barguil, Otaviano.

Alex Ratts não foi um participante efetivo do grupo do Pátio interno da UFC, mas entre as poucas participações, uma foi marcante, a do dia em que ele me chamou de Manu Kelé! Na brincadeira disse que eu era sobrinho da cantora popular negra Clementina de Jesus!

O Manu foi diminutivo de Manoel, por ter uns três colegas com o mesmo nome na faculdade e o Kelé é porque desde aquela época eu amo interpretar canções da Quelé Menina, a cantora Clementina que foi descoberta por um produtor musical que a ouviu entoando músicas tradicionais africanas cantadas pelos seus ancestrais trazidos da mãe África: “*Buritinho pequenino, Buritinho pequenino parente que samba na cacunda Purucunda onde vai, purucunda onde vai, o parente pro quilombo do Dumbá Eh chora Congo, chora eh chora Congo eh!*”

Antes de concluir a faculdade, conheci a minha esposa Maria do Rosário, veja abaixo: *Tudo isso se revelou quando te vi!* Maria do Rosário de Assis Alcantara e Silva, minha companheira e esposa, entrou na minha vida, numa festa de campanha política no conhecido Cais Bar. Depois as afinidades foram nos aproximando, ela também participava de um Grupo

de jovens de nome crescer, trabalhava como catequista no bairro Luciano Cavalcante. Aos poucos a nossa aproximação foi se consolidando, tínhamos o mesmo gosto musical, seguíamos a teologia da libertação, realizávamos trabalhos comunitários. Das afinidades cresceu o amor, do amor, o casamento. Do casamento nasceu a nossa filha, resolvemos chamá-la de Luanda Raquel. Luanda, para homenagear a África e Raquel, em memória da sua bisavó materna.

O nascimento da nossa filha gerou a necessidade de encontrar rapidamente um trabalho, o primeiro que apareceu foi para trabalhar com meninos de rua no Teatro José de Alencar. Era um trabalho voluntário, onde realizei trabalhos relevantes, dentre os quais a montagem de um Pastoril, que foi apresentado na época natalina no palco do jardim do Teatro. Tempos depois por incentivo da professora Luiza de Theodoro fiz uma espécie de estágio que depois virou trabalho de carteira assinada na ONG Um Canto em Cada Canto, onde participei de trabalhos coletivos incríveis. Foram musicais, gravações de cds, e formação de corais infantis realizados nas escolas, centros comunitários localizados na periferia de Fortaleza, local onde estão comprovadamente a maioria das famílias e crianças negras de nossa cidade.

A experiência do Canto, se expandiu para o interior do nosso estado. Viajei em parceria às companheiras do Canto, Gisele Castro e Adriana para trabalhar com a formação de professores em regência de coral infantil, todo o trabalho contou com o apoio da organização internacional UNICEF.

A grata experiência resultou na produção coletiva de um livro de arte educação musical intitulado “Lições do Caminho”: O que Conta o Canto, trabalho que é um importante registro da metodologia da ONG, Um canto em Cada Canto. Obra também coordenada pela professora da Universidade Federal do Ceará, Ângela Linhares e Ana Maria Militão Porto, a Nininha.

Simultaneamente, no transcorrer dos anos 1995 a 1999, trabalhei na Escola Presidente Médici, localizada no Bairro Mucuripe, com ensino de História. Desde essa época já utilizava as minhas canções para que os estudantes refletissem sobre a questão do racismo. Eu tinha consciência de que isso ainda era pouco, era preciso mais aprofundamento.

3.8 Africanidades na Academia

No ano de 2008 tive a oportunidade de fazer uma seleção para entrar no curso de Especialização em História da África e Cultura Afro-Brasileira, criado por uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Universidade Federal do Ceará. A criação dessa

oportunidade foi impulsionada por causa da obrigatoriedade do cumprimento da lei 10.639/2003.

O curso exigiu dos alunos a apresentação de uma monografia, resolvi realizar projeto intitulado “Um pé lá o outro cá da África para o Ceará”, um breve estudo sobre a influência banta na cultura afro-cearense, com a orientação do Professor de história na UFC, Franklin Ribard. No trabalho falei sobre questões importantes como a influência da cultura banta no maracatu cearense e na formação e organização dos quilombos.

Segundo Nei Lopes (1988), a estruturação dos quilombos é influenciada pela cultura banta, a organização do espaço, a maneira de treinar o exército, as estratégias de guerra e o próprio nome quilombo são de origem banto.

A experiência do trabalho na ONG Um Canto em Cada Canto entre 1995 e 2005 contribuiu com a minha formação musical. Inclinado para o lado popular, tive contato com canções tradicionais infantis, as quais muitas têm influência africana e afro-brasileira, entre elas as Cirandas.

Nos últimos anos participei de várias apresentações musicais na Bienal Internacional do Livro do Ceará, que tradicionalmente acontece no Centro de Eventos do Ceará. As apresentações musicais foram os espetáculos Brincar de poesia, Poesia de sentir em catar e Cirandeira. Em 2022 realizei a oficina *Pretagogizando a música afro na escola*.

A minha identidade musical é afrorreferenciada, minhas composições são influenciadas pelo Jazz, Samba, Maracatu, Afoxé e Ciranda. As letras das canções são poemas que falam de amor e também de pertencimento afro. Além de músico, nos últimos anos resolvi desenhar, iniciei com giz pastel, depois experimentei aquarela e atualmente estou gostando mais de pintar com tinta acrílica, gosto de pintar principalmente elementos afro-brasileiros e africanos, estão presentes nas minhas criações, baobás, rezadeiras, orixás, casas que identificam o sertão cearense e pessoas negras em seu cotidiano.

No ano passado, no mês de agosto, tive a graça de realizar uma exposição beneficente para construção do terreiro de umbanda Casa Espiritualista Mãe Tutu, foram vinte obras autorais, nelas estavam expressados elementos da espiritualidade Africana e Afro-brasileira.

No cotidiano na prática da sala de aula, tenho incentivado de forma contínua e persistente a reflexão sobre a questão do preconceito e do racismo e fomentado uma valorização efetiva da cultura afro-brasileira e africana. Nesse sentido, realizo vivências nas aulas com poemas autorais e canções que foram criadas ao longo desses anos de militância, para serem

meios de reflexão e valorização da cultura e beleza africana e afro-brasileira vejamos uma dessas canções poemas:

Neguinha
 Teu cabelo divino
 Veio da África
 Aportou no meu destino
 Gerou carinho
 Me fez te perceber
 Tão assim:
 Princesa de Luanda
 Lua que anda
 No céu do astral universo
 Verso da tua perfeita beleza.

A escola onde leciono em Fortaleza, Frei Tito de Alencar Lima, se olhada somente pela ótica racional, seria a melhor opção para que eu desenvolvesse uma pesquisa de mestrado, era mais cômodo ficar em Fortaleza, não gastaria com viagens, ganharia mais tempo, que facilitaria a execução do projeto.

Mas as dificuldades não pesaram no momento de escolha, o campo sentimental gritou, o pertencimento falou mais alto. Quando criança viajava para o Macaco com a minha mãe, amava o lugar, fui crescendo e durante algum tempo, não ia com tanta frequência. Mas entre os anos de 2006 e 2007 dois primos, Benedito e Jorge, que moram em São Paulo, resolveram passar férias com passagem por Fortaleza e fui com eles passar uma semana na comunidade.

Foram dias profundamente mágicos, que me fizeram começar a enxergar a comunidade com um olhar de pesquisador que poderia fazer um movimento de volta ao passado e melhorar o presente. Daquele momento em diante, decidi que construiria um projeto sobre a comunidade. O dia a dia de todo professor é pesado, quem tem 200 horas, dá aulas em 13 turmas, o cansaço é um obstáculo que muitas vezes nos faz esquecer ou mesmo desistir dos nossos sonhos.

Mas como os sonhos não envelhecem, no ano de 2012, tive a feliz oportunidade de viajar a convite da Professora Sandra Petit, para a Serra do Juá, um quilombo localizado em Caucaia. À tarde foram realizadas visitas às casas e durante a noite a culminância das oficinas pretagógicas. Os pesquisadores eram Rafael Ferreira, Cláudia Oliveira e Eliane Magalhães, orientandas e orientando da professora Sandra Petit. Participei ajudando na animação e

fotografando o encontro. Fiquei muito feliz quando soube que uma parte das minhas fotos foram aproveitadas na dissertação da Claudia Oliveira.

Meses depois, tive a honra de participar da defesa coletiva de todas essas dissertações no auditório da FAGED, na UFC Universidade Federal do Ceará. Rafael Ferreira trabalhou a capoeira no quilombo, Eliane Magalhães a questão das rezadeiras e Claudia Oliveira o pertencimento afroquilombola na Serra do Juá! Me identifiquei muito com os trabalhos apresentados.

A minha experiência profissional e acadêmica, a participação nas mais diversas atividades do NACE e a minha afirmação afrodescendente já tinham me inspirado para seguir os caminhos da Pretagogia, mas posso afirmar que o contato embora ainda inicial, e a história de ocupação da comunidade foram um dos fatores primordiais para optar pela Pretagogia. Nos próximos capítulos irei apresentar a pesquisa de campo com a abordagem pretagógica que realizei.

4 PRIMEIRO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA

Antes de descrever como foram os dois dias de formação com professoras e professoras nos dias 9 e 10 de março de 2023, acho importante falar sobre o transporte. É muito importante observar que no domingo, não circulam os tradicionais pau-de-araras, que transportam idosos que vão receber o dinheiro das suas aposentadorias, pessoas que realizam compras para a semana ou mês, comerciantes interessados em repor as mercadorias que estão faltando nas prateleiras de suas mercearias.

Na semana os transportes saem da comunidade às 5:00 e retornam entre 10:30 e 11:00, a tarde saem às 13:00 da comunidade e retornam às 16:00. Como estávamos indo num domingo, essa realidade nos fez programar de maneira bastante meticulosa a nossa viagem, então compramos as passagens de Fortaleza para Itapipoca no horário de 5:30, para não perdermos o carro do Elivam. Fomos eu e a Professora Sandra Petit para esse primeiro encontro – o único que ela participou – que foi planejado antes na orientação. Então abaixo apresento o planejamento e o primeiro dia da nossa estadia no Macaco.

4.1 Primeiro dia da estadia na Comunidade do Macaco

Seguimos o seguinte planejamento, com uma diferença, o ponto 5 conduzido pela Professora Sandra sobre Pretagogia, EREER e o contexto das conquistas do marco legal referente a essa política curricular afirmativa, teve de acontecer no momento 2, logo após a acolhida, devido à falta de quórum, na expectativa que chegassem mais docentes, pois nem todos foram liberados como pensávamos, então, para não prejudicar o trabalho empírico que necessita mais do presencial, a parte expositiva veio antes.

Eis o que estava planejado:

- 01-** Acolhida- Música - Laranja - 15 m
- 02-** Minha música meu pertencimento - 1:15
- 03-** Árvore dos afrossaberes - 1:00
- 04-** Levantamento dos afrossaberes (Professores (as) - 1:00
- 05-** Apresentação expositiva sobre Pretagogia, EREER e o contexto das conquistas do marco legal
- 06-** Avaliação - Sanfona

4.1.1 A acolhida e a apresentação expositiva

No primeiro momento, como previsto, eu realizei uma vivência com a música Laranja, uma música que valoriza o nome de cada pessoa e nos possibilita internalizarmos de maneira mais fácil cada nome.

“Laranja oh laranja, deixa o suco amarelo fulano (a pessoa diz o nome) venha cá teu amor aqui cá quero. ”

A Professora Sandra Petit deu continuidade ao encontro. Fez uma fala introdutória sobre a Pretagogia, ressaltou que a criação pedagógica é mais que uma proposta teórica metodológica e apresentou entre os seus principais objetivos a criação de subsídios pedagógicos que colaborem com a implementação da lei 10.639/2003 nas escolas.

Ressaltou a importância de criarmos propostas curriculares afroreferenciadas, guiadas pela transversalidade, de modo que se trabalhem os aspectos africanos e afro-brasileiros em todas as componentes da escola, ação que contribui no combate ao racismo dentro e fora da escola.

Após a fala da professora Sandra que durou meia hora, as professoras Maria Erli e Maria Marliete que são irmãs e que moram na comunidade, afirmaram que a escola Josefa Pereira de Sousa, ao longo dos anos não tem realizado um trabalho sistemático de ações de implementação da lei 10.639/2003. Como acontece na maioria das escolas do nosso país ressalta-se apenas o dia 20 de novembro.

Maria Erli, professora negra, destacou alguns casos de racismo que aconteceram com ela. Narrou que certa vez quando foi com a sua mãe consertar a máquina de costuras, o homem responsável pelo conserto, a tratou como se ela fosse empregada de sua mãe, é importante ressaltar que a mãe da Maria Erli tinha a pele clara e olhos claros.

O referido técnico deu várias ordens a Maria, mandando que ela jogasse o lixo, que varresse o lugar e por último falou que ela fosse comprar uma peça que estava faltando para consertar a máquina, dizendo para sua mãe, “mande a sua empregada!” Maria Erli então observou; *“fiquei só prestando atenção até onde ele ia com aquele absurdo”*, intrigada com a situação disse: *Eu não sou empregada dela eu sou filha, e o senhor não tem nenhum direito de me tratar dessa forma.* Saíram revoltadas do lugar sem realizar ali o conserto.

Marliete é negra parda, mais clara que Maria Erli. Ela contou que algumas pessoas costumavam brincar, com as duas irmãs, dizendo que uma nasceu de noite e a outra de dia. Observaram que essas brincadeiras fazem parte do chamado racismo recreativo, hoje em dia na forma da lei é condenável, quem o pratica está sujeito às devidas punições estabelecidas na lei.

As falas das professoras e professores trouxeram outras revelações, alguns professores (as) afirmaram que a casa mais antiga da comunidade que pertenceu aos patrões, antigos donos das terras, ainda está de pé. Comentaram ainda sobre a existência de um lugar de difícil acesso da comunidade, onde foram encontrados ferros, correntes, disseram que esses objetos eram usados para reprimir de forma cruel aos negros que resistiam de alguma forma ao mando dos patrões ou fizessem algum ato considerado delituoso.

4.2 Minha Música, Meu Pertencimento

O encontro seguiu com a realização da vivência intitulada **Minha Música, Meu Pertencimento**, na qual o participante apresenta uma ou mais músicas negras que significativas ou que marcaram ou estão marcando seu Pertencimento Afro. Conforme os caminhos traçados pelo planejamento, fiz a apresentação de algumas canções negras que marcam meu pertencimento, na ordem que segue:

A primeira foi *Doce Safra*, composição que nasceu da parceria com o meu amigo Eduardo Loureiro que hoje é professor da UFC.

A segunda foi *Na linha do mar*, interpretada por Clara Nunes, canção que fazia parte do repertório que era ouvido pelos meus pais, ambos gostavam de Clara, que com a potencialidade de sua voz suave e linda, ritmava as afrolituras nas melodias e letras perpassadas de espiritualidade africana e afrodescendente.

A terceira e quarta músicas, fazem parte do momento em que participei do GRUCON, Grupo de União e Consciência Negra do Ceará. *Afro-brasileiro* e *Kalunga Mbanza*, são canções que marcaram a minha participação nessa comemoração do 20 de novembro de 1994, ocorrido no Quilombo de Conceição dos Caetanos, no interior do Ceará. Na ocasião, se juntaram grupos de outros quilombos da região, como Goiabeiras. Desde essa celebração anos atrás, a música Afro-brasileiro é entoada nas festas e apresentações do grupo de dança criado pela comunidade.

Kalunga Mbanza foi intitulada com o mesmo nome do bloco de rua criado na época por nós do GRUCON, que saiu pelas ruas das Comunidades do Trilho e Bom Jardim, a sua composição nasceu a pedido do meu amigo Professor Alex Ratts. Finalizei o momento com Cirandeira, uma composição criada em parceria com Fabiano Piúba, que está gravada no CD do livro “O que conta o Canto”, trabalho que conta a experiência dos educadores, regentes de corais infantis populares, formados em várias cidades do interior do nosso estado.

4.3 Apresentação da minha Árvore dos Afrossaberes

A continuação da formação foi pautada pela apresentação da minha Árvore dos Afrossaberes, que floresceu depois das reflexões que me fizeram viajar na investigação do meu interior na época da componente Cosmovisão Africana. Confesso que a minha participação como estudante ouvinte nessa componente ministrada pela Professora Sandra Petit, foi um dos aportes importantíssimos para esse feito. À época ela era acompanhada de duas pessoas orientandas dela que realizavam Estágio de Docência na componente, Alessandra Masullo e José Soares. Era em plena pandemia e aconteceu online pela modalidade remota, o que obrigou a adaptar todas as vivências presenciais coletivas que são típicas da formação pretagógica. Foi um desafio, mas que deu certo e gerou muito envolvimento afetivo da turma, pois quebrou o isolamento produzido pela pandemia.

Na apresentação no Macaco incorporei a figura do Cantador para entoar os versos que foram apresentados. Elaborei uma melodia fácil, inspirada nos cantadores do sertão. Na composição dessa árvore, utilizei vários elementos com destaque aos desenhos que fiz especialmente para representar a saga dos meus pais, saídos da Comunidade do Macaco em 1958 por causa da grande seca ocorrida naquele tempo.

O meu nascimento eu expressei realizando o desenho de uma rede, local onde nasci, pego pela parteira negra Maria Andrade. A minha infância também foi representada pelo desenho de uma criança soltando arraia. O patinete de madeira que andava em cima dos trilhos e as arraias, eram as minhas brincadeiras prediletas.

A apresentação da Juventude foi identificada no desenho do Bloco Kalunga Mbanza que na época da minha participação no GRUCON e sua saída nas ruas da Comunidade, foi um grande momento que configura a história de tantas ações implementadas que se realizavam na época pela referida representação do movimento negro. Ainda apresentei meu desenho do violão que considero um símbolo da musicalidade que carrego na alma.

Na parte de configuração do ápice da árvore foi exposta uma foto da minha mãe Maria Jorge com a minha filha Luanda, além de um Baobá para intencionalmente marcar a minha participação no NACE. A árvore foi finalizada por um desenho que criei do senhor Manoel Cordeiro saindo do roçado, que para mim representa simbolicamente o movimento *Sankofa* da minha volta à comunidade para realizar esse projeto de pesquisa.

Os professores (as) participaram com bastante alegria dessa vivência, alguns alunos ficaram olhando, o momento era inusitado, alguns professores ainda sugeriram que a fizéssemos a roda de canto e dança com os estudantes. Mas não levamos adiante essa proposta.

No momento de conversar para finalizarmos a formação do dia, as professoras e os professores gostaram tanto que propuseram a continuidade no próximo dia, nos oportunizando retornarmos para essa vivência da Pretagogia, que é a Árvore dos Afrossaberes, com o levantamento das vivências e afro objetos delas e deles. Assim pudemos realizar um aprofundamento da compreensão do quadro dos marcadores das africanidades, quadro esse importante para o levantamento das afro experiências para construção da Árvore dos Afrossaberes. Terminamos o encontro de forma um pouco apressada, sem passar o instrumental básico de avaliação.

Quando terminou esse primeiro dia, convidei a Professora Sandra Petit para fazermos uma visita a casa da minha prima Bendita, na apresentação dela à minha orientadora, disse que somos primos irmãos, o pai da Benedita era irmão da minha mãe, e a sua mãe, minha tia e madrinha, irmã do meu pai.

Prontamente, o marido da Benedita foi fazer umas deliciosas tapiocas e a Benedita passou o café, ofereceu leite, que não era de caixa e sim mugido, um diferencial do interior. Além de respirarmos um ar maravilhoso, ouvirmos o canto dos pássaros, ainda tivemos a oportunidade de ter uma alimentação não industrializada, algo que a Professora Sandra Petit valoriza muito.

A empolgação das professoras (es), levou a defender junto ao diretor a continuidade das vivências pretagógicas, argumentando sobre a importância dessas atividades para a escola e os estudantes. Naquele dia, 10/03, estava acontecendo uma avaliação diagnóstica na escola, coordenada pela Prefeitura de Itapipoca, que contava com a presença das formadoras responsáveis pela escola Josefa Pereira e outros representantes da secretaria de educação.

4.4 segundo momento do primeiro encontro formativo

O Planejamento do segundo dia de formação dos professores (as) da Comunidade do Macaco Itapipoca- Ceará ocorreu no dia 10/03/2023 e as atividades foi:

01- Acolhida- Sandra

02- Minha Música Meu pertencimento: Fazer um cronograma para marcarmos quais pessoas nas próximas oficinas vivenciarão as suas músicas escolhidas

03 – Explicitação sobre o Quadro dos Marcadores das Africanidades e como identificar seus afrossaberes

04- Construção das Árvores dos Afrossaberes pelas pessoas do grupo

05 - Avaliação e encaminhamento

06 - Encerramento - *Noites da cor da pele*, música de Manu Kelé

O planejamento não foi implementado por completo, o motivo foi a espera por algumas professoras (es) que estavam ajudando na avaliação diagnóstica.

A vivência iniciou com a iniciativa da professora Maria Erli. ela levou vários objetos, fotos, cabaças, lamparinas, boneca de pano, com a intenção de já iniciar a apresentação da sua Árvore dos Afrossaberes, ela estava realmene muito empolgada. Mas era necessário iniciar tudo de forma mais organizada e aprofundada, diante da necessidade de entender os caminhos para se chegar à construção desse dispositivo pretagógico.

Porém naquele dia, o tempo que nos restou não possibilitou um levantamento considerável de afrossaberes de cada um, mesmo assim a partilha foi realizada, com a certeza esse trabalho seria um exercício para que em casa, com mais tempo eles consigam levantar a maior quantidade de saberes possíveis para culminar com a feitura e apresentação de suas árvores.

A professora Luzia iniciou a sua apresentação, falou sobre a origem do seu nome, disse que foi uma escolha da sua mãe, por causa de uma promessa da sua avó, a professora nasceu com problema na visão e na época, era costume passar uma aliança de ouro nos olhos das crianças, o povo acreditava que essa prática poderia curar os olhos doentes. Luzia lembrou no seu exercício de alimentos como vatapá, cuscuz e azeite de dendê. Lembrou de suas professoras negras da localidade do Salgado dos Pires, Marlene, Rejane e Tereza Albertina, também da rezadeira Maria Estevam.

A professora Pâmela Beatriz disse que seu nome foi dado pelo seu irmão que vivia dizendo que queria ter uma irmã para chamar de Bia. Continuou falando sobre vários outros afrossaberes, ou marcadores das africanidades, como o exemplo de todas as suas primas que insistiam e alisavam o cabelo, no seu pronunciamento, ressaltou que ela era a única que tinha resistência a essa mudança, pois nunca quis alisar o seu cabelo.

Outro fato interessante em seus levantamentos foi revelar que sua mãe é do candomblé e sua tia é evangélica, comentou ainda que às vezes a tia pede a saia da sua mãe que diz “essa saia é da macumba” e a outra não se importava e queria vestir a saia da irmã assim mesmo, o que quebra o preconceito, já que alguns evangélicos demonizam as religiões de matriz africanas.

A professora Marliete disse que, seu nome remete à diplomacia, é de origem francesa, significa espírito de mártir. Seu nome foi dado por causa do nome de uma doutora que atendeu a sua mãe que gostou muito da médica. Além desses aspectos, lembrou de brincadeiras

de roda, cavalinho de pau, bonecas feitas de espiga de milho, com cabelos dourados. Também de algumas crendices como quando a criança é bem pequena tem que assoprar a moleira, para não cair o vento, para falar, colocar um pinto na boca.

Ainda no levantamento da Marliete, não comer manga com leite, usar pulseira como modo de cura e proteção. Recordou de comidas como cuscuz, baião de dois, tapioca, feijoada. Também falou sobre a resistência pela conquista da terra, segundo ela, usando sabedoria e força essa resistência ainda é sentida.

Marliete lembrou que sua entrada na faculdade ajudou a desmistificar muitas coisas e aumentou o seu entendimento sobre a questão da religiosidade africana, que é bastante discriminada, ela defende que a crença de cada pessoa seja respeitada.

Maria Erli, lembrou que o seu avô Quirino de Holanda, fugindo da praia, chegou na localidade do Macaco e casou com a sua avó Maria Pastora, daí nasceu a sua mãe, Dona Erli. Continuou sua fala lembrando de alguns mitos existentes na comunidade como a lenda do Chorador, as pedras brancas. Falou ainda que em extensão a comunidade ia até a Barra dos Macacos, lugar que era uma formação geográfica de serrote, lá existiam na época muitos macacos, fato que na sua argumentação é o que deu origem ao nome da comunidade.

O professor Chiquinho, Francisco Holanda, disse que o seu nome foi influenciado pelo seu pai que fez promessa para rezar o rosário para São Francisco. O nome Francisco significa resistência. Afirmou que seu avô era fugitivo da escravidão e foi para Quixeramobim onde conheceu a sua vó holandesa na escola.

Lembrou ainda que na idade de 3 anos viu pela primeira vez um reisado, um acontecimento que ainda hoje está presente em sua memória. Lembrou das festas de Yemanjá, disse que até nos dias de hoje, saem carros da comunidade para os festejos do dia dela. No final. Apesar do pouco tempo que nos restava, conseguimos passar a sanfona de avaliação.

Sanfona do dia 10/03/23 Comunidade do Macaco Itapipoca Ce
O que aprendeu e o que achou?
1- Que nossa História vai além de nossas vivências
2- Despertou dentro de nós o desejo de aprender, explorar os nossos saberes
3 - A africanidade está no nosso dia a dia , ligação com as estrelas o universo em geral
4 - Proveitoso muito bom
5 - Descoberta do surgimento da africanidade unidade resistência

6 - Conhecer minhas raízes que são pertencentes a africanidade
7 - A importância da música para expressar os sentimentos da cultura a África
8 - Os sentimentos de sermos descendentes de ex-escravizados
9 - Conhecer os elementos de nossa cultura que tem origem na África
10- Esse estudo possibilita uma nova metodologia de ensino
11- Adquirir novos conhecimentos

Depois de sairmos da escola fomos na casa da minha prima Tonha Teixeira para tirar pitombas, tive o prazer de levar uma picada de maribondo, só para lembrar meu tempo de infância na Comunidade que costumávamos fazer o desafio de quem conseguiria pegar na casa do marimbondo e correr. Brincadeira muito perigosa, já que uma ferroada dói muito.

O nosso encontro com a comunidade foi muito positivo, alguns professores ficaram afirmando que iriam fazer de tudo para que a Comunidade do Macaco fosse reconhecida como um Quilombo, O poder da Pretagogia possibilitou o despertar das memórias das professoras/es e todas/os fizeram uma linda recordação encontrando no passado elementos importantes ligados às africanidades.

É importante ressaltar a receptividade de Manoel Cordeiro e da Maria, considero muito maravilhosa a acolhida recebida na casa deles onde nos hospedaram. É uma lição prática dos costumes ancestrais, fomos bem recebidos, nos sentimos em casa, com a mesa farta e chá de cidreira natural à noite.

A junção de todos esses elementos, nos lembram a generosidade africana, o cuidado dos anfitriões transparece um aspecto afro-ancestral que nos encanta e nos faz bem. Com a energia da casa e do lugar, aos sons de uma orquestra de sapos cantando no açude, passamos dias sendo curados da correria da cidade. O silêncio realmente nos aproxima da espiritualidade que nos leva a Deus. Oxalá nos guarde e abençoe sempre!

4.5 Reflexão sobre o primeiro encontro

No início do primeiro encontro, ficou no ar, uma certa resistência por parte da direção, uma prova externa impediu a participação de algumas professoras/es. Mas o interesse das/dos professoras/es se refletiu na pressão realizada junta a direção que garantiu um segundo momento que possibilitou a vivência dos dispositivos pretagógicos elaborados a Árvore dos

Afrossaberes e Minha Música, Meu Pertencimento. Vivenciar esses dispositivos foi importante para que os professores entendessem como funciona a Pretagogia.

A parte da manhã foi marcada pela apresentação dos objetivos da Formação, Apresentação da Pretagogia, a contextualização histórica da criação da lei 10.639/03 e uma defesa da importância da implementação da EREER em todas as escolas.

A participação das professoras/es foi marcada por depoimentos que comprovaram a existência na comunidade de muitos marcadores das africanidades tais como uma casa de taipa centenária, dos vestígios de instrumentos de tortura, que ainda se encontram no meio da mata, rezadoras/es, parteiras, casos de racismos sofridos na escola e pelas próprias professoras, narrativas das chegadas dos primeiros moradores da comunidade entre outros.

As professoras/es também disseram que a implantação da EREER na escola ainda não acontece de modo satisfatório, houve um momento que a prefeitura os pressionou para que se apagasse o conteúdo e se registrasse no diário atividades referentes ao cumprimento da Lei 10.639/03, o qual teve a sugestão da utilização do paradidático *A Menina do laço de fita*, livro que podemos considerar ultrapassado, pois existem atualmente obras mais representativas da cultura africana e afro-brasileira. Podemos citar de forma rápida, alguns exemplos, *Antônia e os cabelos que carregam os segredos do Universo*, de Alan Alves Brito, *Contos africanos para crianças brasileiras*, de Rogério de Andrade Barbosa, *A África recontada para crianças* de Avani Souza Silva e Lila Crus entre tantos outros. Os professores tocaram também na necessidade de se ter uma formação mais qualificada que os ajude na implementação da EREER na escola. Essas questões mostraram que a escola não executa ações que favoreçam a implementação da EREER.

Um aspecto positivo relacionado a EREER é que um dos professores, disse na hora da apresentação do dispositivo Minha Música meu Pertencimento que já estava gravando, *para utilizar na aula de Português*, ele realmente o fez, mas infelizmente não registrou.

O Pertencimento Afro foi expresso de diversas formas, dentre alguns exemplos do que foi apresentado estão, a chegada das três famílias, os *Manel*, os *Bilucas* e os *Frotas*. Dessas famílias descendem a maioria absoluta dos moradores do Macaco, em uma das falas uma professora disse: *Hoje em dia é tudo uma família só, quem disser alguma coisa contra alguém pode estar ofendendo a si mesmo*.

Foram realizadas falas sobre as parteiras que fizeram parte da História da comunidade, a conversa sobre esse afrossaber, surgiu por causa da apresentação da minha Árvore dos Afrossaberes, e o diálogo girou em torno da estranheza que certas professoras, não

gostavam de chamar as parteiras de mãe, mas isso era um sentimento de criança, por não entender ainda o sentido dessa tradição. No diálogo, uma professora falou que era comum as mães chamarem as parteiras de comadre e assim houve um aporte de ética africana, que é o respeito pelas parteiras como mães. Encaro tudo isso como tradição e pertencimento, sabermos o quanto as parteiras tiveram grande importância durante toda a História e ainda continuam tendo nas comunidades habitadas pelo nosso povo Afro-brasileiro.

Resumo dos aspectos percebidos nesse encontro

Afrossaberes: vestígios de instrumentos de tortura, que ainda se encontram no meio da mata, rezadoras/es, parteiras, a casa de taipa centenária ainda em pé, casos de racismos, história dos primeiros moradores, falseamento do ensino da EREER pela Secretaria de Educação no passado. Ética africana: parteira como mãe, comunidade como família, cuidado para não ofender pois é ofender a si mesma/o.

Pertencimento Afro: Foi fortalecida a motivação por uma formação afrorreferenciada ou afrocentrada significativa. Aprenderam sobre Pretagogia. Trouxeram memórias, éticas da tradição africana, um professor utilizou os marcadores no ensino de português.

5 SEGUNDO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA

Para o segundo encontro, eu tive a grata colaboração de Rafael Ferreira, que por ser mais experiente que eu em matéria de Pretagogia me foi recomendado pela Professora Sandra Petit. Ele fez mestrado e doutorado orientado pela Professora Sandra e por isso já realizou várias pesquisas e encontros formativos. Como estava disponível e também interessado em conhecer essa Comunidade e respirar um ar mais puro, Rafael se prontificou e foi um excelente parceiro nesse momento. Foi um encontro que teve mais gente participando e onde pudemos de fato realizar as Árvores dos Afrossaberes. Aconteceu dia 05 de abril de 2023, numa sexta-feira com o seguinte planejamento:

- 01 – Apresentações, Acolhida e Relaxamento
- 02 - Minha Música, Meu Pertencimento
- 03 - Levantamento dos marcadores das africanidades
- 04 - Apresentação das Árvores dos Afrossaberes
- 05 - Sanfona de avaliação
- 06 - Cronograma

5.1 Apresentação, acolhida e relaxamento

A sala usada para realização das nossas vivências pretagógicas, foi cuidadosamente decorada com uma mandala, construída com diversos tecidos coloridos, camisas, bonecas de pano, conchas feitas de quenga de coco, um quadro com o desenho do Manoel Cordeiro, de minha autoria, pratos, livros, cabaças, fotografias e a Árvore dos afrossaberes da professora Pamela que foi montada com fotografias, entre outros afro objetos.

5.1.1 Apresentações

O encontro iniciou com a apresentação do Rafael, na oportunidade ele falou que é pesquisador da Capoeira Angola e também integrante do NACE, núcleo de pesquisa que somos integrados, fez uma breve fala sobre a chuva, considerando uma dádiva de Deus, destacando a sua importância para todo sertanejo.

Iniciando as falas participativas, a **professora Vaneza**, que naquela data era coordenadora da escola, relatou que apesar de não ter conseguido realizar o levantamento dos marcadores das africanidades, estava acompanhando a formação de perto, achava muito

interessante a nossa prática, por ajudar a florescer muito aprendizado, afirmou que é sabedoria das afrodescendências, que ainda tem muito a aprender.

Em sua apresentação, a professora *Maria Erli*, disse que estava com a positiva expectativa de adquirir muito conhecimento e um aprofundamento sobre a sua identidade.

A professora Pâmela Beatriz falou que é originária de Fortaleza, atualmente mora na Comunidade dos Bastiões e tinha entre as suas expectativas adquirir mais aprendizagem. Observo que nossa formação move a reflexão, nos leva a descobrir aspectos importantes e profundos sobre nós mesmos.

O professor Emanuel afirmou que é formado em pedagogia, passou tempo realizando trabalhos que não eram da sua área de formação por causa de fatores externos, realidades impostas pela vida.

A professora Fabiana disse que era a primeira vez que participava e confessou que o seu coração bateu muito forte ao olhar para a concha de pegar feijão, pois sentiu uma forte lembrança da sua infância, dos momentos em que sua mãe ficava ao pé do fogo e botava o feijão. Todos os filhos ficavam ao redor da panela, esperando a comida com muita ansiedade. Disse que na sua percepção o encontro era uma forma de resgatar muitas coisas importantes da nossa vida.

A professora Marliete iniciou dizendo que é formada em pedagogia e História, não conseguiu naquele momento realizar o levantamento dos Afrossaberes por estar com problemas de saúde. Afirmou em seguida ter um certo conhecimento sobre africanidade. Enfatizou a importância da nossa identidade e que um povo sem identidade não existe, relatando a sua expectativa, considerou a realização dos encontros como possibilidade de fortalecer as crenças, as nossas raízes, na expectativa de perpetuar a nossa cultura na Escola.

A professora Maria Eunice disse que esperava uma tarde muito proveitosa, de muita aprendizagem, para fazer o resgate das nossas raízes, para aprimorarmos cada vez mais a cada dia. A professora Daniele disse que trabalha na escola assumindo a sala de Educação Infantil, que sua formação é em pedagogia, argumentou que apesar de não ter comparecido aos outros encontros, estava encantada com o nosso trabalho.

5.1.2 Acolhida/relaxamento

Encerradas as apresentações, realizamos uma ciranda.

O Rafael nos convidou para visualizarmos a Mandala, na possibilidade de enxergarmos nela as várias dimensões das africanidades. Então cantamos: *“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela de todos nós, a melodia principal quem diz é a primeira voz”*.

Seguindo o planejado, Rafael pegou uma cabaça com água, alfazema e folhas de pião roxo, pediu para cada participante passar no corpo, com isso pedimos a devida licença a ancestralidade para realização do encontro e seguimos com a certeza que aquele dia seria misticamente abençoado. As professoras e professores ficaram tocados com essa vivência e ecoaram importantes falas:

A Simbologia do pião é que as pessoas recebem a benção de cura e proteção, e tudo que é de ruim, cai no pião, lembra os nossos antepassados, tudo simboliza vida, pureza, renascermos (Prof^a.Marliete).

Tem pessoas com energia negativa, é preciso orar, por exemplo a arruda é uma planta que absorve energia. Uma vez, chegou um rapaz lá em casa, pegou no pé de arruda, e ele murchou, não é história de trancoso, isso aconteceu (Prof^a.Maria Erli).

Nos tempos antigos, aqui na comunidade, o povo levava a criança com sapim para ser beijada por uma pessoa negra. O beijo de uma pessoa negra que matava o sapim, era um negro que beijava na boca da criança doente, para curar a criança (Prof^a.Maliete).

Logo após a ritualística, aconteceu um relaxamento, orientado com respirações, segurando e soltando o ar. Em meio a essa concentração, Rafael pediu para mentalizarmos e vibrarmos de forma positiva a consciência de que estávamos participando do Encontro de formação, com a intenção de que isso nos ajudasse a ficarmos naquele momento, e durante todo o tempo restante, de corpo, alma e coração.

5.2 Minha Música, Meu Pertencimento

Logo após o relaxamento foi iniciada a vivência de *Minha Música, Meu Pertencimento*. Durante a semana que antecedeu o encontro, entrei em contato com alguns dos participantes da formação pelo Whatsapp, perguntando se alguém gostaria de apresentar a música que tivesse para si um significado de ancestralidade. Então para minha satisfação as professoras Pamela e Maria Eunice se prontificaram.

A professora Pamela revelou que pensou em levar ritmos como samba e reggae, pois eram ritmos que ela mais ouvia durante a sua adolescência. A professora escolheu o reggae, pois para ela é um ritmo que representa a africanidade. A coordenadora trouxe uma caixa de som que nos ajudou a ouvir melhor a música selecionada pela professora.

Explicou o que tinha colocado na sua Árvore dos Afrossaberes, além da banda de Reggae Chimarruts. Segue a letra da música apresentada pela professora.

Chimarruts

Versos Simples

Canção de Armandinho

Sabe, já faz tempo
 Que eu queria te falar
 Das coisas que trago no peito
 Saudade, já não sei se é
 A palavra certa para usar
 Ainda lembro do seu jeito
 Não te trago ouro
 Porque ele não entra no céu
 E nenhuma riqueza deste mundo
 Não te trago flores
 Porque elas secam e caem ao chão
 Te trago os meus versos simples
 Mas que fiz de coração
 Sabe, já faz tempo
 Que eu queria te falar
 Das coisas que trago no peito
 Saudade, já não sei se é
 A palavra certa para usar
 Ainda lembro do seu jeito
 Não te trago ouro
 Porque ele não entra no céu
 E nenhuma riqueza deste mundo
 Não te trago flores
 Porque elas secam e caem ao chão
 Te trago os meus versos simples
 Mas que fiz de coração

Depois da apresentação da Pamela as irmãs Maria Erli e Marliete, resolveram dizer que tinham pensado na musicalidade das brincadeiras de rodas, as quais brincavam quando eram crianças, as duas se empolgaram, quiseram cantar as músicas, então sugeri que a gente vivenciasse o momento, com todos dançando na roda, pois na Pretagogia a gente faz isso, vive, sente, dança, canta, solta a corporeidade, para que a nossa ancestralidade aflore em todos os sentidos, as cirandas vivenciadas foram:

Fui na Espanha buscar o meu chapéu,
Azul e branco da cor daquele céu
Olha palma palma palma olha pé, pé pé
Olha roda roda roda , caranguejo peixe é,
caranguejo não é peixe na enchente da maré
Dança crioula que vem da bahia pega a criança e joga na bacia, A bacia é de ouro areada com sabão
Depois de areada enxugar com seu roupão
Seu roupão é de seda, camisinha de filó, camisinha de veludo para quem ficar vovó!!

Depois cantaram:

Tengo tengo tengo é de carrapicho pega a Marliete e joga na lata do lixo...

Depois de toda empolgação com a dança resolvi perguntar: Porque essas brincadeiras as faz pensar nas africanidades? Destaco aqui algumas falas que demonstram o sentimento das professoras(es):

Inocentemente, nos reunimos à noite pra brincar , A ciranda que era uma forma de brincar, não sabíamos que era preconceito que existia, a crioula era a negra que ficava na cozinha tinha que cozinhar, o roupão de seda era dos reis europeus, bacia areada, bombril, associado ao cabelo do negro. O que todo mundo queria ser, uma menina loura de olhos verdes, que era o que a sociedade pregou (Profª.Marliete).

Mesmo a gente vendo, somos escravos da sociedade, se a sociedade quiser o cabelo liso, todo mundo vai alisar, você age para dar uma satisfação à sociedade, o que torna as pessoas infelizes. [...] Mas o que eu digo é que eu seja o que eu sou! Se eu não for quem eu sou vamos encontrar dificuldade em qualquer lugar. (Profª. Maria Erli)

Não me recordo de ter lido ou presenciado alguém falar da brincadeira de roda “*A Benção vovó*” com essa conotação, racista! Mas os pensamentos giram e voam, não duvido que Exu que é o orixá das surpresas tenha inspirado as professoras a fazer essa leitura das referidas cirandas.

Depois que brincamos de ciranda, foi a vez da professora Maria Eunice, apresentar sua música que foi selecionada para a vivência em questão. A professora Maria Eunice teve dificuldade de encontrar uma música que representasse o seu Pertencimento Afro. Durante a sua fala argumentou que foi criada sem ouvir música, seus pais não tinham esse costume, continuou falando que até hoje em dia ela não é de sair, de ir a festas. O resultado foi que pediu

para sua filha pesquisar na internet uma música que representasse a africanidade em meio a pesquisa realizada escolheu Jerusalema de Nomcebo Zikode.

Argumentou que escolheu essa música por causa da mensagem, pois a letra fala que nós estamos no mundo de passagem, por isso pede a Deus para nos proteger e depois desta vida, todos iremos viver em outro lugar. Pesquisei a música na internet e abaixo o link, letra e a tradução música.

Letra em Zulu	Letra em Português
<i>Jerusalema ikhaya lami</i>	<i>Jerusalém é minha casa</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Uhambe nami</i>	<i>Caminhe comigo</i>
<i>Zungangishiyi lana</i>	<i>Não me deixe aqui</i>
<i>Jerusalema ikhaya lami</i>	<i>Jerusalém é minha casa</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Uhambe nami</i>	<i>Caminhe comigo</i>
<i>Zungangishiyi lana</i>	<i>Não me deixe aqui</i>
<i>Ndawo yami ayikho lana</i>	<i>Meu lugar não é aqui</i>
<i>Mbuso wami awukho lana</i>	<i>Meu reino não está aqui</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Zuhambe nami</i>	<i>Vai comigo</i>
<i>Ndawo yami ayikho lana</i>	<i>Meu lugar não é aqui</i>
<i>Mbuso wami awukho lana</i>	<i>Meu reino não está aqui</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Zuhambe nami</i>	<i>Vai comigo</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Zungangishiyi lana</i>	<i>Não me deixe aqui</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Não me deixe aqui</i>
<i>Zungangishiyi lana</i>	
<i>Ndawo yami ayikho lana</i>	<i>Meu lugar não é aqui</i>
<i>Mbuso wami awukho lana</i>	<i>Meu reino não está aqui</i>
<i>Ngilondoloze</i>	<i>Me salve</i>
<i>Zuhambe nami</i>	<i>Vai comigo</i>
	<i>Meu lugar não é aqui</i>

Ndawo yami ayikho lana Mbuso wami awukho lana Ngilondoloze Zuhambe nami	Meu reino não está aqui Me salve Vai comigo
Jerusalema ikhaya lami Ngilondoloze Uhambe nami Zungangishiyi lana Jerusalema ikhaya lami Ngilondoloze Uhambe nami Zungangishiyi lana	Jerusalém é minha casa Me salve Caminhe comigo Não me deixe aqui Jerusalém é minha casa Me salve Caminhe comigo Não me deixe aqui
	Meu lugar não é aqui Meu reino não está aqui Me salve Vai comigo
	Me salve Me salve Me salve Não me deixe aqui Me salve Me salve Me salve Não me deixe aqui

Encontrei informações que a música Jerusalema, é cantada no idioma sul-africano Zulu. Continuei a pesquisa para saber mais sobre no site no site <https://pt.wikipedia.org/>, sobre os intérpretes da música e descobri o seguinte:

Master KG é um músico e produtor musical sul-africano. Ele também é conhecido como o pioneiro da dança "Bilobedu". Em 2020, sua música "Jerusalema", com Nomcebo Zikode, se tornou viral online, obtendo sucesso mundialmente”.

“A segunda intérprete é Nomcebo Zikode, também conhecida por seu monônimo Nomcebo (28 de outubro de 1988), é uma cantora e compositora sul-africana. Ela é conhecida por sua

colaboração com o DJ Ganyani em seu single "Emazulwini" e globalmente por ela e o single gospel Jerusalema do Master KG”.

Essas informações e outras, bem que poderiam fazer parte da apresentação da professora, mas ela mesma confessou ter poucas habilidades com computadores, que não costuma ouvir músicas. Que infelizmente seu pai também não era de ouvir música na sua casa.

Infelizmente essa e outras realidades nos transparece uma enorme lacuna formativa. Existem professores (as) que ainda não sabem usar ferramentas eletrônicas, como computadores, celulares e internet. Logicamente tais suportes podem facilitar as suas pesquisas, sabemos que o uso correto de tais ferramentas é indispensável em nossos dias, na busca de informações que possam melhorar o dia a dia de cada um, no chão da escola.

5.3 Levantamento dos marcadores das africanidades

Iniciamos o terceiro momento, sabendo que alguns participantes não tinham conseguido fazer o levantamento dos Marcadores das Africanidades, mas tal levantamento é necessário para dar sequência a construção das árvores. As professoras argumentaram que o tempo era curto para realizar o levantamento dos afrossaberes e confeccionar as árvores.

A proposta foi então cronometrar o tempo e utilizá-lo. Convencidas/os todas/os aceitaram dar continuidade a atividade. Com a sugestão dada pelo professor Rafael aos professores/as, seguirem a linha do tempo. Observando que era importante perceber que uma árvore não fica em pé sem raízes! Ela é feita das raízes, do tronco e das folhas! As raízes, são simbolizadas pelos nossos antepassados mais antigos, nossos avós, o caule, são os nossos pais, mães e tios e tias. Os que não estão entre nós e os que permanecem. As folhas somos nós, alimentados pelos saberes e vivências de todos que fizeram parte da nossa ancestralidade. Foi então dado um tempo, para os participantes terminarem o levantamento dos Afrossaberes. Em seguida foi realizada a apresentação das árvores.

Em meio ao andamento dos trabalhos, fizemos um lanche leve, com bolos diversos, cafezinho e até ganhamos chocolate da coordenadora Vaneza. Tudo muito saboroso, os bolos caseiros feitos na própria comunidade.

5.3.1 Apresentação das Árvores dos Afrossaberes

As árvores foram montadas usando a maior diversidade de material e criatividade possível, todos utilizaram fotografias, desenhos e pinturas. Alguns participantes que tinham

levado seus afro objetos os colocaram como parte integrante das suas árvores, o texto segue descrevendo como foi a apresentação de cada participante.

Maria Eunice iniciou a apresentação da sua árvore pelas raízes, usando vários desenhos que representavam a saga dos seus avós, eles moravam na praia. O primeiro desenho era de uma praia, com um barco e duas pessoas que caminhavam. O segundo representava a chegada dos seus avós na Comunidade do Macaco. Dando seguimento à sua apresentação a professora mostrou um rosário que pertenceu a sua avó, um prato que a sua mãe emprestou, para ajudar na sua apresentação. A professora observou que antigamente não se comia naquele tipo de prato, eram usados uns mais antigos feitos de barro.

Mostrou uma cabaça explicando que a mesma servia tanto para fazer cuia de tirar farinha e tomar banho, como para carregar água, prática cotidiana dos trabalhadores quando iam para a roça.

Expôs ainda na sua árvore uma panelinha de barro, conchas de quenga de coco, uma lamparina. Falou que pediu ao sobrinho para fazer os desenhos para representar o pai e a mãe. Por último, mostrou uma bonequinha de pano lembrando que no seu tempo as suas bonecas eram feitas de milho e afirmou que *quando estava começando a sair o cabelinho quebrava, para brincar e que na época não tinham como comprar outra boneca.*

Continuou afirmando que as suas avós eram católicas, e hoje ela faz parte de um grupo de oração na localidade do Sítio do Meio. Foi enfática ao dizer que mesmo morando no Sítio do Meio, quando às vezes o povo pergunta de onde ela é, afirma que é do Macaco. Na sua linda apresentação mostrou também outros brinquedos, a roladeira, feita de lata de leite e cordão, outro feito de quenga de coco e cordão.

Disse que naqueles tempos as crianças brincavam colocando os cordões entre os dedos e andando com as quengas debaixo dos pés. Algumas professoras se pronunciaram dizendo que o nome dessa brincadeira era Cavalo do cão.

A professora Maria Eunice disse que até hoje tem potes em sua casa, contou que certo dia, *chegou uma amiga da sua filha, que não sabia o que era um pote e ficou admirada com a conservação do pote d'água.* Finalizada a fala da professora o Rafael observou que alguns elementos apresentados na árvore de Maria Eunice, que podem ser considerados fora de moda, nas lojas especializadas de Fortaleza, são vendidos para serem usados em ornamentação, por isso são caros! Depois observou que na casa onde estamos hospedados, quase topou em uma pedra e não sabia que era uma pedra de amolar, outro item que também é caro nas lojas das cidades.

A árvore da professora Maria Eunice foi composta de elementos significativos, de muita importância. Alguns estão presentes em todas as casas do interior do nosso país, esses e outros artefatos foram herdados dos nossos ancestrais, eles são carregados de memória coletiva, afetiva e viva do nosso povo, que continua resistindo de todas as formas para preservação da nossa cultura ancestral.

Após o encerramento da apresentação da árvore da professora Maria Eunice, aconteceu a da professora Pamela, que no encontro passado falou muito da bisavó de nome Rita do bisavó Zé de Sousa, que para ela, é uma das suas referências ancestrais, disse que quando estava, tentando encontrar os afrossaberes, descobriu que grande parte deles vieram da sua bisavó.

Sua bisavó era rezadeira, originária do Maranguape, construiu a vida com o seu bisavô, que Pamela não conheceu direito. Falou ainda “[...] Vivi toda minha infância longe dele. Mas lembro que a minha bisavó era rezadeira e rezava muito em animais, ela usava planta, não sei se era o pião”

Mostrou fotos do artesanato que sua avó fazia, bem como fotos de alguns materiais feitos por ela, ainda falou que as suas tias e primas nunca se interessaram pela aprendizagem do artesanato, se sentia agraciada por ter herdado o gosto pelo artesanato da sua avó.

Apresentou na árvore a foto da sua tia Marta, que entrou na umbanda, para a professora era uma religião totalmente desconhecida, e que antes tinha preconceito. Contou das vezes que a tia chegava e todos ficavam comentando, num gesto de ignorar e de certa forma não aceitar a manifestação religiosa que ignoravam, mas a professora tomou a situação como forma de abrir os horizontes, ajudando a mudar o seu olhar sobre a religião.

Seguindo o momento apresentou uma foto de um pote de barro, e observou que os seus afrossaberes foram revelados em sua lembrança principalmente, dos 14 aos 21, período em que chegou aos Bastiões, que dos sete aos 14, vivia numa espécie de bolha cultural influenciada pela cidade de Fortaleza.

A primeira coisa que a sua avó ganhou quando chegou no interior, na casinha de taipa, foi o pote de barro. Afirmou que as suas lembranças de aforreferenciamento vem do período em que chegou nos Bastiões pois o cunhado da sua vó tinha um roçado, daí ela foi arrancar mandioca, conheceu quiabo, maxixe.

Depois mostrou uma xerox da capa do livro “O Pequeno Príncipe Negro”, contou que um amigo psicólogo havia presenteado o seu filho quando nasceu com o livro, gesto que ele valorizou, tornando-o marco sentimental do nascimento do seu filho.

Encerrou sua apresentação com as fotos que revelavam as várias fases do seu cabelo, um tempo alisando, outro deixando crespo, falando que entre as suas primas, ela era a única que tinha resistido em não continuar alisando o cabelo, que essa decisão era uma afirmação de resistência e do seu auto reconhecimento afro.

A professora Marliete iniciou a apresentação da sua árvore, afirmando que as raízes eram formadas pela ascendência da parte dos seus avós, paternos e maternos. Ela se preocupou em organizar os seus afrossaberes seguindo a sequência da faixa etária de 7 em 7 anos. Seguiu assim a apresentação da sua árvore, composta de desenhos criados por ela, pediu a minha ajuda e juntos nós cobrimos todos os desenhos com giz pastel.

Então continuou falando que dos 0 a 7 anos, o que mais marcava as suas lembranças eram os quadros invernosos, o período das águas correntes, nesse tempo havia muita alegria e as crianças faziam muitas brincadeiras nos rios. Falando das estripulias disse que o melhor era nadar, pescar, pegar peixinho pequeno como piabinha, cará, Iu. Com eles faziam grolado da borra da goma no caco de barro, aprontando tudo no fogo de lenha. Ainda disse: *“Muitas vezes era a alimentação que a gente tinha”*.

A apresentação do período de 7 a 14 anos, falou do trabalho árduo na agricultura que essa era uma das suas maiores lembranças daquele momento, no qual muitas coisas foram ensinadas pelos seus pais. Toda família vivia do plantio do milho e do feijão, utilizavam esses elementos da natureza, que eram essenciais para a sobrevivência da família.

A professora afirmou que depois do inverno tirava-se o feijão, botando-o para secar. Durante o verão tinha a colheita da Castanha. Afirmou que: *“a nossa adolescência era essa, não foi como esses meninos de hoje em dia não.*

Dos 14 aos 21 falou do compromisso com as comunidades, afirmando que existia uma ligação entre as Comunidades do Macaco, dos Bastiões e do Cura, existia uma grande movimentação, as idas e vindas eram constantes, sinalizando uma ajuda mútua entre as comunidades, todos rezavam e realizavam outros afazeres, também disse que não era apenas pelo lado religioso, mas por uma questão de socialização e aprendizagem. Existia assim uma importante troca de conhecimento. Afirmou que nessas ocasiões não faltava a mesinha com o café, o beiju seco, a tapioca, a bruaca. Tudo oferecido pela comunidade anfitriã no dia da realização desses encontros!

Dos 21 aos 28 foi a época do seu curso de História, nesse tempo aconteceu o que ela chamou de desmistificação do conhecimento, argumentou que até então, as manifestações

religiosas de matriz africanas eram compreendidas como algo negativo, deu o exemplo do candomblé que as pessoas diziam que era macumba.

Afirmou ainda que não tinha conhecimento que o sincretismo, capoeira e a feijoada eram manifestações de resistência, que foi durante o curso de História que passou a perceber que as ligações religiosas entre santos católicos e Yemanjá era uma das formas de dar continuidade a crença do povo negro. Na sequência da sua fala, disse que ficava triste, com a situação dos mais de vinte anos de uma lei criada para valorizar a cultura do povo africano, que mesmo a lei existindo, ainda é preciso lutar para que ela seja cumprida. Disse que os africanos foram escravizados, roubados, sofreram tudo ruim. Na sua fala também defendeu que Jesus não era Branco, por uma questão regional, continuou afirmando que os africanos foram roubados, violentados, proibidos de continuar com a sua cultura.

Durante o período dos 28 aos 35, disse que busca na pesquisa e no conhecimento o fortalecimento da sua identidade, afirmando que os professores (as) não podem perder a sua identidade, que é preciso saber de onde vieram e para onde irão, que a falta de identidade é uma das coisas que faz as pessoas infelizes. No final deu o nome do seu trabalho de Árvore Mãe.

A professora Maria Erli iniciou a fala pronunciando o seu nome Maria Erli de Souza Barbosa, disse que o seu nome é da parte religiosa Mariana, foi uma homenagem a sua avó, que tinha duas bonecas, com o nome de Erli e Eli e dando continuidade em uma espécie de homenagem a sua mãe nomeou suas irmãs de Franciele, Sueli, e ela Erli a Marliete era para ser Gerli, só que sua mãe gostou de uma doutora que a atendeu com muito carinho, portanto em homenagem a referida doutora resolveu batizá-la de Marliete.

Continuou sua fala dizendo que seus pais eram Francisco Barbosa de Holanda e Eli de Sousa Barbosa, seus avós paternos vieram dos Caetanos, lá eles trabalhavam com a pesca. Afirmou que seu bisavô foi um dos primeiros moradores que chegou na Comunidade do Macaco, juntamente com Antonio Manoel, na década de 1910. Quando eles chegaram na localidade a paisagem era natural. Existia somente uma tapera, argumentou que foram encontrados correntes e até ossadas humanas, nas proximidades vestígios que indicam que pessoas escravizadas eram aprisionadas naquela região.

Afirmou que ainda hoje na comunidade existe uma casa centenária que pertencia ao major Liberato, que o tal Major era o responsável pelas atrocidades que aconteciam naqueles tempos, disse que a comunidade do Macaco, fica a 22km da sede do município.

Segundo Maria Erli, as pessoas que mais colaboraram com a formação da comunidade foram as pessoas da sua família, juntamente com os descendentes dos Manel e dos Frotas.

A professora falou ainda que atualmente o Macaco é uma área de assentamento, uma área federal que conta com 1007 hectares, sendo 80 assentados e que existem 8 moradores agregados, mas não gosta do significado pejorativo que as pessoas dão a esse nome, para ela, agregado é uma pessoa que faz parte da família.

Dentre outros aspectos importantes em sua fala disse ainda que Doutor Antônio Pinheiro de Freitas, que era então contratado pela Diocese de Itapipoca foi o responsável pelo processo de desapropriação. Afirmou que o governo Tasso Jereissati resolveu criar associações. Segundo Maria essa ação, tinha a intenção de desarticular a forte organização das Comunidades de bases, pois elas seguiam a igreja de libertação, que aumentava a conscientização das pessoas. Supostamente fariam uma maior atuação frente ao governo para exigir os seus direitos.

Falou que alimentação inicialmente era basicamente feijão arroz e milho, que também criavam galinhas e porcos, na preparação dos alimentos usavam principalmente a banha de porco, como ainda não tinha eletricidade, usavam lamparinas para clarear as noites sem luar.

A partir do dia 02 de novembro de 1999 que chegou energia, através do projeto São José que o seu pai conseguiu 13 mil km de rede elétrica, beneficiando a comunidade. Na mesma época foi construído o colégio, iniciando o que ela chamou de modernização, ainda se pronunciou, observando que é preciso ter cuidado com a modernização para não correr o risco de esquecer que as pessoas do Macaco são pessoas de luta e resistência, que não baixam a cabeça diante das dificuldades.

Encerrou a sua fala dizendo que ainda existem roçados comunitários, mas que infelizmente a organização do povo não tem mais a mesma força de união que tinha no tempo dos antepassados, que eram pessoas de luta como Geraldo, Zé Barbosa, Chico Barbosa e Chico Damião. Maria Erli também decidiu chamar a sua árvore de árvore mãe.

A professora Flávia iniciou a apresentação da árvore muito emocionada, ficou muito tocada, desde a hora que visualizou a concha de quenga de coco exposta na mandala, ela fez uma viagem sentimental em sua realidade da época em que era criança.

Iniciou a sua fala dizendo que Maria Erli faz parte da sua História, porque a sua família era muito humilde, moravam em uma casa de taipa. Muito emocionada disse que diante da realidade vivida na época só Deus mesmo, para mostrar pessoas que a acolhesse. Percebi

que a professora Flávia era rejeitada por seus vizinhos, pois era filha do tio da Maria Erli que era casado com outra mulher, sua mãe solteira criou Flávia e os seus irmãos com todo sacrifício. Apresentou a sua mãe como artesã, que com a sua habilidade fazia a partir da palha de carnaúba, bolsas e surrão, consertava redes, além de tirar a cera da carnaúba para vender.

Quando falou sobre as suas lembranças do tempo de criança, Flavia disse que carregava água do cacimbão para sua casa na cabaça e conseguia equilibrar a cabaça solta na cabeça, só não podia deixá-la cair, pois certamente levaria um grande carão da sua mãe. A apresentação da professora foi intercalada com várias intervenções das irmãs Maria e Marliete que ressaltaram que hoje em dia a Flávia conseguiu vencer as dificuldades da vida, estudou, se formou e hoje é professora na Comunidade do Macaco.

O professor Emanuel iniciou a apresentação da sua árvore falando que embora nunca tivesse trabalhado como agricultor, tem muitas lembranças dos seus 0 aos 7 anos, das vezes que ia para o roçado com o seu avô e brincava cavando o chão, jogava os caroços de milho e enterrava com os pés.

Destacou que foi nascido e criado nos Bastiões e tem lembranças das histórias assustadoras que os mais velhos contavam. Disse que quando andava a noite tinha medo do assobiador e do Chorão.

Ao contar sobre os acontecimentos dos 7 aos 14, recordou as visitas que fazia aos seus avôs, que gostava de tomar coalhada, alimento que atualmente não gosta tanto de comer. Disse que o seu avô Jorge que tem 101, que gosta muito dele, também lembrou que nas suas idas para a localidade do Carro Quebrado, que mesmo não gostando de sair, durante os passeios que fazia para lá, ficava muito solto, fazia de tudo, pescava no rio, pegava passarinho e outras estripulias de criança.

No período da sua vida dos 14 aos 21, ressaltou uma personalidade negra marcante o professor Carlos, contando que esse professor conseguiu o grande feito de o fazer gostar de matemática, enfatizou ainda que o professor era uma pessoa muito alto astral, que todas as pessoas gostavam demais. Continuou falando das festas juninas, observando que mesmo não gostando de dançar, ia para admirar. Lembrou ainda que levou muitas pessoas para serem curadas por curadores como Davino e Dona Pergentinha, Raimunda Luca e Seu Damião, que era o pai do Manoel Cordeiro, disse que esse tinha uma reza forte para o que a pessoa pedisse, ele rezava para que o dente caísse.

Das lembranças que conseguiu resgatar dos 21 aos 28 falou dos cheiros negros, das comidas como feijoada, capote, galinha caipira, bolo da semana santa: bolos de carimã,

recordou ainda do que ele chamou de valores da família, respeito, honestidade. Disse que nesse tempo os maiores acontecimentos que lhe desafiaram foram a entrada para a Educação e o nascimento do seu filho.

Para finalizar foi passada a Sanfona avaliativa que segue com as considerações dos professores sobre o momento formativo:

Sanfona avaliativa do encontro dia 05/04/2023

01 - Toda uma aprendizagem que levarei para sempre na minha vida
02 - Foi um momento de muita aprendizagem para mim, o resgatar das nossas raízes
03 - Conhecimento
04 - Tudo maravilhoso
05 - Ótimo muito satisfatório, muita aprendizagem
06 - Resgate muito emocionante, conhecimento
07 - União
08 - Transformação
09 - Liberdade
10 - Sabedoria

5.4 Síntese reflexiva sobre o segundo encontro

O segundo encontro contou com a participação do professor Rafael e foram realizadas as seguintes atividades: Estudo dos Marcadores das Africanidades, Apresentação dos Dispositivos Pretagógicos, Minha Música Meu Pertencimento e a Árvore do Afrossaberes.

Na acolhida uma benção com pão roxo e água, momento místico que elevou a energia do encontro. No dispositivo Minha Música Meu pertencimento, as professoras apresentaram músicas marcadas por ritmos africanos, samba, reggae. Esse dispositivo pretagógico é um importante meio de aguçar o pertencimento, pois trabalha a ligação emotiva que cada pessoa tem com a música escolhida, ajuda a referendar o Pertencimento Afro. As músicas escolhidas foram reggae “Versos simples” da banda Chimarruts, a música, Jerusalema Nomcebo Zikode um cantor sul-africano, e a ciranda Fui a Espanha.

As músicas tiveram as seguintes razões que direcionaram a respectivas escolhas, Versos simples marcou a adolescência da professora, Jerusalama, foi escolhida por causa da letra que apresenta uma mensagem religiosa, e Fui a Espanha, foi apresentada como uma música racista. A interpretação dessa ciranda nos mostra uma visão singular de percepção do racismo presente nessa canção, as professoras, falaram das mensagens que estão sublinhadas, nas canções ou histórias criadas ao longo da história, sabemos que algumas foram trazidas pelos europeus, nelas a realeza é sempre representada por pessoas brancas e loiras dos olhos azuis. Mas sabemos que entre os africanos sequestrados para o Brasil existiam muitas pessoas que faziam parte da realeza de seus países.

As participações nos mostram que as/os professoras/es estavam instigadas a refletir sobre as diversas questões apresentadas na realização dos dispositivos pedagógicos, acredito que certamente já se havia iniciado uma percepção mais apurada das questões referentes aos afrossaberes nos levando ao sentido do Pertencimento Afro.

As apresentações das Árvores dos Afrossaberes trouxeram novamente lembranças das ascendências, dos avós que chegaram de lugares, como a Serra grande e região da praia, que deve ser das praias próximas de Itapipoca. As primeiras famílias chegaram na comunidade por volta de 1910.

A maioria das apresentações foram movidas por muita emoção, falou-se muito em solidariedade, em pessoas fortes e referências da comunidade, rezadores e rezadoras, a exemplo do Senhor Damião que é o pai do Manoel Cordeiro, que tinha uma oração tão forte que quando rezava em um dente, perguntava se a pessoa queria que o dente caísse, se confirmado o pedido isso acontecia.

A magia é algo que faz parte da espiritualidade africana, até hoje existem homens e mulheres que rezam na comunidade, uma prova de que esses afrossaberes estão presentes na comunidade e fazem parte do cotidiano, no modo africano de viver que muitas vezes nem é percebido, pela maioria das pessoas.

A solidariedade apareceu também nos encontros que aconteciam, que eram realizados entre jovens da Comunidade do Sítio do Meio e do Macaco, na luta para tornar a comunidade do Macaco um assentamento, através do Incra, na existência dos roçados comunitários, nos trabalhos das casas de farinha.

Muitas professoras/es se emocionaram em seus depoimentos, lembrando das dificuldades da vida, professoras que viveram sem o pai, uma delas era discriminada porque seu pai era casado com outra mulher e foi acolhida pelas outras professoras que eram suas

vizinhas. Essa professora chegou a dizer: Passei tanto sofrimento que só Deus explica como consegui chegar até aqui.

Em relação ao racismo, uma professora falou sobre *racismo religioso*, revelou que tinha preconceito contra a Umbanda, mas mudou de opinião depois que conheceu a sua tia que era da Umbanda. Mas curiosamente falou que sua mãe evangélica, achava bonita a saia da tia e costumava pedi-la emprestada, demonstrando não ter esse preconceito.

Também apareceram nas Árvores dos Afrossaberes as seguintes brincadeiras nadar no rio, pegar, peixinhos, bonecas feitas de pano e sabugo de milho, cavalo do cão que era um brinquedo feito de quenga de coco e cordão. A maioria dessas brincadeiras tinham ligação com a natureza, porque as crianças usavam elementos naturais para a construção.

Resumo dos aspectos percebidos nesse encontro Afrossaberes:

Ritmos africanos, samba, reggae, percepção do racismo numa canção, racismo religioso, lutas pelo reconhecimento do assentamento, mutirões, práticas de solidariedade, magia como parte da Espiritualidade, as brincadeiras de infância de relação com a natureza.

Pertencimento Afro

Na sanfona expressaram encantamento, sentimentos de alegria e de sabedoria que estavam se apropriando, tiveram facilidade de apropriação com Minha Música, Meu Pertencimento. Intuíram a dimensão espiritual africana com relação a importância dos laços de solidariedade comunitária

6 TERCEIRO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA

O terceiro encontro de Formação com os professores e professoras da Escola Josefa Pereira de Sousa por problemas no transporte que conduz estudantes e docentes foi adiado do dia 26/04 para depois de sanados os problemas estruturais, o que aconteceu em **11/05/2023**.

Eis o planejamento desse encontro:

01 – Relaxamento e Acolhida

02 - Expectativas

03 - Minha música meu pertencimento

04 - Levantamento dos afrossaberes e apresentação das árvores

05 - Estudo do primeiro capítulo do livro Pretagogia da professora Sandra Petit

06 - Cronograma dos próximos encontros

07 - Sanfona avaliativa

6.1 Relaxamento e Acolhida

Iniciando o dia, fizemos um relaxamento, com a técnica da respiração profunda, ao som de mantras tibetanos. Depois vivenciamos um presente musical, ao som do violão foi entoado o Maracatu “*Noites da cor da pele*”, o qual é uma homenagem a mulheres que contribuem fortemente na luta contra o racismo e valorização da cultura Africana e afro-brasileira.

Noite da cor da pele

Noites da cor da pele
Estrelas em cada olhar
A ancestralidade
Querendo nos encontrar

São tantas Carolinas
Mãe Vandas Sandra's Petits
Mulheres ecoando a voz
Da nossa África aqui
Sankofas filosofias
Quilombos em comunhão
Ergueremos nossa Aruanda
Com a força da união

Salve Zambi Salve Xangô
 Iansã Nanã Exu
 Salve a força dos encantados
 Em nosso Maracatu
 Manu Kelé !

A canção inspirou a participação da professora Maria Erli, que se pronunciou, afirmando ter sentido a boa energia da música, ainda disse que “Essa música faz sentir que existe uma estrela em cada olhar” e afirmou que as estrelas são as mulheres que lutam por um mundo melhor. São as pessoas como as professoras Sandra Petit e Vanda Machado.

No momento mediei a reflexão da professora, apresentando o argumento de que o preconceito foi algo construído historicamente pelos europeus, é um mecanismo criado para implementação da suposta dominação dos povos que foram invadidos, sequestrados e saqueados.

6.2 Expectativa desse Encontro

A pergunta que direcionou esse momento foi: O que esperamos aprender nesse Encontro de formação? O professor Emanuel iniciou dizendo que esperava aprender coisas novas com os colegas e comigo.

A professora Flávia perguntou: Como foi que surgiu o racismo, se veio desde quando índios já moravam no Brasil, ou foi da África? Afirmar prontamente que no meu entendimento, o preconceito foi criado pelos europeus, de forma articulada, envolvendo a igreja que o aprovou. Historicamente o preconceito ligado à cor das pessoas não existia durante a Idade Média, naquele tempo o preconceito era religioso, ou se referia ao lugar de origem da pessoa.

Numa fala irônica a professora Flávia disse que os negros e os brancos existiam, mas não se conheciam, então no dia do encontro, eles olharam uns para os outros, se estranharam e começou o racismo. Então resolvi fazer um comentário sobre o livro *Superando o Racismo na escola*, coordenado pelo professor Kabengele Munanga. O artigo intitulado “A História do racismo e seus derivados” nos revela que foram criadas várias justificativas, econômicas, de poder, de hegemonia, que desencadearam a propagação do racismo no mundo, dando início a uma atrocidade histórica, que é perpetuada até os nossos dias. A violência que aconteceu contra os africanos e continua acontecendo e atinge de forma brutal a todos nós afrodescendentes! O preconceito foi criado por pensadores, ele foi se expandindo e colocado

com sutilezas, coisas pequenas que perduram até hoje. Por exemplo você dizer que o cabelo da pessoa é ruim é um preconceito terrível. Até hoje as pessoas continuam falando que o cabelo de negro é ruim por não ser liso.

Dei continuidade aos argumentos sobre a perpetuação do racismo fazendo um breve comentário sobre o livro “*O Pacto da Branquitude*”, onde a autora Cida Bento, nos explica como foi construído historicamente o racismo institucional, que se reflete nas representações políticas, nos hospitais, nas universidades, disse ainda que na época em que entrei na universidade por exemplo, havia poucos negros universitários, quatro ou cinco.

A professora Flávia continuou argumentando sobre a ideia de que existem pessoas que já nascem racistas, dizendo que vivenciei episódios em sua vida que provam que existem pessoas negras que tem o preconceito dentro de si, que não gostam da cor dos negros e muitas vezes excluí.

Contei a minha História de infância em que foi rejeitado por uma menina da Assembleia de Deus que falou claramente que sua mãe não queria que ela falasse com pessoas como eu! Ressaltei o quanto esse tipo de coisa doía na alma e sem ter uma orientação adequada sobre essas questões, as próprias crianças podem rejeitar-se, como eu que naquele momento desejei e rezei para que Deus mudasse a minha cor!

A professora Maria Eunice comentou que vivia chamando a atenção de uma amiga, mesmo assim, ela continuava falando que não gostava de negros, ficava muito zangada quando a Eunice rebatia essa ideia.

Maria Eunice revelou que a mãe da sua amiga, embora sendo negra, vivia falando que não gostava de negros, desde quando ela era criança. Relatou toda a situação para mostrar o que tornou a sua amiga racista, foi a rejeição aos negros, falada cotidianamente por sua mãe durante a infância. Foi notório que a professora Flávia era uma das pessoas mais interessadas no assunto “racismo” naquele momento, por isso resolveu contar a sua História. Então falou da sua vida que quando era mais jovem o pai não a deixava sair, quando começou a querer namorar, se enfaceirou por um rapaz de pele clara.

O tempo foi passando e o primeiro namorado se tornou o seu marido. Quando um certo dia foi visitar o sogro, percebeu que ele era negro. Então pensou que seria bom ter um sogro da sua cor. Mas uma semana depois de casada, percebeu que seu sogro não tinha gostado do casamento do filho com ela, pelo fato dela ser negra. Grifo a expressão da professora “*Aí veio a pancada*”. Refletindo a sua dor de descobrir que o sogro era racista. Perguntou então ao marido como era possível o pai dele ser racista se ele era negro? Então o marido justificou,

dizendo que o seu pai era o único negro entre os irmãos que talvez tenha herdado a cor do bisavó.

Mas apesar dos argumentos apresentados a Professora Flávia continuou com a mesma ideia que foi refletida na sua fala: “[...] Eu ficava olhando e perguntando, Marco ele não é preto, porque isso com ele, porque ele é preto não sei porque ele não gosta da cor negra, embora ele seja negro. Marco dizia, mas ele não gosta de negro. Sabe o que é, porque ele mesmo criou dentro de si aquilo que as pessoas dentro da família dele, porque foi só ele, eu acho que nasceu negro, por causa do bisavó, eu acho que dentro de si que cria o próprio racismo, a pessoa mesmo que cria, foi crescendo dentro entre os irmãos brancos ele foi excluído pelos irmãos brancos”.

Então disse novamente que não concordava com a ideia de que a pessoa sozinha criaria esse sentimento, que até no caso do seu sogro, ele seguramente foi influenciado pela realidade que existia ao seu redor.

6.3 Terceiro momento: Estudo do Capítulo I do livro Pretagogia

O terceiro momento do encontro de formação foi realizado através do estudo do **Capítulo I do livro Pretagogia**, foram criados dois grupos, O grupo I ficou com a parte do texto que fala sobre a Mãe, e o grupo II estudou a parte que fala sobre o pai da professora Sandra Petit. A sugestão dada foi que os grupos apresentassem as ideias do texto através de criações artísticas como poema, cordel, paródia, peça de teatro etc.

Antes da saída para os grupos, senti que as pessoas estavam meio sonolentas, então resolvi fazer uma ciranda para reanimá-los, vivenciamos cantando e dançando o “Coqueiro alto”. Uma ciranda popular de movimentos, palmas, dança, roda, pulos. Todos participaram com alegria, embora algumas pessoas tivessem dificuldade de se agachar e pular! Segue a letra da ciranda:

Coqueiro alto você vai crescendo
 Se ver Maria dê lembrança a ela
 E diga a ela que eu não a quero
 Eu só quero as tranças do cabelo dela
 Batendo palmas vou me levantando
 Depois na roda você vai pulando
 E depois dançando volta pro lugar

Assim que terminou a dança do Coqueiro Alto, a professora Maria Erli disse que até essa música tem preconceito, ela achou isso porque tem uma parte da música que diz: Se ver Maria dê lembrança a ela e diz a ela que não quero ela eu só quero a trança dos cabelos dela”.

Na volta, para descontrair novamente mais um pouquinho de musicalidade, cantei Pessoa boa, que nasceu de um poema escrito por mim e musicado por Eduardo Loureiro, meu amigo poeta e irmão do grupo formado desde a faculdade Os Internos do Pátio, eis a letra:

És uma pessoa boa
 Uma luz que voa pelo infinito
 Agito de átomos, atos de amor, sol e calor
 céu melhor que há
 Feito da divina energia
 Magia de esperar

Depois da cantoria a primeira equipe a se apresentar resolveu se chamar de Equipe da Crioula. Quando perguntei o porquê desse nome, responderam que a razão era que o texto estudado falava de uma crioula. A equipe foi composta pelos professores (as) Maria Erli, Emanuel, Maria Eunice. A apresentação foi realizada através de um cordel que foi criado pelos participantes da equipe:

Peço licença a todos
 Para uma História contar
 A uma História de uma negra
 Que vem se destacar
 De uma família negra Petit do Haiti
 Para a Comunidade do Macaco Itapipoca Ceará
 Para sua biografia apresentar

Como as famílias tradicionais
 Não há como deixar
 O santo do dia o nome do santo homenagear
 Nascido no dia do Santo Antônio
 A tradição religiosidade desse lugar
 Dar o nome do dia Thérèse sua mãe quis lhe dar

Sua mãe pobre negra analfabeta
 Não deixou nada faltar
 Vivendo em casa grande
 Deu oportunidade para o filho estudar

A noite voltava a favela
Cansada mas com determinação
Para em sua mesa não faltar o pão

Antônio vendo o exemplo de sua mãe pobre
Negra, porém, guerreira
Ingressou na sua universidade
com sua luta verdadeira

A sua luta continuava com muita determinação
Levando Antônio a prisão
Deixando sua mãe triste nessa mesma ocasião
Mas nunca baixou a cabeça diante da opressão
Lutou por dias melhores para o nome Petit
Ir por toda geração
Seu nome Antonio Petit
Deixou na assembleia estadual
Na câmara do Haiti para o mundo real

Nunca deixou o nome dessa família sumir
Seu lema é persistir em determinação e nunca desistir
Deixando o seu legado para toda população
Mostrando a sociedade resistência e valorização
Quem quiser me seguir junte-se a nós
Nessa missão

A reflexão sobre o tema transformado em cordel foi baseada no seguinte questionamento: Quais traços de africanidades podemos encontrar na História refletida em cordel?

A professora Maria Erli destacou o desafio político, vivido pelo senhor Petit, pois ele foi perseguido por querer uma política diferente, Maria fez uma comparação, da situação em questão com a do momento político que o Brasil estava passando, disse que ainda existe muita perseguição para as pessoas que lutam por uma política diferente.

O professor Emanuel observou que a história do Senhor Petit pode ser comparada com as nossas conquistas, pois são conseguidas com bastante dificuldade.

O professor Emanuel indagou se o nome Antônio dado como uma homenagem ao santo, poderia ser considerado um aspecto de africanidade, concordei que sim pois Santo Antônio é um santo negro, muito importante nas manifestações de religiosidade afrodescendente.

A professora Maria Erli retomou a sua fala e lembrou que Santo Antônio na religiosidade popular é cultuado como um santo casamenteiro, resolvi nesse momento me pronunciar e falar um pouco da festa do Pau de santo Antônio, que acontece tradicionalmente todos os anos na cidade de Barbalha. Na oportunidade a cidade recebe uma multidão de pessoas. São muitos os fiéis que vão à cidade com a intenção de pagar promessas, as mulheres que desejam casar pegam no pau da bandeira do santo, outras recolhem as cascas do pau para fazer o chá milagroso, tendo a fé que o casamento acontecerá numa brevidade de tempo.

Faço nesse momento uma fazer uma reflexão sobre um dos trechos do cordel escrito pelos participantes:

Antônio vendo o exemplo de sua mãe pobre
 Negra porém guerreira
 Ingressou na sua universidade
 com sua luta verdadeira

A equipe escreveu sem perceber a frase “ *Negra porém guerreira*”, esse porém pode dar uma conotação diminutiva da pessoa, soa como se ser negro fosse algo de menor valor. Já ouvi comentários parecidos, que também nos dão uma conotação racista, como por exemplo, é negro, mas é uma pessoa boa, é negro, mas é inteligente, é negro, mas tem a alma branca. Tanto falamos sobre racismo durante toda a manhã, infelizmente o racismo é um sentimento tão fortemente colocado no inconsciente, que infelizmente essa expressão de tom racista saiu despercebida durante a criação do grupo. Somente através de um trabalho muito bem feito de valorização das culturas africanas e afro-brasileiras conseguiremos superar esse mal.

A segunda equipe foi chamada por seus participantes de Equipe Rastro de amor atos de bravura, composta pelas professoras Pâmela, Flávia e Virgínia, o nome da equipe foi dado como reconhecimento da bravura resiliente da Mãe da professora Sandra que enfrentou de forma aguerrida as dificuldades impostas pela vida.

A equipe criou o poema baseado na História da mãe da professora Sandra Petit, disseram que se tratava de uma pessoa muito interessante, sofrida e que gostaram muito de conhecer e aprender com a sua realidade. Eis o poema:

A História que vou contar agora
 É sobre uma linda senhora
 Que cuidou de onze irmãos
 Com muita sofrença mas de coração

Seu nome era Rosário Maria Ester
 Que vivenciou algumas partes do candomblé
 Apesar de ser muito esforçada
 Se tornou uma pessoa angustiada
 Não queria ter filhos
 Pois já foi maltratada
 Mãe nem pensar para que tanto trabalhar
 Mas o destino dela foi diferente
 Numa casa de madame foi parar de repente
 Num baile social foi lá então que conheceu seu companheiro ideal
 Maria se acostumou com os hábitos de sua Senhora
 Vivenciado em sua vida outrora
 Com o passar do tempo nasceu uma linda menina
 Que apesar de ser criança não vivenciou sua infância
 Foi então que foi parar na capital
 Tendo uma vida sem igual
 Foi quando a vida começou a mudar
 encontrou um jovem fino para casar
 Foi então que chegou a ditadura
 Onde teve que enfrentar a vida com bravura

Quais as ligações com a africanidade encontradas no texto? Que lições podemos tirar para nossas vidas?

A professora Pâmela disse que inicialmente o texto mostra a parte da bisavó, que teve muitos filhos e ela a avó, sendo a mais velha que teve que cuidar dos irmãos.

Depois destacou a solidariedade realizada através da distribuição da sopa, feita em um enorme caldeirão que servia primeiramente a família e depois era distribuída para toda a vizinhança que fazia fila para tomar a deliciosa iguaria. Continuou a fala contando que nos bailes da época existia uma separação entre negros e brancos, mas a parte em que participavam os negros era mais fervorosa, era mais divertida e alegre.

A professora Flávia, continuou argumentando que Maria Ester só teve a oportunidade de aprender a escrever algumas palavras quando foi para a casa de uma madame. Observou que o conhecimento, bem como a aprendizagem, faz uma grande diferença na vida das pessoas. Quando Ester começou a ler, viu o mundo de outra forma. Além disso, a leitura da Bíblia fez um diferencial em seu conhecimento. A professora Virgínia também percebeu a importância do conhecimento e fez uma importante observação, que o pai dela era consciente de que estudos mudavam as pessoas, por essa razão, não deixava sua filha estudar.

A professora Maria Erli continuou a falar sobre o assunto, afirmando que ainda somos muito escravos da mídia, comentou que a mídia comanda os nossos gostos. As pessoas seguem a moda ditada pelos meios de comunicação, elas são levadas a seguir o padrão imposto pela mídia. Mas tudo isso acontece quando as pessoas não têm uma personalidade formada, por isso aceitam essas imposições que as deixam infelizes. No seu argumento transparece a ideia de que as pessoas são infelizes por não serem elas mesmas. Por último disse que não se preocupa com os padrões impostos, que ela segue a sua vida, tendo consciência de o que lhe faz feliz é ser autêntica, ter opinião própria liberta dessas imposições da mídia. Terminado os debates, todos já estavam apressados para ir para suas casas, almoçar para o retorno às aulas, mas apesar da pressa, conseguimos fechar a proposta de datas para o mês de junho.

6.4 Finalizando: avaliando, comendo e cantando

Para realização da sanfona avaliativa fiz os seguintes questionamentos: O que conseguimos aprender no encontro? Quais lições servirão para nossa vida?

01 - Obrigado pela maneira que você conduziu o trabalho de hoje
02 - O assunto de hoje trouxe muita aprendizagem para todos que se encontravam na aula. Com certeza colocaremos em prática tudo que aprendemos hoje.
03 - O encontro foi bastante produtivo
04 - A descontração diálogo cordéis e rimas
05 - Foi maravilhoso: Vamos aprofundar as raízes da nossa História
06 - Foi bastante dinâmico
07 - Gostei das apresentações
08 - O horário foi bem aproveitado
09 - Dinâmico

Sinto-me feliz por ter conseguido organizar e realizar esse encontro de formação. É muito bom perceber que os professores continuam gostando de participar, sentimento refletido na Sanfona avaliativa, que nos mostra que os participantes (às) gostaram de fazer cordel e poesia, gostaram da maneira dinâmica da condução do encontro. Continuarei com a consciência de que poderá ficar ainda melhor. E o melhor será a criação de uma proposta de um currículo

afroreferenciado como instrumento de valorização da cultura afro-brasileira e africana ajudando no combate ao racismo na escola.

Encerrado o encontro fui visitar a minha prima irmã Benedita. Assim que cheguei me fez o convite para almoçar, falei que o pessoal da Maria Pereira estava me esperando para almoçar. Como não queria deixar ninguém insatisfeito, resolvi almoçar nas duas casas. Nas duas o almoço foi frango, feito com temperos diferentes. Essa parte é bastante difícil, pois as pessoas da comunidade costumam ficar chateadas se a gente se nega a comer nas suas casas.

A hospitalidade e a generosidade são marcadores das africanidades. Esse acolhimento era algo costumeiro na casa dos meus pais. Os que chegavam com fome almoçam, na hora da merenda a mesa estava sempre posta, com um delicioso café, pão ou tapioca. Conversas, afetos e muitas tramas de resistência foram articuladas naquela cozinha.

No período da tarde, fui convidado para participar da acolhida dos alunos. Então resolvi ensinar duas cirandas. A chave do Amor, composição das professoras Ângela Linhares e Ninha e Cirandeira, é uma composição realizada com a parceria de meu amigo irmão Fabiano Piúba.

As crianças sentaram nos bancos, organizados em forma circular. Ensinei as canções usando a metodologia desenvolvida pela ONG Um Canto em Cada Canto, a criança aprendeu com facilidade, para finalizar formamos duas grandes rodas, juntos cantamos alegremente as lindas canções circulares.

6.5 Reflexão sobre o terceiro encontro

No terceiro encontro foi realizado o estudo do primeiro capítulo da Professora Sandra Petit, Na acolhida foi apresentada a composição Noite da Cor da pele, as professoras gostaram da melodia ritmada do *maracatu* e da letra que homenageia três mulheres negras, Sandra Petit, Carolina de Jesus e Mãe Vanda.

Foi um momento de importante acolhimento, senti que as professoras gostaram bastante de cantar a poesia Noites da cor da pele, estrelas em cada olhar, a ancestralidade querendo nos encontrar, versos que vão ao encontro aos propósitos dessa formação, marcada pelas africanidades e pelo Pertencimento Afro. Os professores divididos em duas equipes analisaram partes diferentes dos textos e as apresentaram em forma de poesia e cordel. Conseguiram refletir sobre as vidas das pessoas que fazem parte da família da professora Sandra Petit. Avós tias e pais.

Encontraram na narrativa laços de pertencimento e solidariedade, na sopa feita pela sua avô que era servida para as pessoas da comunidade onde moravam, a luta da avó para cuidar do pai da professora, a luta da sua mãe de Sandra Petit que trabalhava. Os bailes que tinham locais separados para negros e brancos.

O importante dessa atividade foi perceber que as professoras/es em suas falas se identificaram na narrativa familiar da professora, fizeram muitas referências, dizendo que aquela história refletia coisa que faziam parte da vida delas/es lembraram que durante um certo tempo existiam festas na Comunidade do Macaco onde havia separação entre brancos e negros. Falaram ainda da luta política do pai da professora Sandra Petit, que foi perseguido e teve que mudar de país, uma das professoras disse essa perseguição continua existindo tanto na comunidade, como em nosso país. Foi um momento de forte reflexão sobre o pertencimento que fez cada professor rememorar a sua própria história e sobre alguns marcadores das africanidades presentes na história que se assemelham aos refletidos por elas/es na Comunidade do Macaco.

Resumo dos aspectos percebidos:

Os afrossaberes não foram trabalhados diretamente, mas indiretamente através da identificação de elementos semelhantes aos relatados no livro da Professora Sandra Petit como os bailes e festas separados de negros e brancos no passado, os laços de solidariedade comunitária, a perseguição política. Na sanfona o sentimento de contentamento com o senso de Pertencimento Afro facilitado pelos dispositivos como acolhida com maracatu, o produto didático a partir de cordel e rimas, a motivação para colocar em prática os aprendizados e forma da atividade considerada bem conduzida.

7 QUARTO ENCONTRO FORMATIVO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA

*“A lua anda devagar, mas atravessa o mundo”
Provérbio africano*

O quarto encontro de formação realizado na Comunidade do Macaco na Escola Josefa Pereira de Sousa aconteceu em 26/06/2023. As chuvas intensas que aconteceram durante o mês de junho de 2023 e algumas questões administrativas causaram a suspensão dos ônibus que transportam estudantes e professores, durante uma boa parte do mês. Apesar das dificuldades, a direção e o corpo docente têm apoiado com muito empenho as nossas formações desde o início. Refletindo sobre os encontros realizados até então, percebi que todos foram perpassados de dificuldade de manter a assiduidade em todos os encontros. No primeiro por exemplo, alguns professores (as) não foram liberados, pois suas turmas estavam fazendo atividades de avaliação diagnóstica. Existiram muitos casos de professores precisarem resolver problemas pessoais, cuidar de familiares adoecidos. Houve ainda substituição de professor que teve seu contrato temporário acabado. Tudo isso fugiu do meu controle. Em função dessa descontinuidade, tive que repetir nesse quarto encontro a atividade de levantamento dos marcadores das africanidades com realização da Árvore dos Afrossaberes. É importante pois se torna um dispositivo indispensável aos objetivos desse estudo para conseguir mexer com a subjetividade das pessoas docentes, que passem a sentir em si mesmas a necessidade de implementação da EREER, não apenas por constar na lei. Mas também queria garantir o objetivo que conheçam o marco legal, sobretudo as Diretrizes de 2004 que regulamentam a lei 10.639/2003. Então me preparei para essa ginga, realizando a atividade da Árvore dos Afrossaberes de um modo que não ficasse monótono e repetitivo para os mais “experientes” com divisão de tarefas, mas momentos de introdução e socialização comuns.

Agora, tive que esperar pacientemente que parassem as chuvas para a realização do trabalho. Eis o planejado:

- 01- Acolhida/relaxamento
- 02- Breve recapitulação da Árvore dos Afrossaberes com afro objetos e leitura do Quadro
- 03- Subgrupos de “novatos” e mais “experientes” com respective tarefa
- 04 - Apresentação da Árvore dos Afrossaberes das pessoas “novatas”
05. Apresentação da Relatoria do Estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico Raciais 2004

05 - Cronograma dos próximos encontros / Sanfona Avaliativa

7.1 Acolhida/relaxamento

Iniciamos o encontro com relaxamento ao som de mantras tibetanos, pedi para cada um inicialmente respirar, segurando e soltando o ar. Depois fizemos movimentos circulares, mexendo braços, pernas, ombros, pescoço. O relaxamento é importante para melhorar a concentração, para que cada um consiga participar do encontro presente de corpo e alma.

7.2 Breve recapitulação da Árvore dos Afrossaberes com afro objetos e Quadro

Naquela manhã, iniciamos o momento conforme planejado, com a apresentação dos afro objetos. comecei apresentando os que escolhi para aquele momento, como o livro “Pretagogia”, obra que estudado em um dos nossos encontros de formação, expus também o livro da escritora Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio.

Durante o comentário sobre criação literária em questão, percebi que ela narra com muita profundidade poética a saga de uma família quilombola, nos fazendo viajar com pertinência incrível pela realidade vivida dos personagens. Com a sua riqueza de detalhes Conceição Evaristo nos possibilita identificarmos múltiplos marcadores das africanidades.

Como justifico no início desse capítulo, foi necessário retomar para quem ainda não tinha realizado a Árvore dos Afrossaberes os motivos desse trabalho e a forma de proceder. Tentei no entanto fazer diferente para que as e os participantes mais experientes pudessem também tirar proveito dessa recapitulação. Resgatei a memória de uma das falas da professora Sandra Petit, que dá ênfase à vivência do processo de construção da Árvore dos Afrossaberes. Ela insiste que o exercício de busca das africanidades é importante para todo o mundo, não apenas para negras e negros. Mesmo que a pessoa não se considere afrodescendente é importante oportunizar a entender que na vida todas/os nós, seja qual for a cor da pele, somos influenciadas/os pelas africanidades, daí a necessidade de identificarmos esses aportes e os valorizarmos como fonte de conhecimento também na escola.

Naquele momento do encontro achei relevante comentar que a Árvore dos Afrossaberes pode ser constituída de múltiplos elementos, como palavras escritas, fotos, objetos, elementos da natureza, alimentos etc. Particularmente os afro objetos são muito úteis

por serem elementos concretos que podemos tocar, manusear, as vezes sentir o cheiro ou a textura.

Para ilustrar dei exemplos da minha própria vida. Evitei citar os mesmos exemplos dos encontros passados, fiz uma descrição minuciosa dos elementos e detalhes da minha Árvore dos afrossaberes tratando inclusive de outros marcadores ainda não citados. Os participantes mais frequentes dos nossos encontros que já passaram pela experiência da elaboração da Árvore e que tinham trazido afro objetos se manifestaram com exemplos deles.

O Professor Emanuel mostrou, a título de exemplo, entre os seus afro objetos, o que chamou de maxixe, uma espécie de bucha natural, que serve de esponja, costumeiramente utilizada para tomar banho e lavar a louça. Apresentou também uma lamparina, afirmando que era usada nas caminhadas noturnas que fazia com sua avó, quando visitava, nas noites sem luar, parentes e amigos.

Em seguida orientei as pessoas novatas sobre o uso do Quadro dos marcadores das africanidades, como subsídios para identificarem seus Afrossaberes. Expliquei que o estudo e levantamento dos marcadores das africanidades é imprescindível para o processo de construção da Árvore, para que fique bem frondosa de saberes. Então fomos lendo o Quadro dos Marcadores das africanidades.

No transcorrer da leitura desse quadro, fiz uma observação sobre o marcador referente aos movimentos de *desterritorialização e territorialização físicos e simbólicos*, comentando que a luta de fundação e permanência na Comunidade do Macaco e sua conquista da terra é sem dúvidas um marcador das africanidades. Comentei outros marcadores, à medida que íamos percorrendo o quadro. No que diz respeito aos sabores da infância, lembrei que quando criança dormia na casa da tia Luiza Jorge. Deitado na rede sentia o cheiro de farinha, no quarto, havia um enorme caixão de farinha cheinho de farinha, beiju, grudes e uma linda cabaça. Comentei que a escritora Bissau guineense Odete Semedo dedica muito espaço na tese de doutorado (2010) à importância da cabaça nos mais diversos momentos cotidianos e rituais. Queria com isso destacar a herança africana constatada nesses relatos.

No que diz respeito ao marcador *simbologia da circularidade e dos tempos do ciclo da natureza*, lembrei da colheita do caju, dentre outros marcadores, pois faz parte da cultura e economia da comunidade que eu já vivenciei nesse território, também lembrei dos bolos de carimã feitos pelas famílias nas casas de farinha, durante a semana santa.

Durante o comentário da parte do quadro que apresenta as *práticas e valores de iniciação, ritos, mestras e mestres negros, rezadores, rezadeiras, escrituras negras, curas e práticas de saúde*, a minha memória foi aguçada e comentei que durante a infância tomei muitos chás, alguns muito estranhos, de gosto amargo como o de Cravo do Santo. Achei importante assinalar que alguns desses chás eram elaborados com substâncias que não poderiam ser reveladas. Segundo reza a tradição, a revelação cortaria o efeito do chá.

A professora Maria Erli teceu comentário sobre alguns chás, concordando comigo e disse que para curar o sarampo se fazia o chá das fezes do cachorro, para coqueluche as pessoas tomavam leite de jumenta preta parida.

A leitura já estava avançada quando chegamos na parte referente aos *cheiros negros, festas da infância, lugares e mitos, músicas, cantos, ritos, cabelos afro, representações da África, artesanatos, outras tecnologias*. Nesse momento o grupo fez referência à casa de taipa existente na Comunidade, notando que é uma tecnologia de construção africana. Sobre o marcador *vocabulário afro, modos de falar* lembrei que certa vez estando comigo na Comunidade do Macaco o meu amigo geógrafo, antropólogo e pesquisador das africanidades Alex Ratts, observou que a maneira de falar do povo da Comunidade do Macaco, pode ser considerada uma manifestação das africanidades, pois na pronúncia de certas palavras, os moradores do Macaco e das comunidades vizinhas costumam substituir o V pelo R, esse jeito de falar estava presente em algumas etnias africanas, um estudo profundo certamente comprovaria a influência africana presente na maneira de pronunciar as palavras.

Depois de entrarmos em comum acordo ficou decidido que seria feita a divisão em subgrupos, conforme já tínhamos pensado no planejamento: Dois subgrupos dos “experientes” se dividiram a leitura e relatoria das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana enquanto o grupo “novato” ficou preparando a sua Árvore dos Afrossaberes, a partir do levantamento de seus afrossaberes.

Os participantes responsáveis pelo estudo das Diretrizes foram organizados da seguinte forma:

- Grupo 1 : Manoel e Flávia : Questões introdutórias e políticas de reparação
- Grupo 2: Maria Erli e Maria Eunice: Educação das relações étnico raciais, políticas de reparações, étnico-raciais e histórias da cultura e determinações.

7.3 Apresentação da Árvore dos Afrossaberes pelo grupo novato

Como combinado, a socialização das árvores foi realizada pelas professoras e professores que ainda não haviam participado dessa vivência nos encontros anteriores.

Dando início às apresentações, a professora Maria Ivonete, falou do período de 0 a 7 anos. Uma das brincadeiras compartilhadas com os seus cinco irmãos, era de fazer comidinha com bolinho de areia, recordou da sua vida simples, afirmou que não gostava de falar de sua infância marcada pela fome e sofrimento, ainda revelou que na hora das refeições todos ficavam juntos, por não ter cadeiras nem mesa, ficavam sentados no chão, a comida era feita no fogão à lenha e o banho era de cuia.

Infelizmente a professora falou que não conseguiu resgatar nenhuma lembrança de sua adolescência, não lembrou por enquanto os afrossaberes dos 14 aos 21. Realmente esse é um trabalho que requer tempo e profundidade.

Depois seguiu contando sua história do período dos 21 a 28, narrou que durante esse tempo trabalhou na secretaria de ação social, em um programa denominado PET, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, no qual eram realizadas atividades como capoeira e dança.

A professora afirmou que achava linda a capoeira, gostava muito da roda, da animação disse: “*Era lindo demais*. Além da capoeira lembrou da feijoada, que quando casou aprendeu a fazer essa deliciosa arte culinária. Continuou a sua apresentação dizendo que dos 28 aos 36, as suas lembranças foram marcadas pela sua postura como professora, que na sala de aula quando via algum coleguinha destratando outro por preconceito racial ou condição social, ficava atenta e chamava atenção dos alunos. Afirmou que os casos em sala de preconceito, continuam corriqueiros e ressaltou a importância dos educadores/as aprenderem a maneira correta de proceder diante dessa situação.

A professora Larissa, comentou sobre o período de 0 a 7, falou que nessa época o seu pai contava lendas, histórias de lobisomem, Trancoso. Falou da história de umas almas, que o seu pai contava que no caminho da casa da sua vó, tinha um cajueiro, toda as vezes que as pessoas passavam naquele lugar ficavam assombradas, se a pessoa estivesse montada em um cavalo a alma sentava na garupa, se fosse de bicicleta, a alma montava na bicicleta, era deveras assombrado aquele caminho.

Continuou a sua narração nos informando sobre o período dos 7 aos 14, momento no qual a sua família passava muita necessidade, todos viviam em uma casinha de taipa, eram sete filhos. Havia muita dificuldade de cuidar de tantas crianças. Achei interessante que identificou a taipa como elemento africano.

Contou que sua mãe gostava de fazer um buraco no chão da casa, no piso de barro, como uma forma de aquecer a criança e ela não cair. Emocionada, a professora enfatizou seguidamente o quanto a sua família era humilde, chegou a defender que aqueles buracos no barro, eram mais seguros para as crianças do que o moderno andajá.

Descreveu com carinho a cozinha da casa, lá eram usadas panelas e pote feitos de barro. Revelou que sua mãe se tornou evangélica quando ela tinha a idade de 7 anos, deu aos nascidos nessa época os nomes de santos como José e Maria. Sobre a sua alimentação, ela era abastecida pelas plantações da roça. Os alimentos consumidos no dia a dia, eram canjica, pamonha e cuscuz. A plantação era feita pelo seu pai.

A professora lembrou que dos 14 aos 21, especificamente aos 17 anos, encontrou o seu marido. Dos 21 aos 28 anos, com o incentivo do seu esposo começou a estudar, fez faculdade, hoje é professora, disse que o momento da sua formação foi de muita felicidade, compartilhada com os seus colegas.

A professora Francisca, iniciou a sua apresentação, falando que o seu nome lhe foi dado para homenagear São Francisco, santo de devoção da sua mãe. Fez um comentário rápido sobre o Chorão, relatou que quando criança as pessoas falavam muito do Chorão, que é uma espécie de recém-nascido, uma assombração que chorava durante as noites, sem parar por ter morrido sem ser batizado.

Continuou sua a apresentação relatando que durante o período de 07 aos 14, participava das festas juninas, dos 14 aos 21, lembrou das coisas que o seu pai contava, um pintinho servia de alimentação para todos da família. Falou ainda sobre as práticas de saúde, resgatando a lembrando que no tratamento de saúde, naquela época, eram usados muitos chás. Citou um curador conhecido como Seu Davi. Por fim falou que Baião de dois com peixe assado eram as comidas mais elaboradas em sua casa, naqueles tempos.

A professora Taís Maria, iniciou a sua apresentação revelando que o seu nome foi escolhido por sua tia em homenagem a Nossa Senhora, disse que suas lembranças dos 0 aos 7 anos, o fez lembrar de alguns mitos, como o do assobiador, que perseguia as pessoas que o imitasse. A Sua mãe contava que certo dia, um homem foi perseguido pelo assobiador, a assombração assobiou tão perto que o homem passou mal e desmaiou. Encerrou a sua fala lembrando das comidas da época dos 07 aos 14 anos que eram principalmente baião de dois, cuscuz, falou ainda da farinhada, do beiju, da goma.

A professora Virgínia iniciou seu relato falando do período de 0 aos 07, dizendo que nas raízes de sua árvore colocou seus pais, falou que a sua família era pobre, que sofreu

muito. Do casamento de seus pais foram gerados cinco filhos, quando ela tinha 3 anos, o seu pai faleceu. Continuou a sua história falando do tempo em que o seu pai foi embora para o Maranhão, relatando que durante esse período sofreu demais. Lembrou que os seus avós paternos ajudaram muito, conseguindo trazê-los para Betânia.

Enalteceu a sua mãe, afirmando que ela tinha muita garra, cuidou sozinha dos cinco filhos, os quais dois se formaram. Relatou ainda que os outros não quiseram estudar, porque na época da sua infância, o seu pai não os deixava estudar, no seu depoimento ela ainda afirmou que: *Ele era muito ignorante, só eu e minha irmã somos registradas com o seu nome, os outros três, minha mãe registrou sozinha, como mãe solteira.* ”

A professora contou com alegria que em sua adolescência ia para as festas, com o seu tio que morava perto da casa da sua mãe, contou com satisfação sobre a animação das festas repleta de danças e roupas coloridas.

A professora ainda disse que durante a sua infância, ia para a casa do seu tio, que era uma casinha feita de taipa. Nas idas para o seu tio, tinha a companhia do seu irmão mais velho, relatou que o tio brincava bastante, às vezes os levava para passear de carroça, em seu relato ainda disse que gostava da casinha de taipa, muitas vezes comiam naquele lugar aconchegante baião com peixe.

Falou ainda que dos 14 aos 21 anos, foi o seu tempo de escola, onde brincava muito com as suas colegas. Dos 21 aos 28, foi a época da sua formatura, ao se formar começou a trabalhar, construiu a sua família, expressou com alegria a notícia de que hoje em dia a sua vive muito bem, graças a Deus.

A professora e coordenadora da escola Eunice, iniciou a sua fala, dizendo que é a décima terceira de muitos irmãos, falou que nas raízes de sua árvore colocou os seus pais, disse ter boas lembranças do seu avô paterno. Falou que seu nome significa a vitoriosa e é de origem Bíblica.

Continuou lembrando que durante a sua infância, o transporte era o garajau, disse que naquela época, apesar de se sentir presa, era muito feliz. A sua família era evangélica, da Assembleia de Deus, Falou que não podiam fazer várias coisas como, pintar as unhas, disse que não acreditava muito nas lendas.

Na sua narrativa falou sobre as comidas que eram cumbica de batata com arroz, baião de dois, teve a doce lembrança do escaldado que a sua mãe fazia, disse que transportava água na cabeça dentro de uma cabaça.

Falando da sua mocidade, disse que adorava fazer tranças no cabelo, uma de cada lado, achava muito lindo, na mesma época sentia o preconceito com o seu cabelo, lembrou que o volume do cabelo incomodava na hora de cuidar, trouxe em sua fala o adjetivo pejorativo: cabelo de bombril.

Ao falar da sua adolescência disse que era designada a cuidar de casa, dos 14 aos 21, opinou dizendo que foi o período maravilhoso, em que se tornou mãe e iniciou o seu trabalho na profissão de professora.

Continuou falando que sua mãe era uma liderança importante, que seus pais eram muito religiosos por isso gostavam de ler a bíblia, ia com frequência para a escola dominical, disse que o modo religioso tradicional dos seus pais a impediu de entrar em contato com aspectos diferentes da nossa cultura.

Encerradas as apresentações das árvores, fiz uma breve observação, afirmando que todos os elementos revelados até o momento são aspectos das africanidades que muitas vezes não valorizamos como por exemplo: As tranças, a cabaça, o barro, as festas entre outros.

A observação que fiz, serviu de inspiração para a professora Eunice dizer que durante uma boa parte da sua vida, não se sentia negra. Lembrou da época da adolescência e relatou: *“Quando eu me envolvi com um rapaz, ouvi uns comentários de gente que falava assim: “Nossa tu vai deixar teu filho se casar com a negra do Chico Cintra!”*

7.4 Apresentação das Diretrizes de 2004

Seguirei tecendo a narrativa de como se deu a apresentação do estudo realizado sobre o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A Equipe 2 formada pelas professoras Maria Eunice e Maria Erli ficaram responsáveis pelo estudo de dois tópicos: **Educação da Relações étnicos raciais e história e cultura afro-brasileira e educação**

A professora Maria Erli, iniciou a sua fala dizendo que nesse tópico as Diretrizes falam sobre o processo político para a valorização da Cultura afro brasileira e africana, disse que é um nome bonito, mas por enquanto está somente no papel. Continuou argumentando que a realidade é totalmente diferente, as suas palavras foram certas: Por mais que a gente tenha consciência, que lute, infelizmente, a proposta ainda não passou do papel, é importante perceber que cada um de nós, tem a responsabilidade de colocar essa a lei em prática.

Ressaltou a importância da nossa autovalorização dizendo que: cada um de nós, tem que começar a se aceitar como é, dizendo: “Se eu sou negra e vou esticar o meu, não estou me valorizando, nem se eu não me identifico com a minha postura, com o meu ser, como é que eu vou valorizar os outros. Para eu amar ao próximo, tenho que me amar primeiro, para eu amar ao próximo, tenho que me aceitar. Essa lei na sua prática é para ter a consciência de que devemos lutar pelos seus direitos.

Deu o seu depoimento contando que nas escolas do município de Itapipoca, no início da lei exigiu que no dia 20 de novembro daquele ano, que fosse registrado em cada diário atividades relacionadas às africanidades, só naquele momento, infelizmente, o município não trabalha essa questão, fez muitas coisas, mas deixou muito a desejar quando se tratou da questão das africanidades.

O que aconteceu, segundo a professora, é que naqueles dias, as professoras tiveram que apagar os diários e registrar alguma coisa relacionada às africanidades, por causa da fiscalização, relatou que foi colocado no diário o que na realidade não aconteceu.

Antes de retomar ao estudo do texto comentou que um currículo que valorize as africanidades, ainda não está colocado em prática, ressaltou a importância da participação de cada um e cada uma para que isso aconteça.

A professora Maria Erli disse ter conhecimento de que nas escolas de comunidades quilombolas e indígenas, os salários de professor, médico, coordenador (a), diretor (a), são mais altos. Por essa razão os governantes não fazem valer o direito.

A professora Maria Eunice, contribuiu com as reflexões do momento e argumentou que o texto mostra que existe uma lei, para ser cumprida pela sociedade. O preconceito contra os negros, é uma realidade inquestionável, infelizmente as pessoas escondem as suas origens, as suas raízes negras, ainda negam a vivência da sua cultura.

A professora Maria Eunice lembra da apresentação das árvores, durante a qual a professora Virgínia fez uma emocionante narrativa sobre as dificuldades enfrentadas em sua vida difícil de pobreza, mas que todas as dificuldades não impediram a família vencer. Encerrando a fala disse: *É muito importante a gente não negar as nossas origens, para demonstrarmos que somos um povo vencedor e apesar das dificuldades lutamos por uma vida melhor.*

No encerramento da sua fala Maria Erli disse que hoje em dia, mora em uma casa de tijolo, mas sentia muita falta da sua casa de taipa. Expressou emocionada: *Quando a gente*

morava naquela casa era feliz, nos dias atuais, tenho uma boa alimentação, mas as vezes tem saudade é daquela casa simples.

A apresentação da segunda equipe, formada pelo professor Emanuel e a professora Flávia, ficou responsável pela parte do texto das Diretrizes que fala sobre as questões introdutórias e políticas de reparação.

O Professor Emanuel iniciou fazendo a leitura de alguns aspectos que a equipe elegeu como importantes. Antecedeu a leitura com a sua impressão sobre o texto, dizendo: *O texto é um parecer, que visa estabelecer a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na educação básica e a construção de uma sociedade justa, independente do pertencimento social.*

Depois fez a leitura da seguinte parte:

“O parecer procura oferecer uma resposta, trata ele de política curricular fundada em dimensões históricas, sociais e antropológicas, oriundas da realidade brasileira e busca combater o racismo e a discriminação que atinge particularmente o negro. Nesta perspectiva, propõe A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Após a leitura do destaque que a equipe fez do texto, o professor Emanuel lembrou do direito de todos à educação, da importância valorização de aspectos como o orgulho da cor, da raça e do pertencimento. Depois, em uma fala empolgada, se referiu às vivências dos nossos Encontros de Formação, enfatizando a real importância das atividades desenvolvidas, que são aparentemente simples, mas conseguem despertar o nosso mais profundo Pertencimento Afro.

Na continuidade do estudo, o professor Emanuel disse que essas políticas têm como meta a defesa do direito dos negros de se reconhecerem na cultura nacional, de expressarem visões de mundo próprias, de se manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos, falou ainda que o texto nos mostrou que o negro tem direito de dar a sua opinião, direito ao conhecimento, ele tem todo direito que um cidadão deve ter.

A professora Maria Eunice interveio, contando que seu vizinho certa vez disse que ela não gostava de andar muito pronta, que ela nem parecia ser uma professora. A professora revelou que nas viagens que fazia para Itapipoca, sempre estava simples de chinela. A professora então classificou a fala do vizinho como preconceituosa.

A professora se justificou dizendo que sua simplicidade é uma opção, assumida pela maioria das pessoas que fazem parte do grupo de oração, que valoriza a simplicidade, que não precisa andar toda arrumada para ser quem ela é.

A professora Maria Erli interferiu dizendo: O comportamento da Maria Eunice, transparece a fortaleza da sua personalidade, que não podemos ser escravos da sociedade, cada um tem o direito de seguir a personalidade que escolher.

Retomando a fala, o professor Emanuel destacou as várias indicações importantes contidas no texto, como o combate ao racismo, o direito à educação, o pertencimento, a política de reparações, no transcorrer da sua fala ainda lembrou de que o negro até hoje, carrega as marcas da falta dessa política de reparações.

Fazendo uma lembrança dos momentos em que no encontro falamos sobre racismo, disse concordar com a ideia de que as pessoas não nascem racistas, o meio é que as torna racistas. A professora Maria Eunice pediu a afirmar que a sociedade brasileira continua profundamente abalada pela falta dessas reparações e indignada, perguntou: será que viveremos mais outros séculos e não conseguiremos uma igualdade, para que a população de cor negra não seja tratada com indiferença?

Dando continuidade a conversa que estava profunda, a professora Maria Erli nos contou que teve uma antiga coordenadora, que falava para todas as pessoas, que ela não sabia se pronunciar. Não satisfeita, por não conseguir abater a professora, disse a triste e desprezível frase: *Negro fede*. Maria Erli afirmou que por compaixão, não entrou com um processo contra essa coordenadora.

A fala da professora Maria Erli instigou a professora Flávia a contar que quando ela fazia a quarta série, a professora usou como tema da aula a questão do racismo, no meio da aula, um dos seus colegas disse, que naquela sala existiam dois pretim, a Fabiana e o Manelzim.

As participações de todos e todas foram importantíssimas, mas finalizando o dia a

Professora Maria Erli emocionalmente desabafou que: “Eu que sou preta lá em casa, e se você ver o que já passei, já levei de secretária da minha mãe, mas nunca me abati porque eu me valorizei, do jeito que eu sou. Hoje, me arrependo, porque eu não processei aquela pessoa, aí eu hoje eu percebi, aquilo que ela fez, foi para se esconder. Ela era sofrida, ela veio da Bahia, você só fala o que o seu coração está transbordando”.

Sanfona Avaliativa do dia 23 de junho de 2023

Participativa, proveitosa, dinâmica, reflexiva
Foi um encontro maravilhoso
Participamos de um aprendizado que podemos botar em prática no dia adia
Participativa e muito proveitosa
Foi bastante produtiva
Tudo foi tratado com bastante respeito
Foi bastante proveitoso
O conhecimento de novas realidades
Foi realizado com união

O final do encontro foi corrido, o ônibus já estava na porta esperando os professores para almoçar e regressar para as suas casas, mesmo assim conseguimos realizar a Sanfona Avaliativa, que nos deu um retorno positivo. Nos argumentos dos participantes, boas palavras refletem a opinião de todos (as), união, proveitoso, participativo, prático e respeitoso.

7.5 Reflexões sobre o quarto encontro

No quarto encontro aconteceram as seguintes atividades: Estudo sobre as diretrizes da EREER, levantamento dos marcadores e apresentação da Árvore dos Afrossaberes. No estudo das Diretrizes EREER, as/os professoras/es fizeram observações importantes sobre o documento que as diretrizes fazem parte de um processo político de valorização do Ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira nas escolas, que continua só no papel, ainda disseram que a responsabilidade pelo cumprimento da lei é de todos é preciso pôr em prática. O currículo da escola ainda não está organizado de forma que favoreça a implementação da lei.

Uma professora falou que a comunidade do Macaco é um assentamento e se eles conseguissem transformar a comunidade em quilombo seria importante, pois em suas palavras afirmou que todos os funcionários das escolas quilombolas recebem melhores salários. Nos corredores ouvi professores falando que iriam fazer tudo possível para transformar a Comunidade do Macaco em um quilombo. Nesse mesmo dia, surgiu a ideia, que infelizmente não foi adiante, de se organizar uma visita a um quilombo.

Considero essas falas importantíssimas, elas refletem o nível de consciência do Pertencimento que foi despertado nessas/nesses professoras/es. Ideia de visitar um quilombo é muito interessante e pode ser levada adiante, mesmo depois da conclusão dessa formação. Lembrando em Itapipoca tem o Quilombo de Nazaré e em Tururu, Conceição dos Caetanos e Água preta.

Outro aspecto importante apresentado sobre a EREER é que portaria também quer garantir o direito de fala dos negros, o direito a reparações, sociais e econômicas, uma das professoras afirmou que essas reparações são importantes, uma das professoras fez o seguinte questionamento, até quando vamos esperar para que essas reparações sejam realizadas?

As sucessivas falas sobre EREER mostram que os professores conseguiram entender os principais objetivos das diretrizes e que tem consciência de que tais objetivos não estão sendo cumpridos nas escolas, inclusive existe um descumprimento na escola Josefa Pereira de Sousa que já foi demonstrado nas falas de encontros anteriores.

Mas diante de todo esse questionamento, é importante perceber que os professores conseguiram avançar no seu entendimento sobre a lei, que de agora em diante eles terão mais argumentos na hora de propor atividades que estejam relacionadas ao Ensino da História e cultura africana e afrobrasileira na escola. Acredito que o Pertencimento Afro despertado ao logo dessa trajetória de formação Pretagógica, poderá ajuda-los a encarar a implementação da EREER como algo que faz parte da sua vida, a perspectiva é que eles entendam que isso é algo ser que parte de si para os outros.

Na apresentação das Árvores dos Afrossaberes foram revelados marcadores e afrossaberes ligados ao barro, a terra, cabaças, capoeira, estórias do lugar, de lobisomem, de buraco no chão para proteger as crianças. Comidas como pamonha, cuscuz, tapioca, fogão a lenha entre outros.

Foi um dos encontros mais emocionantes, em que vários professores choraram, depois de recordarem a vida dura que tinham na infância, uma professora disse que o pai abandonou a família e foi para outro estado e todos foram acolhidos pela vó. Mas ao mesmo tempo teve muitos depoimentos de superação de afirmações, tipo graças a Deus mesmo com as dificuldades consegui estudar e estou aqui.

Todas essas lutas são reflexo do nosso povo negro, que consegue as coisas com mais dificuldade por conta do racismo estrutural.

Os Afrossaberes presentes no quarto encontro também refletem o pertencimento, todos que participaram das formações, saíram de alguma forma transformados, me ponho também nesse lugar de transformação e aprendizado.

8 QUINTO ENCONTRO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA JOSEFA PEREIRA DE SOUSA

A ideia dessa experiência surgiu a partir da vontade de experimentarmos o dispositivo pretagógico Estações de Aprendizagem como apoio formativo para professores e professoras, e meio prático de contribuir com a implementação da EREER na escola, promovendo a transversalidade dos conhecimentos. Existia muita expectativa para a realização desse encontro. Em pleno julho, mês de férias, foi difícil a articulação, mas graças às bênçãos da espiritualidade, tivemos um bom apoio da direção e secretaria da escola. Antes de descrever como foi a atividade na escola, convém trazer um pouco do processo de construção da vivência das Estações de Aprendizagem: constituição do acervo de materiais, desde textos até afro objetos, seleção e planejamento do que iríamos aplicar. Só depois apresento a experiência em si do encontro realizado e seus resultados, que foram animadores.

8.1 Constituindo acervo das fontes coletadas para a construção das Estações de Aprendizagem

Na fase de preparação das estações, minha orientadora, Professora Sandra Petit, me conduziu na busca do material. Na fase final dessa busca, tive também a colaboração das colegas Lara Lobo e Alessandra Masullo, que foram co-autoras comigo de um artigo sobre essa experiência. Fizemos uma ampla pesquisa bibliográfica de variadas fontes sobre o assunto, procurando a diversidade de dimensões da temática com foco no Pertencimento Afro. Achemos mais de 20 referências e fontes entre artigos e livros acadêmicos, livros literários (romances, contos, mitos), músicas com videocliques e letras, documentários sobre taipa, barro e arte afro-brasileira, abrangendo várias áreas de conhecimento, incluindo as origens africanas das tecnologias de barro. No continente berço da humanidade, houve grande uso do barro desde as primeiras povoações e civilizações, tanto nos aspectos utilitários quanto nos ritualísticos e artísticos/estéticos (Serra/Saleh, 2007).

Além da relação com barro/taipa e chão, outro critério de triagem para o trabalho das estações de aprendizagem foi termos fontes não somente acadêmicas, mas também da literatura, tanto escrita quanto oralizada, com contos, mitos e músicas que pudessem abordar ou ilustrar esses aspectos ainda presentes entre nós. A partir do material levantado, separei o material por quatro subtemas, a saber: Mitos e Contos Relativos a Barro/Chão, Senso

Afrocomunitário, Influência da Taipa na Arquitetura do Brasil, e Aportes dos Escravizados na Arquitetura Brasileira. Eis o material levantado, distribuído por subtemas:

Mitos e Contos Relativos a Barro/Chão

- **Ananse e o Pote da Sabedoria**
 - **Autores:** Adwoa Badoe e Baba Wague Diakité
 - **Link:** https://www.smeducacao.com.br/wp-content/uploads/2021/07/HISTORIAS-DE-ANANSE_Degustacao.pdf (tenho a versão impressa do livro "Histórias de Ananse").
- **Igbadu - O Orgasmo Cósmico (A Criação do Elemento Terra)**
 - **Autor:** Awofá Ogbeara
- **A Criação da Terra e do Homem**
 - **Autor:** Onà Artero
- **O Segredo das Folhas (mito Remédio e oferenda)**
 - **Autor:** José Flávio Pessoa de Barros
- **Nanã Fornece a Lama para a Modelagem do Homem**
 - **Autor:** Reginaldo Prandi
 - **Referência:** Prandi, Reginaldo. "Mitologia dos Orixás". São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 196 e 197.

Senso Afrocomunitário

- **A Terra Dá, A Terra Quer**
 - **Autor:** Antônio Bispo dos Santos
- **Somos Todos da Terra (trechos)**
 - **Autor:** Antônio Bispo dos Santos
- **A Tradição Viva**
 - **Autor:** A. Hampatê Bâ
- **Acolhendo o Espírito – Ensinaamentos Ancestrais Africanos na Celebração dos Recém-nascidos e da Comunidade**
 - **Autor:** Sobonfu Somé

Influência da Taipa na Arquitetura do Brasil

- **Arquitetura Popular Afro-brasileira**

- **Autor:** Gunter Weimer
- **Tecnologia Africana e Educação, Capítulo Tecnologias Construtivas Africanas, Parte sobre Taipa**
 - **Autor:** Henrique Cunha Jr.
- **Taipa: Levantamento, Normas e Pesquisas Disseminam Técnica Mais Sustentável**

Aportes dos Escravizados Africanos na Arquitetura Brasileira

- **Entre Escravos e Taipas**
 - **Autor:** Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus
- **Interrelações Arquitetônicas Brasil África**
 - **Autor:** Gunter Weimer
- **Da Taipa à Engenharia: Tecnologia Africana na Construção do Paraná**
 - **Autor:** Nabor Maurício Oliveira Chagas

Músicas que Trazem a Relação com Barro e Chão

- **De Onde Vem o Baião**
 - **Artista:** Gilberto Gil
 - **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=uYZzCuxnvDk>
 - Letra dessa música.
- **Cordeiro de Nanã**
 - **Compositores:** Mateus Aleluia e Dadinho
 - **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=XqPWV0M8B-o> com Mateus Aleluia, Fabiana Aleluia e Thalma Freitas, no piano acompanhados do pai de Thalma, maestro Laércio de Freitas.
 - Letra dessa música.
- **Sopros de Nanã**
 - **Artista:** Alessandra Masullo

Vídeos sobre Casa de Taipa e Sua Construção

- **Construção de pau a pique passo a passo completo - sítio ares da piloa**
 - **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=WMdpbZuEzJI>
- **Tela Rural 2018 .21 - Matéria casa de taipa**

- **Link:** https://www.youtube.com/watch?v=U-f5Mh_o_28
- **Tapando casa de taipa no interior**
- **Link:** https://www.youtube.com/watch?v=Jjk_SFvYqIc

Vídeos sobre Arte do Barro

- **Artesã de 72 anos: dona francisca mora no sítio em jaguaribe/ceará, DIA 08.02.2022**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=KrB8xIcBz4A>
- **Senhora de 71 anos no ceará, extrai barro com picareta**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=dE1yc7kojtA>
- **Documentário: da terra o barro, da arte a vida**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=jUteRqxWB9k>
- **Histórias que transformam - mãos que modelam arte em argila**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=mczoCRiX39M&t=215s>
- **O Artesanato Africano - Veja como Africanos Usam a Arte para Gerar Renda e Cultivar Tradições**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=wVm7wREbEus>
- **“Dos Brasis” é a Maior Exposição de Artistas Negros do Brasil**
- **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=lKaGil9upFM>

8.2 Chegança na Comunidade

A viagem foi tranquila, saímos às 6:10 da manhã e chegamos às 9:10. A minha irmã Francisca Maria (Novinha) nos acompanhou e deu um suporte maravilhoso na cozinha. Ela conversou comigo durante todo o caminho, ajudando a guiar por todo o trajeto, pois ela conhece os mínimos detalhes necessários para se chegar em segurança, depois de tantas viagens feitas para a Comunidade do Macaco ao lado do seu marido Pedro Marcos.

Nossa acolhida na casa do Manoel Cordeiro e da Maria Pereira foi maravilhosa. O almoço foi peixe frito, arroz, macarrão e feijão. “Delícia”! Antes de chegarmos na casa onde ficamos hospedados, tivemos um café com tapioca na casa da minha prima Benedita. Tomei a benção da minha madrinha Francisca Biluca, mãe da Bene e minha tia, rezadeira e matriarca de 84 anos.

O descanso foi pouco, e antes do almoço, fizemos um retoque final no planejamento e avaliação. Tudo preparado e alimentados, rumamos para a escola, seguindo de carro pela estrada que passa em frente à casa de farinha!

Na revisão do planejamento de manhã, na casa do Manoel Cordeiro e Maria Pereira, revisitamos os textos mais apropriados para o aprofundamento dos conteúdos envolvidos nas estações. Antes de iniciarmos a atividade, a sala foi ornamentada especialmente, com um tapete circular colorido no qual foram postos artefatos de barro que foram utilizados para estudo e reflexão. Os objetos marcavam o lugar de cada estação. Eram potes, pratos, alguidares, textos, livros e uma escultura de Obaluaiê pertencente à professora Sandra Petit, feita de plástico e palha.

8.3 Seleção do Material Utilizado na Vivência das Estações de Aprendizagem na Escola da Comunidade do Macaco

Na fase de preparação do plano de vivência das Estações de Aprendizagem, acrescentamos também afro objetos relativos ao barro, pois para entender as cosmo percepções africanas e afro-brasileiras é preciso conhecer e estudar os significados simbólicos dos artefatos e da engenharia de arquitetura que têm o barro como base. Em cada estação foi colocada uma consigna, que era a tarefa a ser realizada nela e que receberia um grupo ou dupla de docentes. Eis o resultado final do plano, que também foi entregue às professoras participantes:

ESTAÇÃO 1: TEMA: MITOS E CONTOS RELATIVOS A BARRO/CHÃO

OBJETIVO: Conhecer contos e mitos africanos, suas mensagens (como a valorização do barro e do chão, dentre outros), refletindo como usá-los em sala de aula na articulação com as matérias ensinadas.

MATERIAL:

- "Ananse e o pote da sabedoria" de Adwoa Badoe e Baba Wague Diakité. Disponível em: [Link](#) (tenho a versão impressa do livro).
- "Igbadu O Orgasmo cósmico (A criação do elemento terra)" de Awofá Ogbebara.
- "A criação da terra e do homem" de Onà Artero.
- "O segredo das folhas" de José Flávio Pessoa de Barros (mito Remédio e oferenda).

- "Nanã fornece a lama para a modelagem do homem" de Reginaldo Prandi in Mitologia dos orixás, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 196 e 197.

OBJETOS: Pote de água, Alguidar de barro, Tigela de barro preto, Cabacinha.

CONSIGNA: Primeiro, ler e se apropriar do material da estação, refletindo o que tem a ver com africanidades e com a comunidade do Macaco. Em seguida, realizar o produto didático: transversalizar duas áreas de conhecimento (Matemática, Português, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Línguas Estrangeiras, Arte e Educação Física), usando uma expressão teatral com título. Por fim, apresentar o produto didático de forma teatral.

ESTAÇÃO 2: TEMA: SENSO AFROCOMUNITÁRIO

OBJETIVO: Conhecer os valores da Espiritualidade Africana (relação com o cosmos, com a natureza, hospitalidade, cuidado consigo e com a comunidade, relação de interdependência entre todos os seres do universo).

MATERIAL:

- "A terra dá a terra quer" de Antônio Bispo dos Santos.
- "Somos todos da terra" (trechos) de Antônio Bispo dos Santos.
- "A tradição viva" de A. Hampatê Bâ.
- "Acolhendo o Espírito – Ensinaamentos ancestrais africanos na celebração dos recém-nascidos e da comunidade" de Sobonfu Somé.

OBJETOS: Uma travessa de barro, um prato de barro e uma tigelinha.

CONSIGNA: Primeiro, ler e se apropriar do material da estação, refletindo o que tem a ver com africanidades e com a comunidade do Macaco. Em seguida, realizar o produto didático: transversalizar duas áreas de conhecimento (Matemática, Português, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Línguas Estrangeiras, Arte e Educação Física), usando expressão poética junto com música. Por fim, apresentar o produto didático como poema musicado com título.

ESTAÇÃO 3: TEMA: INFLUÊNCIA AFRICANA NA ARQUITETURA DO BRASIL ATRAVÉS DA TAIPA

OBJETIVO: Conhecer a grande importância da taipa nos nossos países e etnias africanas de origem e como isso influencia no Brasil nas construções e outros hábitos e valores correlacionados à arquitetura popular. Entender que essa influência africana existe também na elite brasileira e em outros países.

MATERIAL:

- "Arquitetura popular afro-brasileira" de Gunter Weimer.
- "Tecnologia Africana e Educação", capítulo Tecnologias construtivas africanas, parte sobre taipa de Henrique Cunha Jr.
- "Taipa: levantamento, normas e pesquisas disseminam técnica mais sustentável".

OBJETOS: 2 tigelas e uma panelinha de barro.

CONSIGNA: Primeiro, ler e se apropriar do material da estação, refletindo o que tem a ver com africanidades e com a comunidade do Macaco. Em seguida, realizar o produto didático: transversalizar duas áreas de conhecimento (Matemática, Português, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Línguas Estrangeiras, Arte e Educação Física), utilizando dança e canto. Por fim, apresentar o produto didático que incorpore dança e canto (mas pode se referir aos textos também).

ESTAÇÃO 4: TEMA: APORTES DOS ESCRAVIZADOS AFRICANOS NA ARQUITETURA BRASILEIRA

OBJETIVO: Conhecer os importantes aportes africanos na arquitetura do Brasil na área das construções, desde o período escravista, entendendo os conhecimentos de engenharia dos escravizados e de seus descendentes como os irmãos Rebouças.

MATERIAL:

- "Entre escravos e taipas" de Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus.
- "Interrelações arquitetônicas Brasil África" de Gunter Weimer.

- "Da taipa à engenharia: Tecnologia africana na construção do Paraná" de Nabor Maurício Oliveira Chagas.

OBJETOS: Panela de barro e prato de barro.

CONSIGNA: Primeiro, ler e se apropriar do material da estação, refletindo o que tem a ver com africanidades e com a comunidade do Macaco. Em seguida, realizar o produto didático: transversalizar duas áreas de conhecimento (Matemática, Português, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Línguas Estrangeiras, Arte e Educação Física), usando cordel e repente. Por fim, apresentar o produto didático como cordel e trechos em forma de repente.

8.4 Início da Atividade

Na acolhida das professoras, cantei a música *Pessoa Boa*:

"És uma pessoa boa, uma luz que voa pelo infinito, agito de átomos atos de amor, sol e calor. Céu melhor que há feito da divina energia magia de esperar." (Manu Kelé e Eduardo Loureiro JR)

A canção foi sentida e entoada com a ajuda das professoras, que aprenderam com facilidade, utilizando a técnica das repetições da letra ritmada e da melodia. Dando continuidade a esse primeiro momento, realizamos uma breve recordação das formações, enfatizando os assuntos e dispositivos pretagógicos usados em cada uma.

Todos os professores da escola foram convidados a participar do momento, porém estávamos em julho, mês das férias escolares. Uma boa parte dos professores trabalhou pela manhã dando aulas de reforço para os alunos. Nossa expectativa era ter um bom público na formação, mas, a exemplo de Maria Erli e Marliete, que tiveram que levar o pai para fazer exames em Fortaleza, outros professores também, por compromissos diversos, infelizmente não participaram da formação. Mesmo assim, contamos com a participação de quatro professoras: Maria Eunice, Juliana, Flávia e Gerlania.

Logo após a apresentação das Estações de Aprendizagem, as professoras foram convidadas a fazer um passeio por cada estação, com o objetivo de observar os conteúdos e escolher aquele que lhes fosse mais interessante. Foi dado um certo tempo para essa escolha, manuseio, breve leitura e observação. Depois desse momento, decidimos que a melhor maneira

de realizar a estação seria em dupla. Assim, as professoras foram convidadas a escolher uma estação. As professoras Maria Eunice e Juliana, ficaram com a Estação 3 e as professoras Flávia e Gerlania ficaram com a Estação 4. Depois da escolha da estação, foi dado um tempo de uma hora para estudo dos textos e realização da consigna.

8.5 Produtos didáticos realizados pelas professoras

As professoras Maria Eunice e Juliana que ficaram com a Estação de Aprendizagem 3, apresentaram cada uma um produto didático.

Versos de Maria Eunice:

A taipa de mão era um modelo de casa,
feito pelos negros e escravizados.
Existia na colônia por ser um material de qualidade,
resistência e durabilidade.
O barro tem suas grandes vantagens,
basta estudar e conhecer.
Para objetos feitos no barro,
sabemos desenvolver.
Com o barro construimos casas,
panelas, alguidar, copos e jarras.
E tem suas utilidades,
sem falar na resistência e qualidade.
As pessoas em si, que o que vem do barro é pobreza.
Pois vou lhe falar algo, que o que se faz do barro é beleza.
Dentro de todos os objetos que se tem, fica a arte como beleza.
Da casa à obra de arte, do barro, várias outras coisas podemos fazer.
Paro por aqui, em outras citações vem desenvolver.
Portanto, finalizo aqui a comunidade do Macaco.
Com o barro tem tudo a ver.
De todas as citações apresentadas, o barro, a comunidade do Macaco, tem a ver.

Em versos, a professora descreveu de forma criativa o seu aprendizado, mostrando a importância do trabalho especializado dos escravizados com a taipa, que é um elemento

utilizado pelos africanos nas construções. A taipa possui uma ótima durabilidade e, além de servir para construções, também é usada como matéria-prima na produção artesanal de vários utensílios, como panelas, alguidares, copos e jarras. Um detalhe indispensável em sua observação é o argumento de que taipa não é sinônimo de pobreza, mas sim de beleza, que é refletida em obras de arte das mais variadas possíveis. Ela termina o poema fazendo uma ligação afetiva do barro com a Comunidade do Macaco e barro, expressando: "De todas as citações apresentadas, o barro, a Comunidade do Macaco, tem a ver." Isso demonstra a interiorização da ligação de pertencimento que a comunidade do Macaco tem com a cultura africana.

Versos de Juliana:

A professora Juliana recitou os seus versos, que contaram com a participação de todos/as no final da apresentação, repetindo o refrão criado para o poema:

Toda obra construída de taipa guardou uma história dentro dela.

A taipa de pilão, ou mesmo a taipa de mão, são técnicas construtivas com terra crua para casas e edifícios, no meio das cidades ou até mesmo nos sertões. Feito com a participação dos africanos com o toque de suas mãos, todo material construído,

Toda obra construída de taipa, guardou uma história dentro dela.

Quando falamos da Taipa, falamos também das antigas igrejas. A igreja do Rosário, feita pelos negros e reformada. Falamos também da antiga igreja Matriz Paranaense, que foi reconstruída pelo mestre Artíficio Vicente Moreira de Freitas, um antigo negro escravizado.

Toda obra construída de taipa guardou uma história dentro dela.

Também existem inúmeras construções. Estas que trazem sua história, o suor e a tecnologia de homens e mulheres que deixam seu suor e os rastros pelo chão.

Toda obra construída de taipa guarda uma história dentro dela.

Essa frase é bastante impactante: "Toda obra construída de taipa guardou uma história dentro dela." Notamos ao longo desse poema a variação de elementos arquitetônicos construídos com taipa de pilão: casas, igrejas, edifícios, na cidade ou no sertão. É profundo dizer que a história está guardada dentro da casa! Ao longo dos encontros, muitas professoras e professores expressaram afetividade pela casa de taipa, lugar onde cresceram, passando por alegrias e tristezas, e onde conviveram com suas famílias, levando uma vida de contato com a natureza.

As professoras Flávia e Gerlania ficaram com a estação de aprendizagem 4 e produziram um trabalho que foi apresentado pela professora Flávia, que declamou a seguinte poesia:

Poesia de Flávia:

A argila é algo surpreendente
Além de ser a camada da terra,
se transforma em casa pra gente.
Além do mais, há o que não se sabia, que é a cultura africana de dias a dias.
A cultura em que o povo se aperfeiçoou, fazendo casas de taipas.
A Casa de taipa virou curiosidade até de cientistas,
fazendo pesquisa, propondo até entrevistas.
Mas, para começo de história, deixa eu te contar,
casa de taipa, o tempo é demais, deixa eu aprofundar,
pois você sabia que eu me criei dentro de uma casa de taipa,
perdi até a conta, das gotas de água que caíam na minha cabeça.
Quando chovia e a coitada da minha mãe,
logo corria com a bacia para aparar as gotas que caíam.
Ela aprendeu a arte da arquitetura que tinha que construir uma própria casa,
pois a vida era dura.
Sempre as paredes que caíam, normalmente construía,
pegando mais argila para a casa no caminho.
Tudo agora se modificou, agora é casa de tijolo, sim, meu senhor.
Mas a argila ficou na história, pois virou arte de artista.
Ficou e agora é só conquista.

Essa poesia ressalta a importância da argila e da taipa na construção, mencionando a evolução das técnicas e a influência da cultura africana na arquitetura. Flávia compartilhou a experiência pessoal de ter vivido em uma casa de taipa, destacando a resistência e a beleza desse material, que agora é apreciado como arte e conquista.

8.6 Roda de conversa e avaliação

Após a apresentação da professora Flávia, foram feitas as seguintes perguntas:

1. O que vocês aprenderam com essa atividade?

2. O que vocês acharam dessa vivência?
3. Em quais atividades vocês pensaram em relacionar com as matérias?

Respostas das Professoras sobre a Primeira e a Segunda Pergunta:

- Professora Maria Eunice: Hoje foi, assim, uma tarde de muita aprendizagem, né? O que vivenciamos aqui é algo que eu acho que as meninas também já vivenciaram na infância. A minha casa ainda era de taipa também, e vários objetos que estão aqui eram objetos que utilizávamos. Hoje, na minha casa, eu ainda tenho concha feita de coco, da quenga do coco, furada para tirar feijão, outra para tirar carne e caldo, e também tenho o pote. Também tenho um prato para fazer a tapioca. Há coisas que deixamos de usar e sabemos que são necessárias, e percebemos o desperdício das coisas que não utilizamos mais hoje. Feito de barro, é também uma obra de arte. Antigamente, as casas tinham mais segurança por serem feitas de material natural. Isso é muito evidente. Como está citado no texto, muitas pessoas veem isso como um sinal de pobreza. E não é, na minha opinião.
- **Professora Juliana:** Também tínhamos as cabaças que faziam cuias em casa, que usamos para tirar farinha dentro de tambores, sem contar com os baús que guardavam farinha. Além disso, a vassoura de palha era muito utilizada antigamente e ainda é, mas agora feita com outro tipo de material. A palha também era usada para fazer bolsas para carregar feijão. Hoje, há outros materiais, como sacolas e sacos. Tudo era natural e não prejudicava nossa saúde. E os potes d'água, que eram muito utilizados antigamente, ainda são usados na minha casa. Mas hoje em dia, temos mais acesso à água gelada na geladeira.
- **Professora Gerlandia:** Hoje em dia, há pessoas, como minha mãe, que moram em casas de taipa, mas são todas rebocadas e pintadas. A minha casa é próxima da dela, e ela diz que muita gente, familiar de Fortaleza, gosta de vir até lá. Às vezes, ela diz: "Não sei o que esse povo vem fazer aqui numa casa tão feia, uma casa de taipa. Podiam vir para Benedita, que a casa é de tijolo, é uma casa boa." Hoje em dia, muitas pessoas, devido às mudanças, até têm vergonha de morar em casas de taipa. Eu falo para ela: "Mãe, não tenha vergonha de morar na sua casa, porque é sua, e muitos não têm onde morar." Muitas vezes, os turistas valorizam essas casas.
- **Professora Gerlandia:** O que aprendemos sobre a cultura africana é que ela está relacionada com a nossa também. Lembramos dos nossos pais, da nossa avó, que Deus

a tenha, e de como vivíamos em casas de taipa. Toda a realidade que vivemos faz parte da nossa vida, mesmo que hoje não vivamos mais isso. Levamos conosco essas lembranças.

- **Professora Flávia:** Pessoal, hoje, durante os cursos anteriores, percebemos que o povo resgata memórias e culturas que fazem parte de nós e das nossas famílias. Se formos além, veremos que temos uma conexão com a cultura africana. Muitas vezes não valorizamos o que é nosso, e isso faz parte da nossa cultura afro-brasileira. Muitas vezes, como se fala aqui, temos tempo para errar. Há até pesquisas e cientistas que procuram entender por que o barro tem uma função mágica. Eu vi minha mãe fazer buracos, pegar cipó, fazer um trançado e rebocar a parede para transformar uma sala ou uma cozinha. Era tão interessante que eu pensei em fazer o mesmo em casa. E, quando chovia, a água não levava a casa, e minha mãe reconstruía o que a chuva havia levado. Ela sabia fazer tudo isso com barro, e a cultura dela está presente em cada detalhe.
- **Professora Sandra Petit:** Cuidem de vocês, cuidem das suas memórias, porque é um desperdício quando isso se vai e fica enterrado, sem ser mais utilizado. É um desperdício muito grande, pois isso nos enfraquece.

8.7 Sobre as respostas à segunda pergunta

As falas das professoras foram marcadas por uma intensa identificação entre a cultura da comunidade e a cultura africana, o que se reflete na fala da professora Gerlandia: “O que aprendemos sobre a cultura africana é que ela está relacionada com a nossa também.” Isso se evidencia na memória afetiva da professora Maria Eunice, que falou sobre sua relação com a casa de taipa e os objetos de barro. Segundo ela, sua casa ainda era de taipa e muitos dos objetos que ela possui são similares aos que usavam em sua infância. Isso demonstra uma conexão com a cultura e uma reflexão sobre o desperdício de coisas que não utilizamos mais. A professora Flávia, com profunda emoção, revelou a força da mulher negra e suas habilidades ancestrais, ressaltando como o barro possui uma dimensão mágica que transforma a natureza em algo vivo e protetor.

Todos os depoimentos foram carregados de emoção, o que nos leva a reconhecer a enorme importância dos Dispositivos Pretagógicos. Eles revelam o quanto são capazes de provocar o autoconhecimento e, conseqüentemente, promover a introspecção do Pertencimento Afro, que pode acontecer de forma individual e depois coletiva. Estar no lado da porteira de

dentro é um sentimento diferente. Não estudaremos os assuntos da EREER apenas como espectadores, mas como participantes da História daqueles que enfrentam desafios e continuam se reerguendo, valorizando o Pertencimento Afro.

Respostas Relacionadas à Terceira Pergunta:

- **Professora Maria Eunice:** Sobre a matéria, eu acho que podemos levar para a sala de aula o português e as ciências naturais. Para crianças menores, eu levaria conhecimento sobre minha história, falando dos objetos mencionados aqui. Trabalharia com ciências naturais, arte e português.
- **Professora Flávia:** É possível ver vários temas, desde ciência e arte. Podemos usar a argila para atividades na escola, escrever histórias em português e pedir aos alunos que tragam histórias de seus avós. Isso pode engajar muitas atividades, explorando as utilidades dos objetos.

As professoras sugeriram algumas atividades transversais, como integrar a história dos pais e avós com Português e História, além de pesquisar a utilidade dos objetos de barro.

8.8 Reflexão sobre todo o Quinto Encontro

No quinto encontro, foi realizada a vivência do dispositivo Estações de Aprendizagem. Participar desse momento foi enriquecedor. Confesso que não tinha um conhecimento aprofundado sobre esse dispositivo. O planejamento e a execução envolveram várias semanas de pesquisa, com a orientação da professora Sandra Petit, que ajudou bastante na busca de fontes variadas, como artigos, vídeos, livros acadêmicos e literários, músicas, contos e sites. Tudo isso favoreceu a transversalidade dos conhecimentos e das linguagens, um princípio importante da Pretagogia.

Além da pesquisa das fontes, o processo de organização das estações comprovou que a proposição pretagógica do dispositivo possibilita explorar novos horizontes, refletidos na transversalidade das fontes e na ideia de conjugar a Árvore dos Afrossaberes com as Estações.

Diante da enorme variação de afrossaberes encontrados na pesquisa, selecionamos taipa/barro/terra e cabaça. No entanto, como teríamos pouco tempo para trabalhar com as professoras nas Estações, decidimos focar apenas no eixo taipa/barro e terra. Temos todo o material levantado sobre cabaça, que poderia gerar outra vivência nas Estações.

Os afrossaberes citados durante esse último encontro foram: potes, alguidares e panelas de barro, conchas feitas de quenga de coco, cabaças, vassoura de palha, bolsa de palha (uru), e a grande sabedoria ancestral da mãe da professora Flávia em fazer casas de taipa e trabalhar com cipó.

O Pertencimento Afro esteve presente nas falas das professoras de forma diversa, entendendo a importância da taipa e sua relação com a cultura africana. Isso ficou evidente na afirmação da professora de que "nós somos a própria História" e na percepção de que temos uma conexão com a África, bem como no ato de se sentar no chão ao redor da cuia de tapioca para as refeições.

Os resultados mostraram o quanto valeu a pena o esforço e o sacrifício para realizar esse encontro de formação, diante das adversidades enfrentadas e com tão pouco tempo para a defesa. Foi uma ousadia que gerou grandes frutos

9 CONCLUSÃO

Sementes baobás

Somos sementes baobás
Trazidas da África
Continente tradicional
Somos corpos e almas
Dotados de força ancestral

Somos filhos e filhas da diáspora
Ginga cantoria pirraça
Não há preconceito ou racismo que dê jeito
No nosso canto procissão cabaça.

São muitos afrossaberes
Marcadores das africanidades
Do passado presente futuro
Que aqui entoamos ancestralidade

Entra na roda minha gente
Com fé esperança caridade
E de sete em sete anos
Saudemos a circularidade

Desde criança
Ecoam as vozes
Dos nossos queridos avós
Eles são o nosso caminho
A Nossa herança cultural

Somos vidas afloradas
Nos campos cidades terreiros
De Afoxé e maracatu
Somos um povo festeiro
Comemos caruru vatapá canjica e pamonha
Usamos pra saúde o chá
Das folhas que têm a energia
Dos pretos que vieram pra cá
A espiritualidade nos faz suportar
Tantas vidas sofridas
Com bênçãos dos Inquices, Voduns e Orixás
Curamos nossas feridas

O Candomblé a Umbanda
 Danças fé movimentos
 A união filosófica
 Do nosso pertencimento
 Na juventude a encruzilhada
 A luta contra o racismo
 O movimento negro nos dava
 A força para lutar

Na universidade buscamos
 Lugar reconhecimento e saber
 Pra melhorar nossa voz
 Precisamos nos conhecer

Gingar estratégias ousadas
 Fazer da África referencial
 Ter a Pretagogia como guia
 Do nosso quilombo ideal

Conquistar igualdade equidade
 Descolonizar o saber
 Fazer valer nossa História
 Para o mundo nos reconhecer

Ser saber poder
 Kimbundo fon yorubá
 Línguas ancestrais
 Que nos embalam num lugar

Esse é o sopapo poético
 Potente resiliente insurgente
 Que cochicha aos nossos ouvidos
 A oralidade e o africanizar das mentes

Manu Kelé e Alan Brito

A sensação que tenho ao escrever a conclusão dessa pesquisa pretagógica é a de que entrei em um labirinto, tive como fio condutor o pertencimento que não me deixará sair porque continuarei mergulhando profundamente para dentro de mim.

Comigo estiveram nessa viagem as professoras/es da Escola Josefa Pereira de Sousa, que ao longo do caminho formativo, dialogaram com os vários marcadores das africanidades,

cabaças, cuias, pratos de barro, conchas de tirar feijão feitas de quenga de coco, as histórias dos seus nomes, a chegada das primeiras famílias, Os Manel, Os Bilucas e os Frotas, a luta pela regularização das terra junto ao INCRA, o trabalho coletivo nos roçados comunitários, as histórias do lugar, as histórias de assombração, as parteiras, as rezadeiras, as casas de taipa, os deslocamentos das primeiras famílias, a luta pelo assentamento e garantia da terra, a casa de farinha, experiências de racismo, entre outros.

Tais marcadores despertaram em todos os envolvidos, o sentido de pertencimento, que foi transparecido nas histórias dos seus nomes, na ligação afetiva com suas linhagens, nos laços de solidariedade, na preocupação para não deixar que as transformações econômicas e sociais impostas pelo sistema, acabem com as tradições locais, como o trabalho coletivo realizado nas casas de farinha, no bolo de Santo Antônio, tradição da semana santa.

Os encontros nos fizeram mergulhar em assuntos importantes como a EREER, a Lei 10.639, estudos sobre a taipa e barro, o primeiro capítulo do livro Pretagogia da professora Sandra Petit. Foi gratificante ouvir depoimentos que comprovaram a conexão das suas vidas com a História dos pai, mãe e familiares da professora Sandra Petit.

O entendimento sobre a EREER foi refletido de diversas formas, no interesse das professoras/es, de tornar a comunidade um quilombo, na vontade manifestada das professoras/es de realizar uma visita aos quilombos próximos da região, na preocupação com a falta de atividades de EREER na escola, na participação interessada em todos os encontros, realizando todas as vivências de forma alegre.

Aconteceram vários momentos de grandes emoções. Durante a apresentação da minha Árvore dos Afrossaberes, senti o quanto a Pretagogia pôde nos proporcionar um encontro com o passado, que nos possibilita encontrar os afrossaberes e fortalecer o nosso pertencimento, as professoras/os viajaram por suas infâncias, adolescências e se encontraram consigo mesmo se aproximando e reconhecendo o Pertencimento afro em si.

A Árvore dos Afrossaberes foi um dos dispositivos que despertou e nos emocionou bastante, não consegui conter as lágrimas em diversas ocasiões. As professoras/es também foram tocadas por alegrias e tristezas. Quando falaram sobre a dificuldade que passaram durante a infância, marcada pela fome. Contudo não expressaram somente tristezas, também alegrias, principalmente quando falaram de solidariedade e acolhimento, que são ações que fazem parte da Espiritualidade Africana no dia a dia.

Durante o processo de construção das Árvores dos Afrossaberes, na busca interna dos marcadores as/os professoras/es se envolveram de corpo e alma. Uma das professoras se emocionou quando viu na mandala uma concha de tirar feijão, feita de quenga de coco, tal artefato a fez lembrar do almoço em sua casa durante a infância, momento em que todos sentavam em um uru colocado no chão e almoçavam juntos, cada um com o seu prato de barro.

A Árvore dos Afrossaberes foi um dos dispositivos que despertou e nos emocionou bastante, não consegui conter as lágrimas em diversas ocasiões. As professoras/es também foram tocadas por alegrias e tristezas. Quando falaram sobre a dificuldade que passaram durante a infância, marcada pela fome. Contudo não expressaram somente tristezas, também alegrias, principalmente quando falaram de solidariedade e acolhimento, que são ações que fazem parte da Espiritualidade Africana no dia a dia.

Durante o processo de construção das Árvores dos Afrossaberes, na busca interna dos marcadores as/os professoras/es se envolveram de corpo e alma. Uma das professoras se emocionou quando viu na mandala uma concha de tirar feijão, feita de quenga de coco, tal artefato a fez lembrar do almoço em sua casa durante a infância, momento em que todos sentavam em um uru colocado no chão e almoçavam juntos, cada um com o seu prato de barro.

Quando falei em conjugação é porque eu e a minha orientadora tivemos a intuição de que era possível realizar o dispositivo Estações de aprendizagem utilizando cabaça e taipa, dois marcadores que surgiram do resultado das Árvores, deu um enorme trabalho para pesquisar a bibliografia para fazer a vivência mas, com as colaborações da Professora Sandra Petit e das colegas Lara Lobo e Alessandra Masullo, conseguimos esse feito que deu origem a um artigo coletivo nosso que trata da importância dos dispositivos pretagógicos com foco na Árvore dos Afrossaberes e as Estações de Aprendizagem com o tema gerador Barro/Taipa/Terra, comprovando a importância desses elementos enquanto heranças das africanidades que aportaram no Brasil através das e dos Ancestrais.

O quinto encontro foi particularmente fecundo, aprendi muito como pesquisador ao realizar o levantamento do material necessário para a realização das estações, foram pesquisados, contos. Vídeos, músicas, além das fontes acadêmicas. Respondendo as consignas, propostas nas estações, as professoras apresentaram poesia e cordel sobre a taipa e o barro, além de entenderem a importância da taipa e perceber que ela é uma tecnologia africana presente na comunidade pois ainda existem no Macaco algumas casas de taipa centenárias.

O meu processo de pesquisa foi marcado por muitas dificuldades, fui liberado apenas de um turno pela prefeitura de Fortaleza, para cursar o mestrado. Foi preciso muita ginga para

conseguir conciliar os horários de trabalho e estudo, além da organização dos encontros e das viagens. A minha esposa precisou fazer uma cirurgia na coluna, fiquei durante dois meses cuidando dela, e da casa, foi difícil, mas não posso negar que todos esses desafios serviram de aprendizado.

A realização dos planejamentos para os encontros orientados pela professora Sandra Petit, foram momentos de grande aprendizagem. Não podia ser diferente, a professora é uma das mães da Pretagogia e respira sabedoria, conhecimento, organização e muita experiência. Ela que me deu a dica de fazer diários de campo para cada encontro, exercício que resultou na escrita narrativa desse trabalho.

A oportunidade de usar as minhas habilidades artísticas foi bastante prazeroso. Durante os encontros aproveitei os conhecimentos adquiridos na Ong Um Canto em Cada Canto, usei técnicas para o ensino das canções que facilitaram o aprendizado. As canções, cirandas e rodas cantadas animaram de maneira muito especial, toquei violão, tenho certeza que todos gostaram bastante do repertório escolhido para as acolhidas dos encontros.

Minha Música, Meu Pertencimento foi um dispositivo que oportunizou as/os professoras/es realizarem pesquisas musicais ligadas ao Pertencimento Afro de cada um/a. As canções apresentadas no referido dispositivo foram em ritmos de samba, ciranda e reggae, entre outros ritmos de influência africana.

No primeiro, segundo e quinto encontros de formação, contei com parcerias, no primeiro e quinto da professora Sandra Petit, no segundo com a do professor Rafael. Trabalhar em conjunto foi muito bom, a união das experiências tornou o trabalho prazeroso e enriquecedor e repleto de trocas e agradeço por essas colaborações importantes.

O experiente encontro com a Pretagogia me fez aprender o quanto ela é dinâmica, envolvente e promissora. O uso dos dispositivos pretagógicos fazem a diferença, não promove um aprendizado de educação bancária, como diria Paulo Freire, muito pelo contrário, através da Pretagogia todos aprendem na prática, vivenciando, construindo, criando, se envolvendo, dançando, tocando, se emocionando, chorando, sorrindo e experimentando. As experiências de aprendizagem resultam na sua maioria em produtos didáticos, que são configurados em forma de canção, cena de teatro, poesia de cordel, conto ou mesmo uma Árvore carregada de Afrossaberes e pertencimento.

A oportunidade de retornar à comunidade de origem dos meus pais, para realizar essa pesquisa, foi uma benção da espiritualidade, apesar de todas as dificuldades me sinto satisfeito

e feliz, acredito que esse trabalho contribuiu muito com a escola, todas e todos saímos pessoas transformadas.

Acredito que as professoras/es realizarão ações que ajudem a implementação da EREER na escola, digo isso pois logo no primeiro encontro um dos professores já estava gravando as canções da minha apresentação e falando, “vou usar com os meus alunos na aula de português”.

Meu desejo é que a formação pretagógica na Comunidade do Macaco tenha uma continuidade, pois os afrossaberes levantados proporcionam a abertura de um imenso leque de possibilidades. As/os professoras/es poderão usar os resultados dessa pesquisa para inspirarem aulas que alcancem todas as matérias.

Meus planos presentes são: voltar à comunidade e apresentar os resultados da pesquisa. ver com eles a organização de uma visita a um dos quilombos, convidar a professora Sandra Petit para juntos construirmos um projeto de extensão para a Universidade Federal do Ceará, como uma forma de garantir a implementação da EREER na Escola Josefa Pereira de Sousa.

Noites da cor da pele

Noites da cor da pele
Estrelas em cada olhar
A ancestralidade
Querendo nos encontrar

São tantas Carolinas
Mãe Vandas Sandras Petits
Mulheres ecoando a voz
Da nossa África aqui

Sankofas filosofias
Quilombos em comunhão
Ergueremos nossa Aruanda
Com a força da união

Salve Zambi Salve Xangô
Iansã Nanã Exu
Salve a força dos encantados
Em nosso Maracatu

Manu Kelé

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Rebeca de. Didática afrocentrada: a construção de um novo paradigma na componente curricular didática nos países da integração da Unilab. **Revista Humanidades e Inovações**, Palmas, v. 8, n. 67, p. 93-103. 2021.
- ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia, pertencimento afro e marcadores das africanidades**: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. Fortaleza: Impreço, 2015.
- ALVES, Maria Kellynia Farias. **Resistência negra no círculo de cultura sociopoético**: pretagogia e produção didática para implementação da Lei 10.639/03 no Projovem Urbano. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16658>.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.
- BRAGA, Elza Maria Franco. **Olhares sobre a comunidade Serra do Evaristo**: trajetórias, descobertas e construções identitárias. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2021.
- CARTH, John Land. **A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de educação para educação das relações étnico-raciais (afro-brasileira, quilombola, cigana)**. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/26-publicacoes/214-artigos>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- CUNHA JR, Henrique, SILVA; Joselina da SILVA; NUNES, Cícera NUNES. **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FÉLIX, Cristiane de Oliveira. **Formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental em Iguatu-CE**: desafios da construção do pertencimento afro através da Pretagogia. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_dd4cfbc212e02e679169f6f61b88f340. Acesso em: 1 fev. 2022.
- GIL, Gilberto. **Zumbi**, Quilombo. França: WEA, 1984.
- GOMES, Nilma Lino; DE JESUS, Rodrigo Ednilson. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p. 19-33, 2013.
- HOOKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.
- KELÉ, Manu. **Poemas que movem o mar**. Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://manukele.blogspot.com/?m=1>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- LEI 10.639/03 na prática (livro eletrônico): experiências de seis municípios no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Realização Geledés Instituto da Mulher Negra, Instituto Alana. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcglclefindmkaj/https://alana.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Lei1063903_acessivel.pdf. Acesso em: 1 abr. 2024.

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2015. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/120038/comunidade-kalunga-com-suas-tradicoes-e-cultura-e-mostrada-na-serie-nossa-historia-das-redes-sociais-da-alego>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, Santarém, v. 10, p. 1-31, 2020.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da Unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. **Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, p. 599-611, 2019.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola**: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses. 2012. 195 f. – Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

OLIVEIRA, Luíz Fernandes de. **Educação e militância decolonial**. Rio de Janeiro: Selo Novo, 2018.

PETIT, Sandra Haydée. Práticas pedagógicas para a lei nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, n. 3 p. 657-684, 2016.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: EdUECE, 2015, 2019.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde. Pretagogia. Referencial teórico metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: NUNES, Cícera; CUNHA Jr Henrique; SILVA, Joselina (org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 73-101.

RATTS, Alecsandro José Prudêncio. **O mundo é grande e a nação também**: identidade e mobilidade em território negro. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001130285>. Acesso em: 6 fev. 2024.

RATTS, Alecsandro José Prudêncio. Os povos invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará. **Cadernos Ceru** 9, v. 9, p. 109-127, 1988.

RATTS, Alex. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). In: CUNHA JUNIOR, Henrique *et al.* (org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 19-40.

RATTS, Alex. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: SECULT, 2009.

RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Negros do trilho e as perspectivas educacionais**. Fortaleza, UFC, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34448>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SILVA, Cláudia de Oliveira da. **Construindo o pertencimento afroquilombola através das contribuições da pretagogia no Quilombo de Serra do Juá – Caucaia/CE**. 2016. 113 f. – Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as**. 2013. 243 f. – Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Geranilde; LIMA, Ivan; MEIJER, Rebeca Alcântara. **Abordagens políticas, históricas e pedagógicas de igualdade racial no ambiente escolar**. Redenção: UNILAB, 2015.

SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera. **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005. p. 155-172.

SILVA, Samuel Moraes. **Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) e núcleo gestor da educação básica na cidade de Crato-CE**. 2018. 239 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/37887>. Acesso em: 13 maio 2024.

SILVA, Samia Paula dos Santos. Afroceará quilombola. In: SILVA, Samia Paula dos Santos; SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; SILVA, Maria Saraiva da (org.). **Afroceará quilombola**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

SIMÕES, Débora; Tereza de Benguela: rainha do quilombo do Quariterê: Soares, Nicelma Josenila Brito, and Wilma de Nazaré Baía Coelho. Pertencimento racial e relações sociais estabelecidas no espaço escolar. **Instrumento: revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 135-14, 2011.

VASCONCELOS, Fátima; BARROS Rosa. **Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

VENTURA, Wagner Maycron. **Dor linda: da Pretagogia ao Parangadinkra - encruzilhando cosmossensações com conhecimentos didáticos afrorreferenciados**. 2020. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52853>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ZUBARAN Maria Angélica e Petronilha Beatriz Gonçalves SILVA. Interloquções sobre estudos afro-brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 130-140, 2012.

ANEXO – FOTOGRAFIAS



Ca



Casa de Taipa (Tio Juquita)



Casa centenária do Major Liberato Barroso



Dona Maria Jorge Minha mãe



Vô Lucas, Chico Biluca, Vô Josefa Pereira de Sousa, Francisca Biluca (Minha Madrinha)



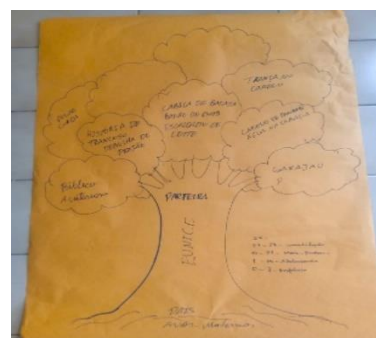
Árvore Professor Emanuel



Árvore Professor Francisco Holanda (Chiquinho)



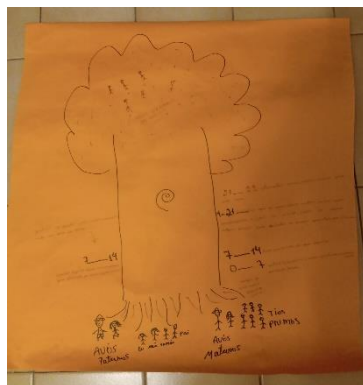
Árvore Professora Camila



Árvore Professora Eunice Dias (Coordenadora)



Árvore Professora
Flávia



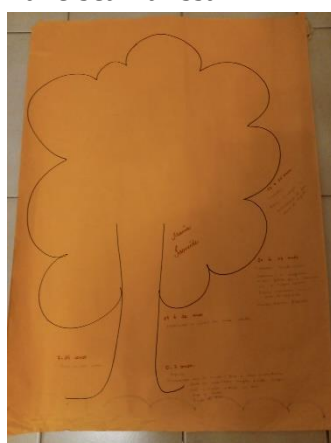
Árvore Professora
Francisca Larissa



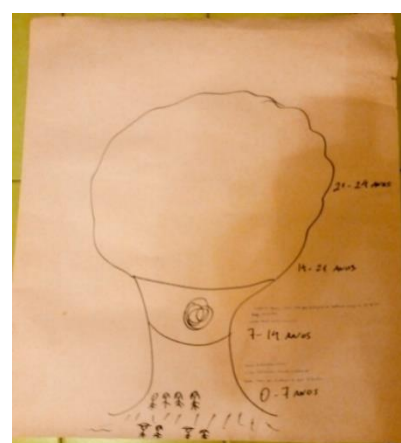
Árvore Professora Pâmela



Árvore Professora Maria Erli



Árvore Professora Maria
Francineide



Árvore Professora Mariana



Árvore Professora Virginia



Árvoré Professora Marliete



Da esquerda para direita
Professoras(or) Francisca,
Maria Eunice, Gelânia, Manu
Kelé e Sandra Petit



Da esquerda para direita
Maria Erli, Maria Eunice,
Pamela Emanuel , Flávia,
Mariliete e Manu Kelé.



Da esquerda para Direita
Mariana e Ivoneide
Apresentado a Árvore



Professoras(es) elaborando
as Árvores dos Afrossaberes



Elaboração das Árvores no
Quarto Encontro



Mandala das Estações de
Aprendizagem montada no
Quinto Encontro



Professora Maria Erli,
Professora Vaneza e
Professor Rafael



Eu e a Professora Sandra
Petit indo para o primeiro
encontro de formação.



Francisco Manoel da Silva (meu pai).